SILVIA PAULA LEITE BICUDO

A “PRIMEIRA VEZ” NA CONTEMPORANEIDADE: INTERSECÇÕES ENTRE SUBJETIVIDADE E CULTURA.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profª. Drª. Flávia Arantes Hime

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2008

Agradecimentos:

Agradeço à minha analista, Helena, por ter me ensinado que a minha sensibilidade é meu maior instrumento de trabalho.

Agradeço às minhas amigas por terem compartilhado esses cinco anos de PUC comigo, a faculdade não seria a mesma sem elas, nós não seríamos as mesmas sem a faculdade.

Agradeço também às minhas amigas de fora da faculdade que se cansaram de me ouvir lamentar pelo seu término e, como reflexo disso, vivenciaram a dificuldade que tive em terminar este trabalho. Algumas emprestaram os ouvidos e os abraços, outras, as habilidades tecnológicas que não possuo.

Agradeço à minha orientadora, Flavia Hime, “uma mulher de peito”, que esteve presente tanto no início como no final da faculdade, fazendo parte desses dois momentos tão importantes de minha vida.

Agradeço às participantes desta pesquisa, por dividirem comigo, de maneira tão sincera, suas histórias e vivências, colaborando para a elaboração deste trabalho.

Silvia Paula Leite Bicudo: A “primeira vez” na contemporaneidade: intersecções entre subjetividade e cultura.
Orientador: Profª. Drª. Flávia Arantes Hime
Palavras chaves: Primeira vez; Contemporaneidade; Subjetividade e Cultura.
7.07.02.04-7

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender o modo como as adolescentes brasileiras vivenciam a “primeira vez” na contemporaneidade, analisando os aspectos subjetivos e culturais, e o modo como estes se relacionam. Para isso, ele retoma como se dá a construção subjetiva da sexualidade para a mulher, sob uma perspectiva psicanalítica, estabelecendo um diálogo entre seu fundador, Freud, e uma perspectiva a ele posterior. Descreve depois, de maneira sucinta, a história do amor e do sexo no ocidente, apresentando as transformações que estes sofreram até chegarmos aos dias atuais, como por exemplo, em relação ao lugar que ambos ocupam na vida dos seres humanos. E, posteriormente, baseado num estudo realizado em 1993 por Desser, analisa como tudo isso influencia na construção da identidade sexual das adolescentes brasileiras.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com quatro adolescentes entre 19 e 22 anos, que tivessem passado pela experiência da primeira vez, tendo elaborado, em maior ou menor grau essa vivência. As entrevistas foram gravadas e a análise e discussão dos dados foi baseada tanto na bibliografia e documentação consultada como na análise do discurso das participantes.

Foi observado, de maneira geral, que ainda hoje, as adolescentes apresentam-se aprisionadas a discursos e práticas, internos e externos, em relação à própria sexualidade, e assim a livre escolha não existe.

Considero este trabalho interessante e relevante na medida em que atualiza a teoria com o contexto podendo oferecer uma contribuição clínica, além de ser útil para se pensar orientações às escolas, ou até mesmo à mídia.

Sumário

1. Introdução 01
2. Construção Social da Sexualidade Feminina 06
2.1 Construção social da identidade sexual das adolescentes brasileiras 10
3. Revisão da Constituição da Sexualidade Feminina segundo Freud 16
3.1 Crítica a Freud: diálogo entre Freud e Nancy Chodorow 25
3.2 Resolução Edípica e Representação Adolescente – uma outra visão 32
4. Método 36
4.1 Pesquisa Descritiva Qualitativa 36
4.2 Instrumento 37
4.3 Participantes 38
4.4 Procedimentos 39
4.5 Considerações Éticas 41
5. Resultados: Transcrição das Entrevistas Semi-Dirigidas 42
5.1 Karina 42
5.2 Priscila 50
5.3 Laura 56
5.4 Juliana 61
6. Análise e Discussão dos Resultados 68
6.1 Sexualidade e sua Teia de Significados 70
6.2 Sexualidade e seus Momentos 81
6.3 Singularidade ou Sentimento de Pertinência 88
7. Considerações FInais 91
Bibliografia 94
Anexos 95

1. INTRODUÇÃO

O sexo sempre teve destaque na história da humanidade. Sua condenação, a princípio, se restringia às mulheres com o intuito de garantir ao homem a certeza de sua paternidade. Durante a pregação e dominância do cristianismo essa condenação generalizou-se, ampliando a repressão sexual tanto para as mulheres como para os homens. Em teoria, o padrão moral que rege a repressão é o mesmo para ambos os sexos, mas na prática, sabemos que isso não se concretiza e os homens recebem maior condescendência.

De acordo com Lins (1948): “A repressão sexual é um conjunto de interdições, permissões, valores, regras estabelecidas pelo social para controlar o exercício da sexualidade” (p. 246). Desse modo, a repressão sexual como fenômeno é intrigante na medida em que algo natural e biológico, como o sexo, sofre modificações quanto ao seu sentido e significado e sua função “quando é deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História.” (Chauí apud Lins 1948).

Chauí (1984) relata que as proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graças a inúmeros procedimentos sociais (como a educação, por exemplo) e são expulsas para longe da consciência quando transgredidas porque, neste caso, trazem sentimentos de dor, sofrimento e culpa que desejamos esquecer ou ocultar.

Assim, de acordo com Lins (1948) “As proibições e interdições externas são interiorizadas, convertendo-se em proibições e interdições internas vividas sob a forma de vergonha e culpa” (p.243).

No início do surgimento da psicanálise, a sociedade européia era muito marcada por esses valores proibitivos, no que diz respeito às mulheres e sua sexualidade. Nesse contexto, a Histeria era muito freqüente, uma vez que, na visão psicanalítica, consiste no recalcamento de idéias que se apresentam ao ego, mas que são com ele incompatíveis, muitas vezes pelo seu forte teor sexual.

Gaiarsa (apud Lins 1948) acrescenta que, de acordo com a visão reichiana, as enfermidade psíquicas são a conseqüência do caos sexual da sociedade, vez que a saúde mental depende da potência orgástica, isto é, do ponto até o qual o indivíduo pode se entregar e experimentar o clímax de excitação no ato sexual. A partir da teoria reichiana, Prescott (apud Lins 1948), realizou um estudo a respeito de 400 sociedades pré-industriais e concluiu que aquelas culturas que dão muito afeto físico a seus filhos e que não reprimem a atividade sexual de seus adolescentes são culturas pouco inclinadas à violência, à escravidão, à religião organizada e vice-versa.

Apesar de que atualmente a moral sexual tenha sofrido grandes transformações e que, tanto os homens quanto as mulheres não aceitam conscientemente a idéia do ato

sexual como pecado, no inconsciente os antigos tabus ainda persistem, pelo menos na cultura ocidental.

Por um lado, hoje, no início do século XXI, a sociedade brasileira, fruto dessas transformações morais, diz-se aberta, permissiva. Também pudera, os estímulos estão em todos os lugares, os meios de informação em geral e principalmente a mídia possibilitam o acesso à informação a todos de uma forma ou de outra (isto é, seja através de outdoors nas ruas, na televisão ou na internet). Desse modo, a histeria saiu de foco, dando lugar aos distúrbios alimentares, transtornos de ansiedade, enfermidades ditas contemporâneas.

Mas a real questão é: o que acontece com as adolescentes, que mesmo frente a tantas possibilidades, diante de tantas formas de obtenção de informação e de uma cultura sexualmente mais "liberal", ainda não sentem que podem viver sua sexualidade de forma plena? Plena no sentido de poder assumi-la perante os outros e a si mesma, de se permitir sentir o prazer por completo, sem culpa.

Segundo Lins (1948) "Quando a repressão é bem sucedida, já não é sentida como tal e a aceitação ou recusa por determinado tipo de comportamento é vivido como se fosse uma livre escolha da pessoa" (p. 244).

Tiger (apud Lins 1948) apresenta uma outra resposta baseada no controle social:

> **"Quanto mais o indivíduo vai ampliando, aprofundando e diversificando sua vida sexual – e isso significa transgredir – mais coragem ganha para fazer outras coisas, questionar outros valores. Começa a viver com maior vontade e decisão. Pode começar a se tornar perigoso..." (p. 246).**

Chauí (1984), diz por sua vez que, ainda que as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas, o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é recente.

Diz ainda que há em toda sociedade, uma regulamentação dos comportamentos sexuais, mas, de maneira geral, na nossa sociedade, existe uma regulamentação ambígua: ora permite-se, através da influência e estimulação da mídia, por exemplo, ora se reprime como faz o catolicismo, religião dominante, a família, a escola, etc.

A partir das proposições acima citadas e da minha própria experiência de vida, na medida em que observo tal padrão de comportamento ambíguo em relação ao sexo, em conhecidas, amigas, amigas de amigas, etc., é possível dizer que a repressão sexual ainda é muito presente em nossa sociedade, sendo provavelmente um dos fatores de alta influência na experimentação das relações sexuais das jovens.

Desse modo, julgo interessante e relevante tentar compreender os fatores e influências sociais, familiares e psicológicos que as mulheres adolescentes enfrentam ao vivenciar suas primeiras relações sexuais bem como sua sexualidade de acordo com a definição dada pela OMS em 1975, isto é, sexualidade enquanto forma de expressão ou o conjunto de formas de comportamento do ser humano, vinculado aos processos somáticos, psicológicos e sociais do sexo.

A maioria dos artigos e teses disponíveis, em livros e na internet sobre o tema: adolescência, mulher e sexualidade, tratavam sobre gravidez ou DSTs e Aids na adolescência. Abordavam a prevenção, a relação das meninas com seus pais, o papel da escola e a orientação sexual. Ainda que apontassem muitas dificuldades e dilemas, esses nunca foram suficientes para impedir que elas realizassem o ato sexual, e a prova disso: terem engravidado ou terem contraído uma DST. Ou seja, as pesquisas se concentram na falta de informação, comunicação e maturidade das jovens que, através do ato sexual, indesejavelmente ficaram grávidas, mas não discutem uma etapa anterior a esta, a investigação dos sentimentos e as possíveis dificuldades relacionadas à decisão de iniciar a vida sexual.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a organização Pan-Americana de Saúde (Opas), a adolescência constitui um processo fundamental biológico e de vivências orgânicas, em que se acelera o desenvolvimento cognitivo e de estruturação da personalidade.

De acordo com Blos (1985), “a adolescência consiste na etapa final da quarta fase do desenvolvimento psicossexual, a fase genital, que fora interrompida pelo período de latência” (p.5). O autor apresenta uma diferença nos conceitos de puberdade e adolescência. O primeiro termo – puberdade, diz respeito às manifestações físicas da maturação sexual, isto é, o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários próprios desse período, ao passo que o segundo termo, adolescência, é utilizado para indicar os processos psicológicos de adaptação à condição dessas transformações corporais.

Também segundo o autor, a psicologia pré-psicanalítica considerava a puberdade como o momento do início físico e emocional do desenvolvimento sexual.

A adolescência se caracteriza sobretudo pelas mudanças físicas que se refletem em todas as facetas do comportamento. Além de serem intensamente afetados pelas mudanças físicas que ocorrem em seus corpos, são também afetados, num plano mais inconsciente, em relação ao desenvolvimento de seus interesses, seu comportamento social e a qualidade de sua vida afetiva.

Erikson (apud Blos 1985) define a adolescência:

> **“não como um período de aflição, mas como uma crise normativa, isto é, uma fase normal de conflito, caracterizada por uma aparente flutuação do vigor do ego e também por um alto potencial de crescimento...” (p. 14).**

Não há uma definição exata que exprima tudo o que a adolescência representa, bem como não há um consenso a respeito da faixa etária: esta varia de acordo com o gênero, o contexto sócio-econômico, apresenta variabilidades relativas à raça, etnia, etc. Por tanto, os diferentes autores “recortam” a fase de acordo com diversos pressupostos.

Estudiosos deste período surpreendem-se com a ampla variação que existe em relação ao início, duração e término da adolescência. Percebem que há um ritmo diferente de modificações fisiológicas nos adolescentes, que faz parte do padrão geral de crescimento do indivíduo. Podem afirmar apenas a existência de padrões, seqüências de maturação na adolescência, mas sua relação com a idade é imprecisa. O comportamento nesta idade é um fenômeno complexo que depende muito tanto dos acontecimentos que marcaram a vida do indivíduo como do ambiente no qual ele cresce.

Desse modo, pelo menos na cultura ocidental, ainda não há um consenso quanto à idade na qual o indivíduo deixa de ser criança e passa a ser adolescente ou deixa de ser adolescente e se transforma em adulto.

Nesse sentido, apenas a idade cronológica não é reconhecida como indicador temporal adequado, pois nem sempre reflete as modificações individuais provocadas pelo processo de maturação. Dentro de um mesmo grupo etário, adolescentes do mesmo sexo podem apresentar grande variabilidade biológica, expressa particularmente pelo desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, que, por sua vez, indicam importantes diferenças no crescimento, desenvolvimento e aptidão física desses jovens.

É consenso, no entanto, que a adolescência está diretamente relacionada tanto com as transformações biológicas corporais como com os fatores psicológicos, sociais e culturais. Assim, a vivência da sexualidade é diferente em cada fase do desenvolvimento humano e não é possível generalizá-la a todas as idades sem cometer erros. Além disso, a adolescência é uma experiência pessoal e única e embora os fatores condicionantes possam ser semelhantes, ou até idênticos, as diferenças entre cada ser humano se manifestam, fazendo com que o vivenciar dessa fase seja peculiar a cada pessoa.

Por meio de todas essas considerações cheguei à conclusão de que a faixa etária adequada para o objetivo dessa pesquisa é dos 16 aos 22 anos. Penso que antes dos 16 anos a possibilidade das mulheres não terem desenvolvido ainda seus caracteres sexuais por completo é maior do que depois desta idade. E ainda, acredito que a partir de tal idade a

mulher já possa desenvolver maturidade suficiente para iniciar suas relações sexuais de forma saudável e responsável.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender as intersecções entre a construção subjetiva da sexualidade da adolescente e as influências de normas, valores e representações da sociedade brasileira, em que está inserida, na sua subjetividade.

Este estudo é relevante na medida em que pode gerar informações que contribuam para a pesquisa relativa ao feminino e, em especial à sexualidade da mulher, podendo gerar novos dados.

Além disso, possibilita a atuação em várias direções, tanto no sentido terapêutico, na prática clínica (terapia de casais, familiar, individual) quanto para a promoção de saúde como, por exemplo, orientação a escolas ou à mídia.

O trabalho organiza-se da seguinte maneira: o capítulo I refere-se à construção social da constituição sexual feminina; o capítulo II trata da construção subjetiva da sexualidade feminina sob a ótica da psicanálise. O capítulo III descreve o método, o capítulo IV apresenta os resultados, o V a análise e discussão dos resultados e finalmente o VI, as considerações finais.

2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE FEMININA

De acordo com Araújo (2002), a história da sexualidade vista como uma construção social aponta mudanças importantes tanto no comportamento sexual como no significado que lhe atribuímos. Por isso não se pode explicar suas formas e variações sem examinar o contexto em que se estabeleceram.

Os estudos de Foucault (apud Araújo, 2002) nos mostram que a sexualidade, longe de ser um fenômeno natural, é, ao contrário, profundamente suscetível às influências sociais e culturais. É produto de forças sociais e históricas. São a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou doentias.

A experiência sexual, como toda experiência humana, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos. A concepção moderna de sexualidade designa uma série de fenômenos que englobam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais e sociais do comportamento, a instauração de regras e normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas, e também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

A partir disso, torna-se importante e de extrema relevância fazer uma breve revisão histórica da construção da sexualidade em nossa sociedade, para podermos compreender o momento que estamos vivenciando atualmente e a maneira como ele influencia e interfere na constituição da identidade sexual das adolescentes.

Maria de Fátima Araújo (2002) traz uma revisão histórica da relação entre amor, casamento e sexualidade:

> **"O amor e o casamento, tal como o conhecemos hoje, surgiu com a ordem burguesa, mas só ganhou feição a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante dentro do casamento. O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, e a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica, era a reprodução"[1]**

Dessa forma, a sexualidade era vivida de maneira diferente para homens e mulheres, sendo que os primeiros gozavam de privilégios devido à naturalização e normatização que, entre outras concepções sexistas, se apoiavam na crença de que os

[1] Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S141498932002000200009&ing=pt&nrm=iso>

homens teriam mais necessidades sexuais que as mulheres. Elas, por sua vez, também eram divididas em mulheres privadas, as esposa com quem o sexo tinha como fim a reprodução, e as mulheres públicas, com quem os homens obtinham o prazer.

> **"Da antigüidade à idade média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos. O casamento não consagrava um relacionamento amoroso. Era um negócio de família, um contrato que dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas. O principal papel do casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões, e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada"[2]**

Além disso, antes do desenvolvimento, a partir do século XVII, das sociedades burguesa, capitalista ou industrial, a sexualidade, tanto dos casados como dos solteiros era regida pela moral cristã. Esta restringia a sexualidade ao casamento e com intuito único de procriação, sendo que o prazer estava condenado.

Desse modo, as práticas sexuais que visavam o prazer, tanto as que hoje consideramos patológicas, perversões e obsessões, quanto às normativas como, por exemplo, a sexualidade infantil e homossexual, eram consideradas "contra a natureza" e as pessoas que as praticavam vistas como psicologicamente perturbadas sendo, portanto, condenadas moral e juridicamente. Ou seja, mesmo a sexualidade permitida deveria corresponder a uma série de prescrições e preceitos, era na realidade uma sexualidade regulada.

As grandes mudanças no casamento, segundo Ariès (apud Araújo 2002), se iniciam com a modernidade. "A valorização do amor individual, presente na ideologia burguesa estabelece o casamento por amor, amor-paixão, com predomínio do erotismo na relação conjugal"[3]

Como nosso foco é a construção da sexualidade feminina na contemporaneidade não nos deteremos na análise do século XIX, pela profundidade e complexidade do tema, apenas ressaltamos que somente naquele momento histórico é que se associou, pela primeira vez, amor e sexo no casamento.

O século XX foi palco de mudanças fundamentais tanto no âmbito social, econômico, político quanto no das relações privadas. Os movimentos feministas que surgiram no início do século se intensificaram nos anos 60/70, juntamente com questionamentos do status quo

[2] Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S141498932002000200009&ing=pt&nrm=iso>
[3] disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S141498932002000200009&ing=pt&nrm=iso>

e a luta de minorias por igualdade de direitos. Entre elas destacamos os homossexuais, os partidos verdes, os pacifistas, etc.

A década de 70 foi um período de grande importância para a mulher. O Brasil, país de modernização tardia se comparado as grandes potencias mundiais, começava a sentir, nesta época, a difusão de uma cultura individualizante, que valorizava o "eu". Engajado nessa filosofia estava o movimento feminista que se tornava cada vez mais forte, ganhando espaço no cenário brasileiro:

> **"Foi na metade dos anos 70 que as mulheres de classe média, de nível universitário, e mulheres pobres, sem educação, organizaram movimentos para que suas reivindicações políticas feministas fossem incluídas no sistema político brasileiro"[4]**

Este movimento reivindicava, para além da igualdade entre os sexos, uma reavaliação das características femininas que foram distorcidas ao serem definidas a partir do ponto de vista masculino, considerando interesses distintos dos da mulher. Foi neste momento também que se iniciou a entrada da mulher em todos os âmbitos do espaço público, em vários níveis do mercado de trabalho.

Além disso, a década de 70 foi marcada pela chegada da pílula anticoncepcional e de alguns métodos esterilizantes. Segundo dados do IBGE e Unicef[5] a taxa total de fertilidade reduziu-se de 5,76 em 1970, para 3,38 em 1989. E, de acordo com Berquó (1989)[6], em 1986, 71% de todas as mulheres brasileiras em idade fértil usavam algum tipo de contraceptivo; destas 44% foram esterilizadas e 41% usavam pílulas anticoncepcionais.

Desse modo, podemos observar que todos esses fatores contribuíram para o início da chamada revolução sexual: a díade mãe/esposa, sob a qual a identidade feminina estava aprisionada teve de ser revista uma vez que os ideais de amor e o lugar que a sexualidade ocupava estavam sofrendo transformações.

Giddens em "A transformação da intimidade" (1993) aponta que todas essas mudanças que foram acontecendo ao longo da modernidade resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos. E, para compreendê-las apresenta três novos conceitos: o amor confluente, a sexualidade plástica e o relacionamento puro.

O "amor confluente" seria uma forma de amor que estaria mais próxima do que se busca no contexto contemporâneo, sendo muito diferente do amor romântico, embora seja, deste, herdeiro. Implica igualdade nas trocas afetivas e no envolvimento emocional, a comunicação entre o casal que se forma é aberta e direta. Nele, o prazer sexual deve ser

[4] disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300016&script=sci_arttext&tlng=pt>
[5] disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300016&script=sci_arttext&tlng=pt>
[6] disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300016&script=sci_arttext&tlng=pt>

recíproco e se torna um elemento-chave para a manutenção ou dissolução do relacionamento, desenvolvendo-se como um ideal numa sociedade onde quase todos têm a oportunidade de se tornarem sexualmente realizados. Além disso, substitui-se a duração da relação pela satisfação dos parceiros. Este fato implica em investimento contínuo no relacionamento, que deve ser sempre reinventado para continuar sendo não só estável como gratificante para ambos.

A sexualidade plástica inicia-se com a limitação da família no século XVIII e se desenvolve com a difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. É determinante para a revolução da autonomia sexual feminina, marcada pela reivindicação da mulher ao prazer. Além disso, não se restringe à heterossexualidade, possibilitando o florescimento da homossexualidade.

Quando se trata de relações amorosas, é através da sexualidade plástica que o "relacionamento puro" toma movimento. Este vincula amor e sexualidade independentemente das regras da aliança:

> **"uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação (...) e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem" (Giddens, 1993, pp. 68-69)**

Assim, a sexualidade também é negociada, vez que é considerada como parte importante do relacionamento: se há exclusividade sexual é porque tem "um papel no relacionamento até o ponto em que os parceiros a considerem desejável ou essencial" (Giddens, 1993, p. 74).

Diante de todas essas considerações, numa sociedade que na contemporaneidade prioriza o novo, o efêmero, o individualismo, o narcisismo e o prazer imediato, torna-se relevante repensar e questionar o lugar das relações. É uma meta importante para homens e mulheres que almejem tanto relações de intimidade quanto autonomia e independência, uma vez que no passado, os seres humanos tinham um desenvolvimento pela metade, cindido: autonomia e independência eram consideradas características masculinas ao passo que o cuidado das relações era do âmbito do feminino, estando homens e mulheres situados em âmbitos excludentes. Os espaços sociais estavam divididos por gênero, assim como o desenvolvimento de traços psicológicos. Hoje, define-se maturidade como autonomia com vinculação, abrindo-se a possibilidade de que homens e mulheres desenvolvam-se de uma maneira mais integral, buscando a completude da intersubjetividade.

2.1 Construção social da identidade sexual das adolescentes brasileiras

No capítulo anterior, com intuito de analisarmos a construção social da sexualidade feminina de uma maneira geral, fizemos uma breve revisão das transformações do lugar que a sexualidade ocupava dentro de uma relação amorosa e como ela era vivenciada, ressaltando as diferenças entre os homens e as mulheres. Como vimos, essas mudanças ocorriam na medida em que a sociedade da época também ia se modificando até chegarmos no século atual.

Apontamos a associação, pela primeira vez, no século XIX do amor e do sexo no casamento e destacamos grandes acontecimentos do século XX, principalmente em relação aos anos 60 e 70 como os movimentos feministas, a chegada de métodos contraceptivos e a entrada das mulheres nos âmbitos públicos.

Neste capítulo, nos deteremos na análise da construção social da identidade sexual feminina das adolescentes brasileiras.

Para isso, utilizaremos um estudo realizado por Nanete Dessser, publicado em seu livro “Adolescência, Sexualidade e Culpa – Um estudo sobre a gravidez precoce nas adolescentes brasileiras” (1993).

Em seu livro, Nanete entrevistou vinte e quatro adolescentes dos estratos médios e operários e uma do rural entre 13 e 19 anos, que tivessem passado pela experiência da gravidez. A autora acredita que tais transformações acima mencionadas a respeito das mudanças na divisão daquilo que era considerado do âmbito masculino e do âmbito feminino e todas as suas implicações dentro da sociedade acabam por abalar a estrutura sobre a qual se constituíra a identidade feminina. E, ao se pensar no conceito de identidade enquanto processo, ou seja, sujeito ao efeito de interações cotidianas, vivências de experiências potencialmente desnormatizadoras – ainda mais quando sobreposta à crise normativa do período adolescente, dever-se-ia levantar questionamentos a respeito dos mecanismos e dispositivos que regulam a sexualidade feminina. Tais questionamentos por sua vez, poderiam modificar a construção da subjetividade e estrutura da identidade feminina.

A grande pergunta que ela procurou responder através de sua pesquisa foi a seguinte: “O que significa para essas jovens mulheres, que vêm de viver uma experiência potencialmente desregularizadora, ser mulher e ser adolescente? Como se estrutura e reestrutura essa identidade a partir de sua experiência?” (p. 16).

De acordo com os discursos de suas informantes (nomenclatura que a autora utilizou para denominar as entrevistadas), o principal significado comum de adolescência, mais ou menos, por todas, formulado:

> **"... é a percepção dessa fase como um período de trânsito para a vida adulta, no qual é legítima a aspiração a uma menor responsabilidade e uma correspondente liberdade maior, a ser empregada na formulação de um projeto de "amadurecimento" que comporta lazer e aprendizado: acúmulo de vivências, ao nível do emocional e do intelecto" (p. 21).**

Desser destaca ainda que o que vai diferenciar as adolescências das informantes pertencentes às famílias dos estratos médios das dos estratos operários é a relação que elas mantêm entre o trabalho e o estudo, bem como a pretensão *versus* a efetiva possibilidade de viver certas experiências percebidas como fonte do amadurecimento acima citado.

Enquanto as primeiras têm como objetivo tornarem-se mulheres modernas; autônomas, profissionais e independentes, as últimas têm a aspiração de tornarem-se "mães" de família sendo a adolescência um período de espera, e o estudo uma ocupação menor, a ser descartado com a maternidade. Para as meninas desses estratos médios, o estudo seria o caminho para atingirem seus objetivos. Conclui a autora que há adolescências e não uma só adolescência.

Em relação ao conceito de identidade, a autora traz diversos pontos de vista, mas todos abordam a idéia de uma identidade dinâmica que sofre transformações à medida em que age sobre o meio modificando-o e este retroage transformando-a. A idéia de Laurentis (apud Desser, 1993, pp.43-44) é um exemplo desse caráter dinâmico:

> **"A identidade como experiência de identidade: a subjetividade feminina é vista não apenas como sobredeterminada por práticas entrelaçadas de saber e poder, mas como construída por interações com o mundo cotidiano, tornando-se um processo continuo de experiências. Identidade deixa de ser um ponto de partida ou de chegada, através do qual se interage com o mundo, passa a ser o processo mesmo de interação, a experiência contínua".**

Desse modo, tendo em vista a identidade enquanto processo pode-se pensar a estruturação e reestruturação da identidade de mulheres jovens num contexto cultural de mudanças aceleradas. A construção de si é modificada por práticas, hábitos, valores e sentimentos que interagem com modelos de identidades femininas sociais alterando-os e refletindo alterações na própria estrutura da subjetividade.

As idéias e reflexões que apontarei a seguir estão baseadas nas reflexões que a autora foi tecendo a partir da análise dos relatos de suas informantes e que eu recortei de acordo com o propósito de tocar os objetivos da presente pesquisa.

Um pano de fundo fundamental para a compreensão da construção social da sexualidade da adolescente é a multiplicidade de expectativas, normas, e valores a que ela está exposta. Uma grande sensualização da jovem, cujo corpo é visto como objeto do desejo alia-se a facilidades para encontros e experimentações sexuais. Por outro lado, há uma normatização de sua sexualidade a fim de "torná-la" pura, como veremos mais à frente.

Um marco central na vida sexual das adolescentes é a menarca: é vivenciada, pelas mulheres, como símbolo do início da sensualização do corpo. Qualquer referência à existência de uma curiosidade sexual anterior a ela é associada à ausência de "maldade". Ou seja, a menarca é vista como a desencadeante da transformação da sexualidade feminina num problema, numa ameaça como veremos adiante, na medida em que a menina toma consciência de que possui um corpo sexualizado.

O problema/ameaça acima citados dizem respeito à ambivalência que existe na construção de uma sexualidade feminina, esta é, ou deveria ser, "normal" em sua existência, ao mesmo tempo em que para se tornar moral e legítima, é problemática em sua vivência. Isto se deve ao fato de que os valores tradicionais que resistem à modernização são reproduzidos e transmitidos muitas vezes pela família, principalmente pelos pais que carregam preconceitos das gerações mais velhas.

Assim, observamos que a imagem de uma sexualidade feminina considerada "normal" se mantém limitada a determinados parâmetros, diferentes daqueles que regulam a sexualidade masculina.

O principal recurso de normatização/moralização é a exigência, principalmente da própria mulher jovem sexualmente ativa, da produção de inocência.

O conceito de inocência está associado a uma ingenuidade biológica na medida em que a adolescente alega desconhecer ou não leva em consideração seus conhecimentos acerca da sexualidade e da reprodução na decisão de iniciar sua vida sexual. Ou seja, o ato sexual não pode ou não deve ser premeditado, não há permissão para utilização dos conhecimentos sobre o corpo e, dessa forma, não há permissão para tornar-se sujeito da própria sexualidade. Aqui podemos observar que a ambivalência é reforçada: por um lado há a naturalização da sexualidade e por outro, a não premeditação e, portanto o desuso de métodos contraceptivos.

A não premeditação, isto é, essa "inocência", se esconde atrás de concepções como o amor que desracionaliza, a paixão que descontrola e assim, por amor, as adolescentes justificam o motivo pelo qual "cederam" ao parceiro. Desse modo há uma demissão da própria sexualidade reduzindo-a à sexualidade do parceiro, uma vez que se estabelece, de

maneira não intencional , um pacto de amor-concessão no qual eu me deixo levar pelo desejo do meu parceiro “sem saber o que estou fazendo”, unicamente por amor, em prol da relação.

Neste caso, vale ressaltar que tal inocência justificaria a gravidez inesperada das adolescentes entrevistadas, uma vez que usar qualquer tipo de contraceptivo, seria premeditar, programar e se preparar para a relação sexual, retomando assim, sua posição de sujeito da própria sexualidade, gerando uma sexualidade culpada.

Ou seja, a “sexualidade é vinculada a motivações que devem operar por uma suspensão da razão e da intencionalidade: assumir a sexualidade e exercê-la racionalmente gera culpa, gera sexualidade culpada” (p. 153).

Através desses novos valores, a mulher não mais virgem normatiza sua experiência sexual pré-marital. O conceito de virgindade anatômica não é mais considerado como fundamental para a mulher “direita”, desde que ela se mantenha inocente e incapaz de programar sua atividade sexual por um longo período após a perda da virgindade.

Assim, criam-se contradições e ambigüidades: se por um lado a perda da virgindade biológica é tida como natural, ao mesmo tempo deve-se manter a idéia da não premeditação e da inocência, e, por outro lado, o não exercício da sexualidade e a manutenção da virgindade podem ser concebidos como patológicos, ou considerados tabu, conforme citou uma das entrevistadas pela pesquisadora Desser(1993, p.69):

> **“Virgindade é tabu que, por mais que tenha homem que ainda valorize ela, depois de uma certa idade já é...quase anormal, já não é... não é uma coisa legal, é uma coisa que...algum problema a pessoa tem.” (Carolina, 16 anos).**

Podemos observar através de seus discursos que, para elas, a perda do valor da virgindade não está associada à modernização da sociedade como um todo ou ao desaparecimento/desconstrução da dupla moral, mas sim à evidência de que, atualmente, as mulheres deixaram de se casar virgens restando aos homens apenas se conformarem com tal fato. Ou seja, não existe a possibilidade de haver uma conscientização acerca de todas as alterações que se verificam em relação a valores e concepções como virgindade, casamento, amor e papéis sexuais dentro da relação conjugal ocorridas em nossa sociedade e a partir da conscientização dessas transformações, conceber a sexualidade feminina como natural e saudável, como o é para os homens. Não, ao contrário, as desigualdades de gênero permanecem e são naturalizadas, gerando os instrumentos de produção de inocência que normatizam a sexualidade feminina desviante:

> **“A identidade “mulher moderna” inclui aspiração ao controle da própria sexualidade. Mas essa aspiração está comprometida pelos liames que atam a jovem “mulher moderna” a uma sexualidade que é “normal”, mas que deve legitimar-se pela inocência, honestidade. O discurso dessas mulheres adolescentes reflete os termos da contradição entre o sexualismo difuso e o que pode ser denominado sancionamento condicional do exercício da sexualidade...” (p 152).**

Desse modo, a adolescente vive, internamente, uma ambigüidade constante, uma luta entre dois pressupostos a cerca de sua sexualidade:

> **“Assim, uma adolescente pode se reconhecer como ligada ao direito de por em prática uma dada conduta sexual: pode se reconhecer como membro de um grupo (...) com direito a uma sexualidade legítima, diferente da geração de sua mãe, ao mesmo tempo em que orienta o exercício de sua sexualidade por normas que suspendem o exercício consciente e programado da sexualidade - normas diferentes das que regulam a sexualidade masculina e com pontos em comum com as que regularam a sexualidade de adolescentes de gerações anteriores – a fim de se por de acordo com o normal” (p. 152).**

Assim, convivem valores arcaicos e modernos, gerando o que Figueira (1987) denomina modernização reativa: uma aparente transformação revela, na verdade, manutenção de valores tradicionais.

3. CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DA SEXUALIDADE FEMININA – PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS

De acordo com Freud (1905) o indivíduo encontra o prazer no próprio corpo, pois nos primeiros tempos de vida a função sexual está intimamente ligada à sobrevivência. O corpo é erotizado: as excitações sexuais estão localizadas em partes do corpo (zonas erógenas) e há um desenvolvimento progressivo também ligado às modificações das formas de gratificação e de relação com o objeto.

Desse modo, ele dividiu o desenvolvimento sexual em algumas fases principais:

Oral, na qual o desejo e o prazer localizam-se primordialmente na boca e na ingestão de alimentos. O seio materno, a mamadeira, a chupeta, os dedos são objetos do prazer, ou seja, o objetivo sexual consiste na incorporação do objeto, a criança conhece o mundo pela boca.

Anal, na qual a zona de erotização é o ânus e a relação com o objeto é de “atividade" e "passividade", intimamente ligada ao controle dos esfíncteres (anal e uretral). Este controle é uma nova fonte de prazer.

Fase fálica

Período de latência

Fase genital

Para atingir os objetivos dessa pesquisa me deterei exclusivamente na fase fálica e desta em diante, tendo como foco, o desenvolvimento sexual feminino. Para essa revisão utilizarei os seguintes textos de Freud: Os três ensaios sobre a sexualidade – 1905, A organização genital infantil da libido – 1923, O Declínio do Complexo de Édipo- 1924, Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos – 1925, Sexualidade feminina – 1931 e Feminilidade - 1931.

Em “Os três ensaios sobre a sexualidade”, Freud (1905) propõe a existência de uma sexualidade infantil e formula o conceito de pulsão. Desse modo, retira a criança de uma posição sexualmente pura e ingênua ao introduzir a idéia de uma pulsão sexual presente desde o início no corpo infantil.

Segundo ele, até a puberdade não existe diferenciação sexual entre o masculino e o feminino, trata-se do monismo sexual. Essa concepção diz que o único órgão sexual reconhecido pela criança nos dois sexos é o órgão sexual masculino, o pênis para os meninos e o clitóris como seu representante nas meninas. As crianças pensam que o mundo é feito à sua imagem e semelhança e ignoram a existência da vagina. Esta não existe psiquicamente e o papel do clitóris é exclusivo.

Essa hipótese faz com que a sexualidade das meninas tenha um caráter profundamente masculino, ela é praticamente um homem até a chegada do complexo de

castração no qual percebe que tem um pênis castrado, mas continua ignorando a existência da vagina.

Mais tarde, em 1923, com “A organização genital infantil da libido”, Freud complementa suas idéias acerca da sexualidade até então elaboradas. Aponta para a percepção de uma diferença mínima entre a organização da sexualidade infantil e a organização da sexualidade adulta, ambas relacionadas à escolha de um objeto e o direcionamento das pulsões para esse objeto. A primeira organização seria fálica ao passo que a segunda seria genital.

Como foi exposto acima, na sexualidade infantil só há o reconhecimento de um órgão sexual e, até este momento da psicanálise, só podemos observar as conseqüências decorrentes desse pressuposto nos meninos.

Na fase fálica, o menino sabe que existem homens e mulheres, mas não sabe que a diferença é anatômica, acreditam que todos os seres humanos, possuem um pênis análogo ao seu. Ao observar uma menina de seu próprio convívio, por exemplo, inicialmente nega tal diferença, mas em seguida, deve se render aos fatos e imagina que a ausência do órgão nela é resultado de uma castração e passa a temer essa eventualidade em si próprio, levando-o ao complexo de castração que será explicado mais adiante.

No entanto, o menino não pensa que todas as mulheres sejam castradas, apenas aquelas que tiveram os mesmos instintos culpáveis que ele. Acredita ainda por muito tempo que sua mãe tem um pênis bem como todas as mulheres “dignas de respeito.”.

Somente quando compreender que apenas as mulheres podem ter filhos é que renuncia a essa idéia. Tal constatação pode gerar no menino certo desprezo pelas mulheres e será somente na puberdade que se desenvolverá a fase genital, quando então, o órgão sexual feminino - a vagina, será descoberto.

Freud relaciona a masculinidade a sujeito-ativo-pênis ao passo que a feminilidade se restringe a objeto-passividade. Tais divisões foram foco da análise do autor em relação às diferenças nos motivos e modalidades da resolução do complexo de Édipo em ambos os sexos.

Segundo ele, o complexo de Édipo é o fenômeno central do período sexual da primeira infância; quando acontece seu declínio a criança passa então para o período de latência.

Nos meninos, o motivo da destruição da organização genital fálica e suas possíveis conseqüências são mais claros que nas meninas. Para os primeiros, o declínio do complexo de Édipo ocorrerá sob a ação do complexo de castração, isto é, através da ameaça da perda de seu pênis.

Quando a criança do sexo masculino volta seus interesses para seu órgão genital, ela passa a manipulá-lo, masturbando-se frequentemente, até que descobre que os adultos

não aprovam esse comportamento, ou seja, essa parte por ela tão valorizada corre o risco de lhe ser tirada.

Geralmente são as mulheres (mães; babás, etc.) que exercem essa ameaça de forma mais ou menos direta, brutal ou suavemente. Por exemplo, muitas vezes alegam que não é o órgão o culpado, esse é passivo, mas a mão do menino que é a ativa e responsável, devendo assim ser punida. Ou ainda, a ameaça pode ser não porque o menino manipula o próprio pênis, mas porque urina todas as noites na cama, e tal comportamento é visto por seus cuidadores como resultado e prova de um interesse inadequado por seu pênis. Segundo Freud, estes provavelmente têm razão, pois a enurese noturna é uma expressão da mesma excitação dos órgãos genitais que impediu a criança de masturbar-se.

No entanto, apenas essa ameaça não é suficiente para que o medo da castração no menino se concretize, pois de início o menino não obedece ou não acredita nessa ameaça. Somente quando ele vê os órgãos genitais femininos é que essa ameaça se consolida. Ou seja, ao perceber a ausência de um pênis numa criatura tão semelhante a ele, torna-se possível imaginar-se sem o órgão genital tão valorizado e assim a ameaça é efetivada.

E ainda, essa possibilidade se torna ainda mais plausível, quando o menino pode relacioná-la com o momento em que vivenciou a privação do seio materno, que é sentido primitivamente como parte de seu próprio corpo, e a exigência da evacuação, ambas representando perdas de partes importantes do seu corpo.

Através então da percepção da possibilidade real de castração vivenciada pelo menino, as duas maneiras de obter satisfação do complexo de Édipo: colocar-se no lugar do pai e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo, ou querer assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua, tornam-se impossíveis vez que acarretam a perda do pênis.

Como a excitação sexual que o leva a masturbar-se está estreitamente ligada a seus desejos edipianos, para ele, a ameaça de castração associa-se a esse desejo. A criança pode ter tido apenas noções vagas do que constitui uma relação erótica satisfatória, mas certamente o pênis deveria desempenhar uma parte nela, pois as sensações em seu próprio órgão eram a prova disso.

Ele vive então um conflito entre seus desejos libidinosos que, no caso do Édipo positivo, voltam-se para a mãe e o interesse narcísico que se dirige para o próprio pênis. Normalmente prevalece o interesse narcísico e o ego da criança se volta contra o complexo de Édipo.

Assim, o abandono dos investimentos objetais é substituído por identificações, o complexo de castração termina pela introjeção da autoridade paterna, ou dos pais, resultando no núcleo do Superego. Este assume a severidade paterna e perpetua a interdição do incesto.

Ao mesmo tempo em que esse processo protege e salva o pênis da castração, também suspende sua função introduzindo a criança no período de latência.

Em relação à dissolução do complexo de Édipo nas meninas, Freud (1924) admite que seu material seja “obscuro e cheio de lacunas” (p.197). Afirma que elas também desenvolvem um complexo de Édipo, um superego e um período de latência, podendo atribuir-lhes uma organização fálica e um complexo de castração. No entanto, estes não ocorrem de forma análoga aos meninos.

Nas meninas ocorre o oposto: ao se dar conta, através da observação do órgão genital masculino, de que ela é castrada, sente-se injustiçada e inferiorizada. Por algum tempo ainda mantém a esperança de que quando crescer também adquirirá um pênis.

Dessa forma, a menina não entende sua falta de pênis como tendo um caráter sexual, ela crê que em alguma época anterior possuíra um órgão tão grande quanto o do menino e depois o perdera por meio da castração. “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência” (p.198).

No entanto, essa renúncia ao pênis por parte da menina não é, por ela, aceita sem nenhuma tentativa de compensação. Assim, substitui o desejo de possuir um pênis pelo desejo de ter um filho, ou seja, seu complexo de Édipo culmina em receber do pai um bebê de presente. Ambos esses desejos, permanecem, segundo Freud, catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a menina para seu papel posterior.

Desse modo, o complexo de Édipo nas crianças do sexo feminino é mais simples, ela deseja assumir o papel da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. Quando percebe que esse seu desejo de ganhar do pai um bebê também é impossível vai, gradativamente, abandonando-o.

Freud questiona também aqui o fato de que, uma vez que a menina não vivencia o temor à castração - motivo pelo qual o superego se forma e a dissolução da organização genital infantil ocorre - não é mais válido. E termina reafirmando que a compreensão acerca do desenvolvimento sexual feminino é vago e incompleto.

Desse modo, em 1925, através de “Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud procura esclarecer melhor de onde vêm as diferenças entre o desenvolvimento sexual masculino e o desenvolvimento sexual feminino.

Afirma que o desenvolvimento sexual das meninas, como supôs antes não é análogo ao dos meninos, no entanto, até aquele momento, o ponto do desenvolvimento em que reside essa diferença não podia ser claramente definido. Analisando o período “pré – edipiano”, mesmo nos meninos, levanta várias questões e se questiona se o processo nas meninas segue invariavelmente o mesmo curso, e se mesmo com as diferenças preliminares não convergem ambos para a mesma situação final.

Como foi apresentado acima, a atitude edipiana nos meninos pertence à fase fálica e sua destruição é ocasionada pelo temor à castração, onde o interesse narcísico pelos órgãos genitais prevalece. Entretanto, mesmo no menino, existe uma dupla orientação edipiana, ativa e passiva, devido à sua constituição bissexual. Assim, em dado momento do seu desenvolvimento, o menino deseja tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor de seu pai, o que seria uma posição feminina.

Traz também uma dúvida em relação à masturbação: estaria essa, como já havia dito, desde o início ligada ao complexo de Édipo como descarga sexual que lhe é própria ou seu aparecimento seria, a princípio, espontâneo, ou seja, uma atividade de um órgão corporal que em dado momento é colocado em relação ao complexo de Édipo? Acredita ser a segunda opção a mais plausível.

As crianças em idade muito precoce podem ter sua primeira excitação sexual desencadeada pela escuta do ato sexual de seus pais e esse é então o inicio de todo o seu desenvolvimento sexual. Mais tarde, a masturbação, bem como as duas posições do complexo de Édipo estabelecem relação com essa experiência primitiva, tendo a criança interpretado seu significado anteriormente. Todavia, não pode afirmar com certeza que a observação do coito seja universal, e aponta assim para as fantasias primitivas infantis.

É sabido que em ambos os sexos, a mãe é o objeto original; nos meninos ela se mantém nessa posição durante o complexo de Édipo; entretanto, nas meninas, como ocorre a substituição do objeto original da mãe pelo pai?

Ao notar a diferença anatômica entre os sexos, os meninos ficarão de início indiferentes, mas ao retomarem a ameaça de castração e estabelecerem uma ligação entre os dois fatos, ficarão aterrorizados, e ocorrerá então a dissolução do complexo de Édipo. Já as meninas, ao notarem a diferença anatômica entre os sexos sentem-se inferiores e passam a invejar o pênis. Conservam assim a esperança de um dia possuir um pênis também ou negam a castração; chegam a pensar que foram punidas, até se darem conta de que compartilham dessa condição com todas as outras mulheres e querem se tornar um homem.

Dessa forma, a inveja do pênis pode ser deslocada dando lugar a um caráter feminino, o ciúme e assim, a menina passa a querer mal a sua mãe uma vez que ela não lhe deu um pênis; acusa-a de amar mais aos irmãos (possuidores de pênis) e a partir desse momento, se afasta desse objeto original. Conseqüentemente, pára de se masturbar, pois está decepcionada com seu clitóris.

Ou seja, é o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos que obriga a menina a renunciar à sua masculinidade e a caminhar em direção da sua feminilidade. Ao renunciar ao desejo de ter um pênis a menina compensa-o através do desejo de ganhar do

pai um bebê. A mãe passa então a ser uma rival e a menina transforma-se a partir daí em uma pequena mulher.

Desse modo, Freud (1924) conclui que nas meninas o complexo de Édipo é uma formação secundária: “Enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (p. 285). Ou seja, o complexo de castração em ambos os caso gera, por um lado, a inibição e limitação da masculinidade e, por outro, o incentivo à feminilidade. A diferença no modo como este vai repercutir no desenvolvimento sexual de cada um dos sexos deve-se à distinção anatômica entre eles.

Nos meninos, através do complexo de castração, o complexo de Édipo é destruído. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualisadas e sublimadas, os objetos serão incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego. Em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais nem no inconsciente; o superego tornou-se seu herdeiro, representante da cultura e moralidade.

Já nas meninas, o efeito da castração consistiu em forçar a criança ao Édipo e nelas falta o motivo para sua total demolição. Assim, o complexo de Édipo é, por elas, lentamente abandonado ou reprimido e seus efeitos podem persistir ao longo da vida mental das mulheres. Com isso, seu superego jamais é tão inexorável, tão independente de suas origens emocionais quanto o do homem.

Em 1931 em “Sexualidade Feminina”, Freud retoma a questão edipiana na menina e investiga mais a fundo como se daria a mudança, na menina, do objeto original. Isto é, da fixação materna para a paterna e a mudança do órgão genital - do clitóris à vagina. Freud nos relembra que a mulher só atinge a normal situação edipiana positiva (de fixação paterna, tendo a mãe como rival) depois de ter superado um período anterior, governado pelo complexo negativo, aonde a mãe é o objeto original de amor e o pai, ainda que não de maneira tão intensa quanto o é para os meninos, considerado um rival alvo de sentimentos hostis.

Desse modo, a idéia de que não há universalidade e nem paralelismo entre o complexo de Édipo da mulher e do homem é vez por todas comprovada, e assim, a fase pré-edipiana na menina obtém uma importância que até então não lhe era atribuída. No entanto, Freud reafirma que essa fase é difícil de ser analisada e que ainda contém muitas lacunas, inclusive porque é reprimida de maneira inexorável. Além disso, ela parece ser o ponto de fixação da histeria e da paranóia feminina.

Outro ponto abordado nesta conferência é a bissexualidade. Segundo Freud (1931), ela está presente tanto na mulher quanto no homem, porém é mais evidente nas mulheres uma vez que essas possuem dois órgãos componentes da zona sexual, a vagina, o órgão em si, e o clitóris, análogo ao pênis, ao passo que o homem possui apenas o pênis.

A vagina é durante muitos anos, inexistente já que não produz sensações até a puberdade e assim, as principais ocorrências genitais na infância se dão em relação ao clitóris.

Desse modo, há uma divisão do desenvolvimento feminino em duas fases: a primeira, de caráter masculino, tem o clitóris como representante e a segunda especificamente feminina seria quando, ao longo da transição de uma para a outra, a vagina se faz presente psiquicamente. Todavia, o clitóris continua ao longo da vida, mas de maneira variável e ainda não satisfatoriamente entendida. Tal fato seria uma outra complicação acerca da sexualidade feminina, das quais desconhecemos a base psicológica.

Ao final do desenvolvimento pré-edipiano feminino, o pai é, ou deveria ser tomado por seu objeto de amor o que nos indica, portanto, que a mudança no próprio sexo deve corresponder à mudança no sexo de seu objeto, ou seja, quando se vê como uma menina, na segunda fase, é que a mãe se torna sua rival.

Freud (1931) ressalta que, mesmo essa rivalidade e sentimento de ódio para com a mãe, nas meninas, são ambivalentes: o complexo de Édipo de amor por um e ódio pelo outro só acontece nos meninos. Nos últimos, inclusive, reminiscências do complexo de Édipo permanecem fazendo-os sentirem certo desprezo em relação às mulheres por serem estas castradas. Em casos extremos, esse desprezo pode resultar na inibição de sua escolha objetal que, se somada a fatores orgânicos, pode desencadear na homossexualidade.

Quando a menina reconhece sua própria castração e, conseqüentemente se sente inferiorizada, se rebela contra essa realidade. Tal protesto vai resultar em três possibilidades:

1ª-ao ver-se insatisfeita com o próprio clitóris abandona-o renunciando à sua sexualidade.

2ª-tem a esperança de que ganhará em algum momento um pênis: complexo de masculinidade que, dependendo do percurso, poderá levar à terceira possibilidade:

3ª-procura o pai para tomá-lo como objeto de amor, seguindo de acordo com a forma feminina do complexo de Édipo.

A partir disso podemos observar que ele constitui o final de um processo demorado e que, diferentemente de como ocorre nos meninos, ele não é inteiramente destruído, é apenas, de alguma maneira, superado.

O amor infantil é, de maneira geral, ilimitado e exige posse exclusiva “não se contenta com menos do que tudo” (p. 239). A criança sente ciúmes de ter de dividir o amor materno com irmãos e rivais, como o pai, por exemplo. Freud (1931) apresenta alguns motivos para o afastamento da menina de sua mãe, isto é, o que a leva para a fixação paterna:

A libido dirigida à mãe não tem objetivo real e, por isso ela é incapaz de proporcionar satisfação completa, sendo assim, está fadada a acabar em desapontamento, cedendo lugar a uma atitude hostil. No decorrer do desenvolvimento a libido abandona sua posição insatisfatória a fim de descobrir uma nova.

Reprova a mãe, pois esta não lhe deu um pênis. Ou de maneira geral não atendeu a suas expectativas de amor, não dando leite suficiente, por exemplo. Sente ciúmes daqueles a quem sua mãe dá seu amor, isto é, a irmãos, marido, namorado, pai, pois não aceita dividi-la com ninguém.

Durante o complexo de castração a menina despreza a mãe castrada e a feminilidade em geral reprova a mãe por tê-la seduzido, despertando sua atividade sexual através dos cuidados de higiene, por exemplo, e depois a tolhindo quando proíbe a masturbação.

A fase pré-edipiana na menina serve de referência para fenômenos, bem posteriores da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos na infância.

Sobre a intensa ligação com a mãe Freud afirma:

> **"... é fortemente ambivalente, sendo precisamente em conseqüência dessa ambivalência que (com assistência dos outros fatores que aduzimos) sua ligação se afasta à força da mãe mais uma vez, isto é, em conseqüência de uma característica infantil geral" (Freud, 1931, p.243).**

Já os meninos conseguem deixar a ligação com a mãe intacta vez que podem transferir dentre seus sentimentos ambivalentes, a hostilidade para o pai.

Como vimos, um dos motivos para que a menina se afaste da mãe é que os seus interesses sexuais para com ela não são satisfeitos, mas quais seriam objetivos sexuais da menina em relação à mãe? Freud responde afirmando que são as fases libidinais que vão determinar os objetivos sexuais, sendo que estas podem ser tanto passivas quanto ativas.

As primeiras experiências sexuais de relação são de caráter passivo, a mãe a alimenta, a lava e a amamenta. Em seguida, a amamentação passiva dá lugar ao sugar ativo do peito, ou então a criança deseja ela mesma ser ativa e poder executar a ação sendo independente de sua mãe. E ainda, pode querer repetir as experiências passivas de forma ativa através dos brinquedos, como as bonecas ou transformar a mãe em objeto e comporta-se para com ela como sujeito ativo. A atividade da feminilidade que se manifesta nesses casos expressa uma ligação com a mãe na qual o pai não intervém.

Os desejos orais e sádicos da menina em relação à mãe são submetidos a uma forte repressão precoce e, como seus representantes, aparece nelas um temor de ser morta pela mãe, o que justificaria seu desejo de morte contra esta, caso o desejo se torne consciente.

Quanto aos desejos passivos da fase fálica, a menina sente-se seduzida pela sua mãe, vez que é está quem a introduz, inevitavelmente, através dos cuidados higiênicos a sensações prazerosas genitais.

Também na fase fálica, surgem impulsos cheios de desejos intensos e ativos dirigidos à mãe e assim a atividade sexual desse período culmina na masturbação clitoriana.

A frustração das tendências ativas através da impossibilidade de sua satisfação propicia o estabelecimento do primado das tendências passivas; se essas são elas próprias frustradas demais, a sexualidade da menina é mais ou menos inibida.

Desse modo, "... fatores biológicos desviam essas forças libidinais de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo sentido, masculinas, para canais femininos" (Freud, 1931, p.247).

Vale ressaltar que, apesar da libido possuir objetivos, isto é, modalidades de satisfação tanto ativas quanto passivas, ela é uma só.

Aponta que o motivo real de tal hostilidade pode ser explicado, realmente, através do caráter predominantemente ambivalente que tem as relações da primeira infância.

Essa ambivalência - característica da sexualidade infantil, cercada de hostilidade e transitivismo entre o sujeito e o outro - é decorrente do caráter imaginário que permeia a relação entre a criança e a mãe antes da entrada do pai em vigor. É a partir da instauração do pai na relação que se estabelecem os papéis sexuais, tanto do homem quanto da mulher. O afastamento da menina em relação à mãe é mais do que uma mudança de objeto, o endereçamento ao pai é realizado a partir das tendências passivas, na medida em que conseguiram escapar dos efeitos do recalcamento das tendências ativas. Desse modo, o caminho para a feminilidade está aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que lentamente teve de abandonar.

Na conferência XXXIII, "Feminilidade", Freud (1932), ressalta a importância da fase pré-edipiana. Diz que quase tudo o que posteriormente encontrarmos em sua relação com o pai, já esteve em sua vinculação inicial com a mãe e foi transferido, subsequentemente, para seu pai. Ou seja, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edipiana à mãe, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres.

Diante da castração, Freud coloca que as três saídas possíveis são: a inibição sexual ou histeria, o complexo de masculinidade e a feminilidade verdadeira, através da maternidade. Em todas as três, o que está em jogo é a inveja do pênis, ou seja, a questão fálica.

Na primeira possibilidade ocorre a perda do prazer obtido a partir do clitóris diante da comparação com o pênis. A menina percebe que está em desvantagem e prefere abandonar o prazer clitoriano. A partir daí, boa parte de suas inclinações sexuais é recalcada, a menina fica anestesiada. Juntamente com a excitação do clitóris é necessário que a menina renuncie a uma determinada parcela da atividade. A passividade passa então a predominar e é isso o que permite o endereçamento ao pai com o conseqüente encaminhamento para o que seria a terceira possibilidade, a verdadeira feminilidade, quando espera deste, não mais que lhe de seu pênis, mas que lhe dê um bebê. O bebê assume, simbolicamente, o lugar do pênis.

Assim, a maternidade é uma forma de conseguir o falo através da substituição do pênis pelo bebê. A outra saída possível, o complexo de masculinidade, ocorre quando a menina se recusa a abrir mão de sua sexualidade masculina, certa de que ainda ganhará um pênis, sendo a homossexualidade um dos desfechos possíveis. O complexo de masculinidade pressupõe uma evitação da passividade.

Como se pode perceber, para Freud, a verdadeira feminilidade não comporta de fato um abandono da inveja do pênis. Sua via regia seria a maternidade, que nada mais é do que a substituição do pênis pelo filho. Por mais que essa substituição implique numa simbolização do pênis, que deixa de estar exclusivamente remetido ao órgão masculino, a sexualidade feminina não deixa de permanecer totalmente remetida à ordem fálica.

> **"Isso é tudo o que eu tinha a dizer a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre agradavél (...) Se quiserem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes" (p. 134).**

3.1 Crítica a Freud: diálogo entre Freud e Nancy Chodorow

Ao longo da história da psicanálise, a visão da sociedade em relação à mulher foi revelando várias faces e foi analisada sob diferentes prismas. Antes de Freud (Estudos sobre a histeria - 1985) os conceitos de mulher e loucura andavam lado a lado.

A psicanálise, nascida a partir do interesse no tratamento das mulheres histéricas, colocava a questão da sexualidade feminina em um lugar de destaque. Ao mesmo tempo em que assumia um lugar importante nesta pesquisa, ela também constituía um ponto de impasse para Freud que, como vimos no capítulo anterior, deixou claro muitas vezes que era um tema obscuro e cheio de lacunas.

Aos poucos, as mulheres começaram a ocupar lugares importantes dentro da instituição freudiana. As pioneiras que se tornaram médicas psicanalistas voltaram a atenção para a sexualidade feminina, dando um impulso para o estudo deste tema. Em 1931 em Sexualidade Feminina, Freud responde às criticas realizadas pela Escola Inglesa reconhecendo, implicitamente, que como as mulheres analistas ocupavam na análise um lugar de substituto materno, poderiam compreender melhor do que ele a questão da sexualidade feminina.

Assim, julgo relevante realizarmos uma leitura psicanalítica sob o ponto de vista de uma mulher que dialogue com Freud estabelecendo críticas e paralelos. Além disso, considerando que a sociedade na qual Freud criou sua teoria difere muito da sociedade atual em que vivemos, torna-se importante buscarmos uma compreensão mais atual a respeito do tema.

Para tanto utilizaremos alguns capítulos do livro de Nancy Chorodow: “Psicanálise da Maternidade - Uma crítica a Freud a partir da mulher” (1990), referentes à configuração edípica nas mulheres e todas as suas implicações. Neles a autora apresenta outras considerações acerca da constituição sexual feminina citando analistas como Klein, Horney e Deutsch que permeiam o seu pensamento.

É necessário ressaltar que as críticas e reflexões que a autora tece sobre esse tema ao longo de seu livro são feitas a partir do que ela nomeia de “enfoque psicanalítico tradicional ou clássico”. De acordo com este, a principal tarefa edípica seria a predisposição para os relacionamentos adultos heterossexuais e, desse modo, o dever primordial de uma menina é tornar-se orientada para os homens:

> **“Orientação para os homens” adquiriu um significado definitivo nas concepções psicanalíticas. A heterossexualidade feminina nesse modelo herdou características vitorianas que incluem a passividade das mulheres e a subordinação do sexo à procriação” (p.145).**

Mais especificamente, o enfoque clássico do complexo de édipo feminino se dá a partir da inveja do pênis (forma feminina do complexo de castração): a menina rejeita sua mãe quando descobre que esta não pode lhe dar um pênis, o que a leva a voltar-se para seu pai exclusivamente e, daí por diante ver a mãe somente como uma rival sexual.

Segundo Chodorow, esse enfoque acentua a perfeição do apelo da menina a seu pai e a intensidade da hostilidade na rejeição da mãe assumindo que "a menina abandona sua mãe como objeto de amor com muito mais amargor e determinação que o menino" (Brunswick apud Chodorow 1990, p.148). A autora discorda desse fato uma vez que a continuidade dos problemas pré-edípicos na vida das mulheres sugere que uma menina não abandona totalmente esse relacionamento pré-edípico, ao contrário, ele é a base sobre a qual será construído tudo o que posteriormente vier na vida da mulher. Além disso, a menina integra sua situação triangular muito mais tarde em um contexto relacional diferentes do menino.

Desse modo, como vimos também no capítulo anterior, observamos que o fato da menina voltar-se para seu pai em busca de um pênis e, posteriormente através da equação pênis–bebê, um bebê é consenso. No entanto as explicações e causas dessa busca divergem muito.

Horney, Jones e Klein seguidos por Janine Chasseguet-Smirgel defendem que não é necessária qualquer explicação para justificar a mudança de fixação de objeto da menina da mãe para o pai, já que esta é simplesmente a expressão de uma heterossexualidade inata que se desenvolve espontaneamente numa menina. Ou seja, a menina, originalmente, quer um pênis em termos libidinais para sua própria satisfação sexual e não narcisicamente para ser seu próprio órgão sexual, reparador de sua falta.

> **"Uma menina chega ao complexo de édípico sobretudo pelos impulsos heterossexuais femininos inatos e pela crença de que seu pai irá satisfazer impulsos suscitados pela frustração oral materna..'' (p.150).**

Acrescentam ainda que a inveja do pênis é posterior a essa espontaneidade e está a serviço de uma defesa contra as conseqüências que esses desejos libidinais, fantasiosamente, podem causar, como a retaliação materna para Klein, a extinção da própria sexualidade segundo Jones e a ruptura interna devido a penetração de acordo com Horney.

> **"... A narcisística inveja do pênis vem depois e é uma fuga defensiva desses desejos edípicos libidinais e o medo de suas**

> **conseqüências (se ela tivesse um pênis próprio não desejaria seu pai sexualmente e, pois não teria medo das conseqüências desse desejo)" (p.150).**

Ou seja, enquanto para Freud o desejo sexual na menina começa pela busca da reparação de sua "lesão" narcísica e, futuramente, está ligado à reprodução, para os autores acima ela busca o sexo para seu prazer pessoal.

No entanto, para Chodorow, as idéias de Klein, Horney e Jones se apóiam unicamente na hipótese biológica do impulso heterossexual natural que não pode ser comprovada ou testada através de métodos clínicos e empíricos e ainda, não explicam como ou porque esses impulsos vêm à tona quando chamados.

Apesar disso, diz a autora, mesmo de um modo exclusivamente biológico tratam o sexo e a reprodução como duas coisas separadas, retirando a mulher da posição com características vitorianas de passividade e subordinação do sexo à procriação.

Chodorow aponta ainda uma terceira visão baseada em achados clínicos psicanalíticos e observações de psicólogos sociais que sugerem que: em primeiro lugar a relação da menina com a mãe motiva-a a procurar em algum lugar outros tipos de relacionamento e os poderes que o pênis pode lhe dar. E em segundo lugar que, para satisfazer essas necessidades generalizadas, a menina deve ser estimulada a procurar em alguma parte seu pai, que também lhe empresta um matiz sexualizado.

Isto é, segundo Leonard (apud Chodorow, 1990, p. 152), a influência do pai na constituição da heterossexualidade da menina é grande, sua função é decisiva para o desenvolvimento de sua filha no período edípico e durante a pré – adolescência. Se o pai não estiver suficientemente presente, a filha o idealizará e repetirá esta conduta futuramente em suas relações com os homens, ou então irá dotá-los de características punitivas ou sádicas. Por outro lado se ele estiver presente em demasia sendo possessivo e sedutor, ou estiver identificado com a filha, poderá exigir que esta desenvolva defesas contra o envolvimento com ele e com os homens de maneira geral.

> **"Os pais, devem ser capazes de estar à disposição como um objeto de amor heterossexual e oferecer afeição sem serem seduzidos pelas fantasias de suas filhas ou seduzi-las com as fantasias deles mesmos. Caso contrário, a menina não desenvolverá heterossexualidade adequada" (p. 152).**

Outros estudos realizados por psicólogos sociais demonstram que os pais gostam de ser cortejados por suas filhas e estimulam esse comportamento feminino, ou seja, os pais

em geral caracterizam sexualmente seus filhos de maneira mais consciente que as mulheres em direção às funções de gênero tradicionais de nossa sociedade e estimulam o comportamento heterossexual em suas filhas.

Essas observações acima, explicam o ponto de vista aparentemente “espontâneo e natural” de Horney, Klein e Jones, em relação à busca da menina por seu pai. Essa busca espontânea por seu pai tem na realidade aspectos de uma interação: uma menina procura uma figura primária em sua vida que a difira de sua mãe e, por isso, volta-se em direção ao pai. Este, por sua vez, se envolve com seus filhos através de condutas estereotipadas das funções do gênero.

No entanto, segundo a autora, todos os relatos psicanalíticos indicam que a mudança de objeto de amor da menina, da mãe para o pai, resulta da relação anterior e primeira entre mãe e filha, encontrando nela seu significado. Esse relacionamento é ambivalente e, portanto, essa ambivalência é carregada pela menina quando esta busca e volta-se para seu pai.

A principal crítica da autora em relação à formulação freudiana da situação edípica feminina e sua dissolução é que os motivos por ele apresentados para que uma menina se frustre com sua mãe desenvolvendo, para com ela, sentimentos de hostilidade, são os mesmos para os meninos. Sendo assim, por que as meninas recorrem ao pai como resultado disso e seu irmão (representante dos meninos) não o faz? Todas as outras críticas decorrrem dessa questão central.

> **“Na mais antiga formulação (a mais conhecida), as crianças de ambos os gêneros culpam sua mãe por não satisfazer necessidades (insaciáveis) orais, por transferir seu cuidado e peito a um rival mais novo, por despertar e depois proibir desejos sexuais” (p.154).**

Freud e seus colegas não criaram uma explicação satisfatória para essa questão, uma vez que não sustentam nem a teoria da heterossexualidade inata de Horney e nem reconhecem o possível papel desempenhado pelo pai em cortejar uma menina, uma filha, mas não um menino, um filho. Ambas essas formulações explicariam o porquê da diferença entre o Édipo feminino e o Édipo masculino.

No entanto a explicação que desenvolveram diz respeito à inveja do pênis: a menina ao descobrir que é castrada acusa e culpa sua mãe por não ter lhe dado um pênis e, ao descobrir que sua mãe também o é passa a rejeitá-la com ódio por sua própria privação e desprezo pelo estado de sua mãe castrada, recorrendo assim, ao pai, para que este lhe de um pênis e consequentemente através da equação simbólica, um bebê.

E ainda, Freud enfatiza mais o desprezo que o ódio na rejeição da mãe pela menina. Esta amava sua mãe fálica e ativa e a rejeita desprezando-a quando descobre sua inferioridade, sentindo-se também inferior. Da mesma maneira, os meninos, ao descobrirem que as mulheres são castradas também as rejeitam e menosprezam, inclusive a própria mãe. De acordo com Brunswick (apud Chodorow, p. 154), esse deprezo pode levar um menino a abandonar sua mãe como objeto de amor e, a partir da dissolução edípica, voltar sua atenção para a formação do superego e às sublimações, mas segundo a autora, ele nunca sugere que esse abandono tem implicações para sua orientação sexual mais geral.

Outro foco importante destacado pela autora é o movimento de discriminação e separação da mãe, para que seu filho e sua filha possam desenvolver sua autonomia e independência.

A onipotência materna perpetua o amor primário e a identificação primária, assim todas as crianças querem e devem libertar-se da onipotência de sua mãe e obter um senso de diferenciação e autonomia.

O menino o faz através de sua masculinidade e posse de um pênis e é precisamente por causa de sua masculinidade que recebe de sua mãe investimento libidinal com direcionamento heterossexual. Seu pênis e sua masculinidade compensam sua precoce feriada narcísica e simbolizam sua independência e separabilidade de sua mãe.

Já a menina, não tem algo diferente e desejável com o que opor-se à onipotência da mãe e não é por esta investida libidinalmente num sentido de direcionamento sexual, mas sim, como uma extensão de si própria, como parte de um eu narcisicamente definido ficando então “aprisionada” à mãe. Ou seja, a menina não tem uma virtude narcísica que sua mãe não possua e por isso não está apta a mostrar sua independência para com ela.

Assim, uma das tentativas da menina de libertar-se de sua mãe se dá através do aparecimento da inveja do pênis, ou desejo de possuir um pênis uma vez que através da obtenção deste se sentirá poderosa e forte suficiente para voltar-se contra ela, diferenciando-se. Nas palavras de Chasseguet-Smirgel (apud in Chodorow, p. 157):

> **“... Considero o pênis não como uma “reivindicação de virilidade” para alguma coisa que se queira por si mesma, mas como uma revolta contra a pessoa que causou a lesão narcisística: a mãe onipotente... A lesão narcisística suscitada pelo desamparo da criança e inveja do pênis estão intimamente relacionadas”.**

Desse modo, como reforça Chodorow, esse ponto de vista estabelece uma metáfora adequada para o pênis ou falo: este é visto como um símbolo de poder e onipotência

independentemente de se tê-lo como órgão sexual (no caso dos homens) ou de se querer tê-lo como objeto sexual (como a mãe possui o do pai).

Isto é, a menina deseja possuir um pênis pelos poderes que ele simboliza e lhe confere, como sua maior autonomia e independência materna, e não simplesmente porque o melhor é o ser masculino. Novamente Chasseguet-Smirgel (apud Chodorow, p. 158) expressa bem a condição desse desejo: “As mulheres não desejam tornar-se homens, mas querem destacar-se da mãe e se tornarem mulheres completas, autônomas.”

Nesse sentido, o pai aparece como aquele que possibilitará essa separação materna. O apego ao pai nasce e depende do apego primeiro à mãe, reforçando a importância da fase pré–edípica na menina por Freud mencionada. A rejeição edípica em relação à mãe é uma questão de defesa contra essa identificação primária com ela e é por isso tanto uma questão interna da menina quanto relacional no mundo.

Na medida em que a menina está identificada com a mãe, e seu relacionamento retém qualidades da identificação e simbiose primárias, o que ela está fazendo, ao dividir sua imagem materna íntima, é tentar por decreto, estabelecer limites entre elas. Ela o faz ao projetar em sua mãe tudo o que há de mau em sua unidade, retendo tudo o que é bom para si mesmo. Inclusive depois, quando se volta para o pai, divide a imagem que possui dele transferindo todos os maus aspectos deste para sua mãe também.

No entanto, critica Chodorow (1990), esse ponto de vista não considera os sentimentos de amor da menina pela mãe, afinal ambivalência inclui a hostilidade, mas também o amor. Assim, Chasseguet-Smirgel ao desconsiderar esta ambivalência, acaba por não analisar o amor intenso da menina pela mãe na fase pré-edípica, “um amor que Freud e a maioria dos analistas tomam como evidente por si, mesmo quando falam de hostilidade” (p. 159).

A autora apresenta então, um outro enfoque que leva em consideração a ambivalência da menina quanto à sua mãe. Este concorda com Freud no que diz respeito à importância do complexo de castração para o desenvolvimento heterossexual da menina, porém, não presume que as origens desse complexo sejam evidentes por si. Ao contrário, buscam suas origens em causas mais imediatamente orientadas a objetos: “É o amor pela mãe que causa as mais graves dificuldades para a menininha” (Balint apud Chodorow, p. 159).

Ballint, Brunswick e Lampl-de Groot discutem que inveja e lesão narcisíca são insuficientes para justificar a força do ódio da menina pela mãe. Ao perceber que seus órgãos genitais, semelhantes ao de sua mãe, não atuam de forma vantajosa na sua relação para com esta, uma vez que não faz com que sua mãe a ame mais, repara que, ao invés disso, sua mãe prefere pessoas do sexo masculino como o pai ou o irmão que possuem um pênis. Desse modo, a menina passa a desejar um pênis para conseguir o amor de sua mãe.

> **“O desejo de ser um menino decorre portanto não só do narcisismo ferido, mas talvez ainda mais do amor ferido da pequena menina por sua mãe, a quem ela quer por si mesma tanto quanto o menino” (Ballint apud Chodorow, p. 160).**

Segundo Balint e outros a menina vai em busca do pai “sentindo ódio como um amante rejeitado” (p.160) pela mãe. Ela espera dele o amor especial que sua mãe não lhe deu e também um pênis que lhe permitirá obter esse amor, ou seja, ela quer o pai e a mãe também.

Esse enfoque destaca a intensidade e ambivalência dos sentimentos que causam a rejeição da mãe pela menina, porém evidencia os sentimentos de amor, mais que os aspectos negativos.

E ainda, fica claro aqui a influência direta da fase pré-edípica no complexo de Édipo feminino, de acordo com Lampl-de Groot (apud Chodorow, p.161):

> **“O complexo de Édipo é o produto final do desenvolvimento pré edípico... À medida que o complexo de Édipo carrega consigo a sua história anterior, a fase pré-edípica, os acontecimentos do último período determinam a forma da constelação edípica e assim desempenham um papel importante na formação definitiva da personalidade”.**

Mesmo quando a menina muda de objeto de fixação da mãe para o pai, isso não implica no término de sua relação com a primeira, não há troca de objeto absoluta. Na realidade, como vimos acima, o mundo dual mãe-bebê torna-se triádico com a entrada do pai e a menina quer tanto a mãe como o pai, o segundo não substitui a primeira.

Assim, a menina nunca abandona completamente a mãe enquanto objeto de amor externo e interno e o pai não se torna a mesma espécie de objeto edípico emocionalmente exclusivo para as meninas como a mãe o é para os meninos.

3.2 Resolução Edípica e Representação Adolescente – uma outra visão

No capítulo anterior estabelecemos um diálogo entre Freud e outras perspectivas psicanalíticas a respeito da constituição sexual feminina, destacando essencialmente a fase pré-edípica e o complexo em si. No entanto não nos estendemos à resolução edípica, bem como às conseqüências e influências desta, que perpassam todo o seu desenvolvimento até sua vida adulta.

Considero que, sendo as adolescentes o foco desta pesquisa, seja importante prosseguirmos este diálogo até a análise da dissolução do Édipo e suas implicações na vida de uma jovem adolescente.

Desse modo, seguindo a perspectiva apontada no capítulo anterior podemos pressupor então que, assim como os complexos edípicos feminino e masculino são assimétricos, o modo como eles se "resolvem" também será.

Essa diferença entre a resolução de ambos não está limitada à presença ou ausência de um pênis, mas está, na realidade, diretamente relacionada à natureza do relacionamento de um menino com sua mãe e de uma menina com seu pai durante a fase edípica, produzindo uma diferença de gênero nesse processo.

O amor edípico de um menino por sua mãe é um prolongamento da intensa unidade mãe-bebê e por isso é dominante e ameaçador para seu ego, senso de independência e masculinidade.

Além disso, o pai enquanto rival na disputa desse amor pela mãe, pode se sentir ameaçado por esse forte laço mãe-filho edípico e agir de forma (não necessariamente direta e consciente) a ocasionar a repressão de tal relação por parte do filho.

Já o apego da menina ao pai não se torna exclusivo nem é tão intenso como o do menino à mãe, bem como a resposta, por parte de seu pai, a esse apego não é tão intensa como é por parte da mãe pelo filho. A relação edípica filha-pai, é amenizada pelo apego e dependência dela à mãe. O amor edípico na menina talvez não será retribuído do modo que ela espera.

> **"Dado esse apego menos carregado e dada sua constante relação com a mãe, ela deve temer menos a retaliação materna e as fantasias de retaliação materna devem ser menos que as fantasias de retaliação paterna quanto ao filho" (Chodorow p. 170)**

Ou seja, uma vez que o apego da menina ao pai é uma defesa contra a onipotência materna ele é menos intenso, ambivalente e ameaçador e provavelmente causará menos temor a retaliação materna do que o menino sente em relação à retaliação paterna.

Consequentemente, os efeitos da dissolução do complexo de Édipo entre os gêneros são muito distintos.

Essa diferença entre meninos e meninas era apresentada por Freud da seguinte maneira: o complexo de Édipo nos meninos é destruído e em casos ideais não existe mais nem no inconsciente, assim o superego torna-se seu herdeiro, representante da cultura e moralidade, ao passo que para as meninas ele é apenas sublimado, lentamente abandonado ou reprimido podendo ter efeitos que persistem ao longo da vida mental das mulheres fazendo com que seu superego jamais seja tão inexorável e independente de suas origens emocionais quanto o do homem.

De acordo com as fases do desenvolvimento sexual elaboradas por Freud (1905), o período posterior à resolução do complexo de Édipo que precede a adolescência - e a fase genital é o período de latência o qual, no passado consistia na “hibernação” da sexualidade, sendo esta reprimida ou sublimada devido à ameaça que representara na fase anterior. Peter Blos (apud Chodorow p. 171) nos traz uma outra perspectiva “A melhor maneira de conceituar a latência é como um período no qual nenhuma nova necessidade ou nenhum novo problema surge, e não que não haja interesse sexual de modo algum”.

Chorodow acrescenta ainda a esta visão o fato de a latência ser um período de aprendizado e vivência no mundo como, por exemplo, as experiências na escola, os companheiros, etc.

Nessa perspectiva os novos interesses, conflitos e crises se iniciariam na puberdade percorrendo toda a adolescência. Apoiada em relatos clínicos referentes às relações objetais das meninas durante a puberdade e adolescência, a autora verificou que elas revivem as questões edípicas nessas fases de sua vida e também que tais questões, de fato, as acompanham ao longo da fase adulta. Vale ressaltar que o conceito de adolescência aqui analisado não é referente ao conceito estudado pela psicologia do desenvolvimento ou social, isto é, não se trata de abordar aspectos gerais desse período qua adolescência, mas sim, analisá-la sob um viés psicanalítico.

Desse modo, Peter Blos (apud Chodorow, p.171), em seu estudo psicanalítico da adolescência afirma que a questão central na entrada da adolescência e na adolescência propriamente dita é o “abandono objetal e o achamento objetal”: um filho de qualquer um dos gêneros necessita abandonar seu objeto de amor edípico em favor de outros objetos primários a fim de se relacionar no mundo para além da família.

A transição para a adolescência é mais conflituosa e complexa para as meninas uma vez que sua dissolução edípica é mais sutil e menos ameaçadora, além de demorar mais para acontecer do que para os meninos. Essas diferenças fazem com que ela mantenha seus laços afetivos familiares por mais tempo e acabem constituindo um mundo objetal interno menos solucionado.

Desse modo, os problemas desse período referem-se ao relacionamento desta com sua mãe: “A menina luta com relações objetais mais intensamente durante sua adolescência: de fato, o prolongado e penoso rompimento com a mãe constitui a principal tarefa desse período” (Blos apud Chodorow p. 172)

Essa luta ocorre mutuamente no relacionamento estabelecido entre mãe e filha: ambas são ambivalentes e reagem entre si de acordo com a resposta que cada uma dá. A mãe quer, ao mesmo tempo, manter a filha perto de si e conduzi-la à vida adulta. Balint (p.172) sugere duas manifestações dessa ambivalência materna que mantém a filha ligada a ela: uma exagerada ternura que não dá lugar para o aparecimento de sentimentos hostis da mãe em relação à filha, mantendo esta última no lugar de escrava emocional, presa por uma culpa potencial. E, por outro lado, intensa hostilidade dirigida, como por exemplo, frieza ou indiferença, à menina por parte da mãe, fará com que a menina permaneça ligada a mãe devido a seu implacável amor por ela. Mesmo quando crescer a menina procurará uma mãe substituta que possa lhe dar o amor que a primeira não lhe deu.

Contra esse “pacto” mãe-filha, ou de acordo com ele, a menina dá os passos que pode em direção a individuação, estabilidade relacional e independência externa.

Outro fator relevante destacado pela autora é que, durante a puberdade, se intensifica a identificação da menina com a mãe uma vez que é neste momento que aparecem as questões sociais e psicológicas de ser uma mulher, como por exemplo, a menstruação, o desenvolvimento dos seios, o início das relações com meninos, etc. E isso acontece independentemente do interesse consciente ou inconsciente que a mãe tenha em relação à sexualidade em desenvolvimento de sua filha.

Como tentativa de diferenciar-se e de individuar-se então, de acordo com Deutsch (apud Chodorow) “a menina se torna frequentemente critica de sua família, em especial de sua mãe, e pode idealizar a mãe ou a família de um amigo”. Chodorow complementa que “como anteriormente, ela tenta solucionar sua dependência e senso de unicidades ambivalentes projetando os bons e maus aspectos dos objetos; sua mãe e a casa representam os maus e o mundo extrafamiliar os bons aspectos” (p. 174).

No caso da adolescência, porém, diferente da fase edípica, além de voltar-se para o pai como tentativa de diferenciação, a menina deve também abandonar seu apego edípico a ele, dando espaço para que possa aparecer o apego a outros homens, estabelecendo outras relações de objeto de amor. Nesse sentido trata-se como diz Deutsch de, “uma nova edição do complexo edípico” (p.176).

Assim, os dois momentos em que um pai é da maior importância para o desenvolvimento heterossexual de sua filha são o edípico e o início da adolescência já que esses são períodos em que ela estaria concluindo a transição para uma sexualidade adulta.

É interessante destacar que alguns psicanalistas pensam que o papel desempenhado pelo pai poderia ser cumprido por qualquer figura secundária de qualquer gênero no cuidado dos filhos. Como, na organização de nossa sociedade a figura secundária de cuidado dos filhos geralmente é atribuída ao pai, usualmente nos referimos a ele.

Deutsch (apud Chodorow) conclui, apresentando de forma resumida a complexidade das tarefas de uma menina adolescente assim:

> **"... a tarefa da adolescência não é apenas dominar o complexo edípico, mas também continuar o trabalho durante a pré - puberdade e o início dela, isto é, dar formas adultas aos antigos, muito mais profundos e primitivos laços com a mãe, e encerrar toda hesitação sexual em favor de uma orientação heterossexual definitiva" (p. 178).**

As meninas em nossa sociedade geralmente têm se mostrado externa e internamente relacionadas com sua mãe pré-edípica e têm estado muito preocupadas com problemas de separação, amenização da dependência e libertação da ambivalência. A menina não pode e de fato não rejeita sua mãe e mulheres em favor de seu pai e homens, mas em geral tomam uma resolução sexual em favor de homens e seu pai, mas mantém um triangulo emocional interno que pode ter ressonâncias nos seus relacionamentos amorosos e sexuais futuros.

4. MÉTODO

4.1 Pesquisa Descritiva Qualitativa

O objetivo deste trabalho é compreender as intersecções entre a construção subjetiva da sexualidade da adolescente e as influências da sociedade, em que está inserida.

Para tanto, o método de pesquisa utilizado foi o descritivo qualitativo, à luz da abordagem psicanalítica.

No método descritivo qualitativo ressaltamos o modo como os sujeitos constroem os significados de suas vivências e a maneira como percebem suas vidas. (Ludke e André, 1986). A fim de obter uma compreensão global do fenômeno e dos processos envolvidos, serão analisadas sob o ponto de vista do sujeito, dentro do contexto em que está inserido, as situações, interações e vivências. (Moon, 1990).

Desse modo, ao considerarmos os significados e intenções do comportamento humano, estaremos realizando uma reflexão mais completa acerca do fenômeno a ser estudado (Guba e Lincoln, 1994).

Em relação à pesquisa em Psicanálise é importante ressaltar que:

> **"A característica metodológica da abordagem Psicanalítica é procurar o que é singular e particular, focando o discurso do sujeito. As técnicas de pesquisa em Psicanálise têm como referencia a escuta livre em uma relação horizontal atenta aos sentimentos emergentes e atenção ao "não-dito", uma fonte reveladora de sentimentos dolorosos, segredos, e supressões de dados, que geralmente, se mostram fundamentais para a compreensão do fenômeno" (Abreu, 2004).**

4.2 Instrumento

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi-dirigida. Neste modelo, o pesquisador é considerado como parte do processo de coleta e análise de dados uma vez que está diretamente nele envolvido. Mas deve saber, ao mesmo tempo, manter certo distanciamento para que, posteriormente, possa refletir acerca do que ouviu. Desse modo é co-participante da realidade observada e, por isso tem responsabilidade pelo material produzido.

A entrevista semi-dirigida é a mais adequada para responder aos objetivos da pesquisa, pois visa alcançar uma ampla exploração da questão. As perguntas são abertas e não têm por objetivo servir de roteiro diretivo, mas sim, como um guia que busca criar uma conversa informal na qual o sujeito possa sentir-se à vontade para se expor e discutir sobre o tema e o entrevistador possa conduzir a entrevista, baseado nos princípios éticos, de forma a atingir seus objetivos.

As questões que foram levadas em conta nas entrevistas foram desenvolvidas de acordo com as teorias levantadas sobre o tema e estão em anexo I.

4.3 Participantes

Foram entrevistadas quatro adolescentes entre 19 e 22 anos das camadas médias da população urbana de São Paulo. Essa camada foi escolhida por ser considerada formadora de opinião. Já a faixa etária pretendeu garantir que as participantes estivessem em fase de construção de suas vivências sexuais podendo haver maior ou menor grau de elaboração.

4.4 Procedimentos

As participantes foram recrutadas por meio de pessoas do meu círculo de convivência que conhecessem alguém que se encaixasse nos critérios de seleção da pesquisa: em relação à idade e que já tivesse tido relações sexuais. Como essa pesquisa é qualitativa e não quantitativa recrutei quatro participantes, tendo como foco as vivências por elas reveladas buscando analisar as semelhanças e as diferenças em seus relatos e por fim, relacioná-los ao arcabouço teórico apresentado.

O contato inicial foi feito por telefone, quando eu expliquei o propósito da pesquisa e as condições da mesma. Antes de iniciar a entrevista, as participantes foram convidadas a assinar um termo de consentimento que esclarecia novamente o objetivo a fim de aclarar qualquer questão pendente. Além disso, o termo de consentimento livre e esclarecido garantia sigilo profissional no sentido de não ser possível identificar as participantes e pessoas mencionadas, bem como o uso adequado das informações fornecidas somente para fins acadêmicos, o que possibilitou firmar entre participante e pesquisadora uma relação de confiança. Desse modo, os nomes e lugares foram trocados visando impossibilitar o reconhecimento da identidade real das participantes.

As entrevistas ocorreram em lugares favoráveis às participantes, para que essas não necessitassem modificar suas rotinas devido à minha pesquisa. Assim, duas ocorreram nas faculdades das participantes e as outras duas em seus locais de trabalho. Em todos os casos, o local escolhido era propício tanto para os meus objetivos, como conveniente para a participante, buscando deixá-la o mais à vontade possível e em privacidade para a realização da pesquisa.

Foi realizado apenas um encontro com cada participante, o que pareceu ser suficiente. Estes duraram em média 30 minutos, variando para 10 ou 20 minutos a mais de acordo com o relato das participantes, às vezes mais longos e detalhados, às vezes mais curtos e diretos.

Antes de encerrar as entrevistas, coloquei-me à disposição para responder a perguntas, curiosidades e comentários.

Com a permissão das participantes, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Foram considerados também os comportamentos não verbais das participantes bem como as reflexões e sensações da entrevistadora.

Fiz inúmeras leituras e sínteses das narrativas, a fim de obter um relato condensado que ao mesmo tempo contivesse as informações mais significativas. Identifiquei temas a respeito dos tópicos sob investigação. Como afirma Bardin (1979, p.105) "o tema é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto" ou "um feixe de reações

(que) pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo" (Minayo, 1998,p.208).

4.5 Considerações Éticas

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – sede Monte Alegre. As informações aqui obtidas revelam um alto grau de intimidade, assim, é importante observarmos as questões éticas envolvidas. Foram consideradas as normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): garanti sigilo profissional pelo comprometimento de não revelar a identidade das participantes, bem como a utilização dos registros obtidos apenas no âmbito acadêmico. O termo de consentimento informado e esclarecido consta do Anexo II.

5. RESULTADOS: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS[7]

5.1 Karina

E: Quantos anos você tem?

K: 19.

E: Você trabalha?

K: Trabalho voluntariamente numa Ong, dou aula.

E: Tem carro?

K: Tenho.

E: Estudou em escola privada?

K: Estudei.

E: Mora com seus pais?

K: Sim.

E: São eles que te sustentam?

K: São.

E: Ok, vamos começar, queria que você me contasse um pouquinho em que momento você percebeu que era adolescente, que não era mais criança?

K: Ah, eu virei adolescente quando eu queria muito sair do "B." que era a escola que eu estudei porque eu tava muito insatisfeita com os amigos, com os professores, aí eu queria ir para um colégio diferente. Eu tava muito frustrada com meus amigos e os meus pais queriam que eu continuasse com uma língua... com uma escola bilíngüe então eu fui procurar algum lugar que eu quisesse, algum lugar que fosse me dar autonomia, fui pesquisar vários colégios, procurei o "C".

E: Quantos anos você tinha?

K: Tinha 15, ia fazer 15.

E: Hum.

K: Foi quando eu tive que procurar alguma coisa que tivesse a minha cara, então eu fui procurar qual era essa nova cara...

E: E daí você foi pro "C"?

K: Hum.

E: E como você se via nessa época?

[7] Por questões éticas os nomes e algumas informações pessoais foram alterados a fim de manter em sigilo a identidade das participantes. As entrevistas foram transcritas na íntegra e por isso estão escritas de maneira coloquial, sem a preocupação em se adequar com as normas da língua portuguesa.

K: Eu me via com muito potencial e um caminho já traçado... Bem “patricinha”... O que a minha família mais ou menos é. Mas tinha um desejo muito forte de não percorrer o que já tava meio estabelecido...

E: Sei...

K: ...então eu fui procurar coisa pra fazer.

E: O que você achava que te incomodava nesse caminho que já tava traçado?

K: As pessoas eram muito falsas com elas mesmas e comigo. Eu fui traída por duas melhores amigas de um jeito bem cruel que me marcou muito. E eu queria... Amigos!

E: Entendi. Foram experiências ruins...

K: Isso!

E: E como você acha que as pessoas mais próximas de você te viam? Sei lá seus amigos, supostos amigos, sua família?

K: Os meus supostos amigos, eles me viam como bem esquisita, bem diferente deles. E a minha família sempre me viu como alguém que estava disposta a ajudar sempre, isso desde bem pequena era bem visível, mas eles estavam vendo que eu tava infeliz. Então eles foram dando voz pras coisas que eu mostrava.

E: Você acha que você era mais próxima de quem nessa época?

K: Eu era muito próxima do meu pai já, da minha mãe não muito, a gente brigava muito na época. E eu tinha uns amigos do colégio, uns três que eram bem próximos.

E: Tá. E hoje em dia? Quem são as pessoas mais próximas?

K: Uns amigos meus do colégio e de fora da faculdade, um grupo da faculdade que eu encontrei, sou muito próxima da minha irmã, da segunda, e do meu pai. Tem uns amigos homens também...

E: ... E você já namorou?

K: Já

E: E quando foi seu primeiro namoro?

K: Meu primeiro namoro eu tinha...14, 13 anos? Acho que é 13, 14...

E: E como é que era?

K: Foi meu primeiro beijo, um menino que era da hípica, a gente se conheceu através de uma irmã minha e a gente começou a ficar e foi namorando.

E: Ele era mais velho ou tinha a sua idade?

K: Ele era dois anos mais velho.

E: Que é a idade da sua irmã?

K: Não ela é mais velha.

E: Mais velha, ok. E você falou assim né, que você se viu como adolescente quando você percebeu que você não tinha mais a cara do colégio que você estava, daquelas

pessoas e que você foi procurar alguma coisa que combinasse mais com você, isso era de 14 para 15 anos...

K: Hum

E: Então na realidade, seu primeiro namorado foi antes desse período...

K: É foi antes...

E: Então na verdade você nem se via como adolescente?

K: Não era por... Por... Quase inércia... Quase, tinha minhas vontades, claro...

E: E como era o namoro assim, o que era namorar?

K: A gente se via pouco, a gente se falava todos os dias no telefone e pensando agora, mais crescida, eu vejo que ele respondia uma vontade que eu tinha de ter alguém, então eu nem conhecia ele tão bem, mas eu fui colocando umas coisas nele, ele virou meu namorado.

E: Entendi.

K: A gente se falava todo dia, a gente se via pouco né, porque ele era de Campinas e vinha alguns finais de semanas...

E: O que mais te atraiu nele, o que você acha?

K: O jeito que ele veio me paquerar na primeira... Eu achei um máximo ele tava com um olhar forte, eu sempre reparei nessas coisas, eu fiquei seduzida pelos olhos. Ele pegou meu telefone no dia de um jeito... safadinho também, meio descoladão e aí foi indo...

E: Aham, e por que você acha que ele se atraiu por você, o que você acha que poderia ter chamado a atenção dele?

K: Eu acho que era por ele já conhecer minhas irmãs de quem ele gostava bastante e foi meramente físico...

E: Falando em físico, como você enxerga a sexualidade?

K: Eu acho que a sexualidade quando é levada de um jeito saudável é um bom acompanhamento pra intimidade, é bem...bem de fazer você crescer... Hoje em dia é uma coisa que me completa muito o jeito que eu levo a minha sexualidade.

E: Primeiro você falou assim: “ah, quando ela é saudável...” O que é uma sexualidade saudável?

K: Que responde às minhas vontades, que eu não me, não me agrido em nada. Então se eu tenho vontade de fazer de algum jeito, de fazer tipo, de me relacionar com alguma pessoa de algum jeito eu não fujo disso.

E: Hum, você se respeita?

K: Sim, é auto-conhecimento.

E: E como foi a sua primeira relação sexual?

K: Foi esse ano, com um cara que eu já conhecia , foi com o Leonardo, foi o primeiro amor verdadeiro da minha vida. A gente se conhece há cinco anos... Conheci ele quando eu

era bem mais nova, fiquei apaixonada por ele quando a gente se conheceu, mas eu era muito menininha na época, então ele começou a gostar e aí, por ele gostar eu não queria mais. Aquele joguinho de criança... Ele foi me acompanhando enquanto eu crescia. Então ele me conhece muito bem...

E: E como vocês se conheceram?

K: A minha irmã mais velha namorou o irmão dele...

E: Ah ta!

K: Aí um dia ele foi buscar o irmão lá em casa porque o irmão tava sem carro e aí ele ficou lá. Ia só cumprimentar a família e acabou ficando três horas conversando. Fiquei apaixonada por ele e a gente perdeu o contato. Depois de uns anos a gente ficou, aí não rolou nada sério porque eu não queria na época e há uns dois anos atrás a gente ficou juntos. A gente ficou por uns três meses e aí ele foi para a Alemanha. Tá morando lá desde então.

E: Hum...

K: E desde lá a gente tem essa coisa forte... E a primeira vez foi em janeiro, fevereiro desse ano, que eu tava já gostando dele. Ele veio pra cá e eu sempre tratei a minha virgindade como uma coisa muito sagrada, até em excesso, é uma coisa bem forte pra mim. E com ele aconteceu depois de uma semana que a gente tava junto, porque eu já sabia o que eu queria, já sabia o que eu podia ter nele...

E: É na realidade você não conhecia ele apenas há uma semana né?! E onde que foi?

K: Na casa dele.

E: Vamos voltar um pouquinho... Você costumava conversar sobre isso, sobre a sua primeira vez com alguém, sobre a sua virgindade?

K: Sim, muito com todos meus amigos íntimos, homens e mulheres. Conversava com a minha irmã um pouco, conversava bastante na terapia sobre isso...

E: Tá, e com os seus pais?

K: Com os meus pais... Com meu pai um pouquinho mais, mas com a minha mãe não tenho muita vontade de conversar com ela sobre minha sexualidade...

E: Sei... E você chegou a ir ao ginecologista, consultou algum médico, algo do gênero?

K: Fui antes de transar... Como eu já sabia tanto que eu queria, eu já tava tomando pílula.

E: Mas foi a primeira vez que você começou a tomar?

K: Foi...

E: Ah ta...

K: Não vai, vou contar a verdade!

E: Hum?

K: Na verdade eu comecei a tomar em novembro que eu tava com outro cara, eu achei que eu fosse transar com esse outro cara e aí eu fui adiando por motivos meus...

E: Você pode falar quais motivos?

K: Posso, eu não me sentia à vontade com ele, então a gente sempre, eu ficava sempre com ele na cama tal, mas eu não transava com ele porque eu não conseguia abrir corpo, abrir coração. Eu num... Num rolava. Mas eu já tava tomando pílula preparada pra se eu quisesse.

E: Entendi...

K: Com ele não foi, mas com o Leonardo quando eu soube que ele ia voltar para o Brasil... Foi!

E: Entendi, com ele foi mais natural, não rolou um bloqueio igual com o outro?

K: É totalmente sentido, o corpo fala... Eu num tive nenhuma decisão, eu não tive que pensar se eu queria ou não transar em uma semana, transar ou não em um mês, eu não parei pra pensar nessas coisas eu fui sentindo...

E: É, mas me parece que isso foi possível, pelo que você trouxe aqui, que você já falava sobre isso, você discutia sobre o assunto e se sentia bem consigo mesma?

K: É, tava bem digerido...

E: E depois que você transou, assim como é que foi? Com quem você conversou, ou você não conversou com ninguém? Como você se sentiu?

K: Eu me senti muito bem, foi muito bom com ele. Ele me tratou de um jeito bem melhor do que eu esperava... Eu conversei com os meus amigos que eu já conversava antes...

E: Mas como assim, você falou que foi de um jeito melhor do que você esperava, o que isso significa?

K: Eu conseguia ver prazer nele, ele transando comigo... Que já não ia ser a melhor coisa pra ele, né?! Minha primeira vez. Mas eu via ele tendo um prazer muito grande, eu conseguia entender, sei lá, as caras dele, o movimento do corpo dele, pela respiração dele, eu causando nele.

E: Então você imaginava, na verdade, que por você ser virgem não seria tão bom pra ele?

K: É, natural né?!

E: E pra você?

K: Pra mim foi muito boa a primeira vez, doeu, mas a gente conseguiu transar direito. Ele não gozou nem eu, mas não sangrou, não doeu absurdamente também e eu consegui sentir prazer desde a primeira vez.

E: Ele sabia que você era virgem?

K: Claro, a gente conversava muito sobre isso...

E: E como você acha que foi pra ele?

K: Acho que pra ele foi uma experiência legal porque ele é um pouquinho mais velho, ele tem 25 agora, então ele trepava com várias meninas, já tinha transado com algumas virgens, mas acho que ele nunca sentiu o que ele sente por mim por ninguém...

E: Entendi...

K: Então ele tava se descobrindo de um jeito, ele estava perdendo a virgindade dele...

E: É de certa maneira...

K: ...E era muito claro, tava evidente...

E: Você consegue pensar, nomear o que te levou, por mais que você diga que você não calculou precisamente, que seu corpo falou, mas o que te levou a tomar a decisão, de pensar “ah com ele eu to afim”...? Ou porque com ele rolou e com o outro não?

K: Acho que eu já tava conseguindo sozinha me sentir mulher, com o Joaquim na época eu tava me sentindo... Eu tava numa fase que eu não ficava à vontade comigo e com o Leonardo sim.

E: É, você já tava se sentindo a vontade com você mesma?

K: Hum.

E: E o que você sentiu depois, quais foram os sentimentos?

K: Muito abrigo, eu dentro de mim, porque era uma coisa que eu já queria há bastante tempo, eu transei tarde com 19 anos, então eu já tava com vontade de perder a virgindade, já queria que fosse com alguém como ele, então eu tava... Feliz!

E: Você sentia pressão das pessoas?

K: Um pouquinho... Antes de eu entrar na faculdade não, mas só que depois que eu entrei... Depois que eu conversava com as pessoas, todo mundo falando de sexo o dia inteiro, todas as minhas amigas tinham o sexo como uma coisa boa, uma coisa que aflora desejos eu fiquei super curiosa, então eu queria e a pressão não era deles, era eu comigo...

E: De você com você mesma?!

K: É...

E: Você mudaria alguma coisa...

K: Não!

E: ...No modo como foi? Não?

K: Não, nada, nada!

E: E qual é o seu ponto de vista a respeito das mulheres em geral? Você acha que de maneira geral elas lidam bem com a sexualidade?

K: Acho que quando você vai pra uma esfera mais profunda, independente da classe, toda mulher, por ser mulher, tanto faz se é orgânico, o que for, a gente tem uma

coisa forte de intimidade com o sagrado. Eu vejo isso porque eu trabalho há muito tempo em uma instituição e aí vêm mil meninas me contar, com treze anos, que perderam a virgindade falando de um jeito esculachado, como se fosse pouco importante. Mas no fundo elas não vêm me contar à toa, elas me contam ou com lagrimas nos olhos ou com um sorriso diferente no rosto, então levando a fundo isso você vê que tem alguma coisa grande. A mesma coisa com as minhas amigas que não são do mesmo ambiente, pras classes mais baixas, eu vejo que tem menos esse tabu, pra gente a gente aprende a tratar o amor de outro jeito, a gente fala de outro jeito sobre o amor, então verbalizando tanto e escutando tanto são outras relações.

E: Você também falou que a sua virgindade era uma coisa muito sagrada pra você, mas a gente nota que tem muitas contradições e ambigüidades ainda atualmente. Por um lado a virgindade não é mais um ideal, no sentido de que mulher direita é mulher que se casa virgem, mas também a sexualidade feminina não pode ser vivida naturalmente a ponto de a menina poder transar com quem ela quiser sem dar satisfações, pois ela certamente receberá julgamentos. Por outro, você mesmo trouxe na sua fala “eu transei tarde”, então assim, se transar cedo tem um juízo de moral, demorar a transar também é um tabu. O que você tem a dizer sobre isso?

K: Não dá pra dizer que a gente não tem tabus, nem nada, a gente tem vários, né?!E assim, eu queria muito estar imersa no meu grupo e o meu grupo já era... Trepadora... Mas eu vejo essa coisa do tabu... Tem uma amiga minha que ela se diz super solta, que transa com vários, porque é uma coisa que ela quer, só que vira e mexe ela tá sofrendo com isso e ela tá chorando com isso, a gente tava conversando outro dia de sexo anal, e ela falava, “ eu não dou o cú nem fudendo...” então se é uma coisa prazerosa também, qual é a moral que tira isso dela se ela é toda liberada assim?!

E: É eu acho que sempre tem uma cosia que pega pra cada um... Qual a função que tem pra ela ser liberada ou o que dar o cú representa na fantasia dela, né?!

E: E como ficou sua relação depois com o Leonardo, depois que vocês transaram?

K: A gente foi se conhecendo melhor, a gente continuou conversando bastante sobre isso, ele ia ficar pouco tempo no Brasil, ele ia ficar só mais, menos de um mês, então a gente se via bastante, transava bastante. E a gente se gosta muito, só que ele voltou pra lá. Mas isso também não mudou o jeito como eu vejo minha sexualidade.

E: Você se vê mais mulher hoje?

K: Sim. E acho que bastante por causa da primeira vez...

E: É, é uma transformação...

K: É uma penetração de vida, uma coisa pra mim muito grande, pra qualquer pessoa né?! Muda o corpo.

E: Sim, transformações físicas também. Outra pergunta que eu queria te fazer e acabei esquecendo é, como foi quando você ficou menstruada? Como você encarou?

K: Quando eu menstruei várias amigas minhas já tinham menstruado então não era uma coisa muito diferente, foi um acúmulo de maturidade, mais uma fase.

E: Mas era uma coisa que você já esperava, tipo “todo mundo já menstruou quero menstruar” ou “foi puts, que saco”... Como você encarou?

K: Eu não tava querendo que viesse assim como eu queria transar, mas quando veio não teve nada de ruim nem de bom, foi mais “oh, natural”... “Acontece comigo também!”

E: Tem mais alguma coisa que você queria falar, ou perguntar?

K: Não acho que é isso.

5.2 Priscila

E: Quantos anos você tem?

P: 22 anos.

E: Você trabalha

P: Trabalho em um restaurante.

E: Tem carro?

P: Tenho.

E: Estudou em escola particular?

P: Sim.

E: Mora sozinha?

P: Não, com meus pais.

E: Eles que te sustentam?

P: É.

E: Em que momento da sua vida você percebeu que estava passando de criança para adolescente? O que te marcou?

P: O que me marcou?! Acho que foi quando meus pais se separaram... Porque...porque eu tenho um irmão mais novo então eu fiquei meio como a que tinha que proteger o irmão, a que tinha que ser madura. Eu tinha 12, 12 pra 13 anos. E aí eu percebi que o meu irmão era criança e eu não era mais.

E: Entendi aí você percebeu certa divisão?

P: É.

E: E como você se via nessa época?

P: Horrorosa, eu me sentia horrorosa, gorda, imensa, tímida, péssima...

E: Sei... Era mais físico ou...

P: Não, eram os dois, baixa auto-estima, super...

E: Mas você acha que a sua imagem corporal mudou a partir da separação dos seus pais ou mesmo antes você já se sentia assim?

P: Acho que juntou tudo assim, juntou uma efervescência, porque antes, quando você vira adolescente você engorda né? Seu cabelo fica horrível, fica tudo horrível assim. Mas acho que juntou bastante, e eu cresci muito, eu era muito alta então eu era mais alta que todos os meninos da minha classe, era corcunda pra não parecer tão alta.

E: E como você acha que as pessoas próximas a você te percebiam?

P: Eu acho que como eu tive que ter essa postura de mais velha e de madura eu sempre passei essa coisa pras minhas amigas, pros meus pais, pra minha família de que tava tudo legal...

E: E de quem você era mais próxima nessa época?

P: Das minhas amigas...

E: É mais comum na adolescência mesmo, e a sua família, era próxima ou distante?

P: Super distante, não queria nem olhar.

E: Então intimidade maior era com as suas amigas mesmo?

P: É...

E: E atualmente as pessoas que você é mais intima, mais próxima, são as mesmas pessoas? Mesmas amigas?

P: Então elas continuam ainda tem muitas novas com a faculdade e tal... Mas elas continuam sendo meu porto seguro.

E: Mas de quem você se sente mais próxima agora? A que grupo, amigas, família, namorados?

P: De duas amigas aqui da Puc...

E: Ok. E você já namorou?

P: Namorei...

E: Quantos anos você tinha no seu primeiro namoro?

P: Meu primeiro namorado foi com 15 anos, namorei 4 meses e aí acabou, mas aí meu primeiro mesmo, que foi meu primeiro homem tal foi com 18 anos, que eu namorei dois anos. E agora quando eu entrei na faculdade eu terminei outro namoro, emendei um no outro...

E: E você falou que seu primeiro namoro, mesmo, foi com 18 anos, então como você considera seu namoro com 15 anos?

P: É... Era exatamente, era infantil era beijinho, mão dada... Ah não tinha essa coisa de dormir junto, de viajar, de transar não tinha isso, era namoradinho.

E: Sei, e era da escola?

P: Não, ele era primo de um amigo meu, fui apresentada, não foi nada natural...

E: Sei, e aí seu namorado “de verdade” conta um pouco como foi...

P: Então eu conheci ele, ele fazia Usp e eu tinha umas amigas, eu tava no terceiro colegial e eu tinha uma amiga de um ano acima que tinha entrado na Usp também. Aí eu comecei a freqüentar muito a Usp com eles e a conhecer todo mundo de lá e tal. E aí eu conheci ele e aí ele era o meu ídolo, fazia faculdade de história, que era o meu sonho, e ele era todo anarquista, todo bonito e ele sabia de tudo, ele era culto e “nãnãnã”, ele,sabe, se desprendia do material...

E: Sei...

P: ...E eu entrei numas que ele era o homem da minha vida e aí gente começou a namorar tal e aí começou a virar um namoro super obsessivo, que eu só ficava com ele, não via minhas amigas. Eu comecei a ficar com uns bodes e foi um término horrível, porque... Mas foi assim a primeira paixão...

E: Entendi, e o que você acha que fez com que ele quisesse te namorar?

P: Sinceramente, ele era feio pra burro... Eu acho que eu tinha essa coisa de menininha, porque afinal de contas eu tava na escola, e eu era bonitinha. Mas aí com o tempo ele começou a me perceber como uma pessoa que pensava e tal, mas acho que no começo foi só atração física.

E: Sabe uma coisa que eu pensei agora?! Como é que se deu essa passagem, porque você disse que quando você se viu adolescente, se percebia horrível, que era bem o começo da adolescência, como foi essa transformação?

P: Eu fui pra terapia, aí eu comecei a fazer terapia e eu comecei a fazer milhões de esportes e eu super emagreci, virei um pau e tomei remédio pra espinhas. Aí eu comecei, na terapia, eu comecei a ver que tinham instrumentos pra eu não me sentir mais assim sabe, que eu podia... Porque eu tava muito no fundo do poço, porque eu fazia ficar mais feia, eu usava blusas largas ao invés de roupas legais que melhoravam, foi na terapia.

E: Aí sua auto imagem melhorou?

P: Melhorou super.

E: E aí como que era o seu namoro com esse namorado dos 18 anos? Como é que era? Conta um pouco da rotina?

P: Então foi uma loucura assim porque a gente ficou grudados, muito, e aí eu terminei a escola e fui pro cursinho. Aquela época super conturbada e eu não sabia o que fazer da minha vida e ele meio que se, não se aproveitava, né, consciente, mas assim meio que se aproveitava que eu tava meio perdida então me puxava mais pra ele então. Eu super me afastei das minhas amigas, mas ao mesmo tempo eu saía sem ele eu me sentia sem um, sem nada, sem um braço, eu fazia um esforço pra sair com as minhas amigas, mas eu tinha que ligar pra ele pra ele me encontrar, era uma relação simbiótica, louca. Mas a gente era bem companheiros, unidos,

E: E como você enxerga a sexualidade?

P: Olha, eu venho de uma família árabe e eles são muito machistas assim , o meu pai finge que não sabe que eu não sou mais virgem, meu avô e tal. Mas por outro lado eu sempre tive mais liberdade com a minha mãe, com a minha tia com a minha família. Eu enxergo de uma forma muito natural. Antes não, antes eu era muito mais caretinha, mas agora eu enxergo que é uma vontade né, que todo mundo tem e que existem limites pra mim né?! Pra não me machucar, mas não limites do tipo “aí, isso pode, isso não pode”, porque pode ser que eu me machuque entendeu pode ser que o cara não me ligue no dia seguinte...

E: Na época da sua primeira vez, você já tinha essa visão que você tem hoje ou era mais careta?

P: Na verdade eu tinha 18 anos, e todas as minhas amigas já tinham transado e eu morria de curiosidade. Eu fui mais assim por uma obrigação, “aí eu tenho 18 anos eu nunca transei com ninguém e todo mundo já transou eu tenho que transar”.

E: Sei...

P: De curiosidade assim, eu tinha essa coisa, imagina eu demorei sei lá, 5 meses pra eu transar com ele...Mas por uma questão, assim, se por um lado tinha essa coisa de todo mundo já transou, sou a única virgem e tal, por outro o que te impedia? Por que assim até então você não transou com o seu primeiro namorado, o que mudou de um para o outro? Porque eu acho que aí me tirava dessa imagem da menininha entendeu?! Que era uma coisa que eu batalhava tanto internamente pra ser já que tinha que ser uma rocha por fora. Então virar mulher sabe, foi uma coisa... Foi difícil e mesmo transando com 18 anos que é uma idade que eu acho bacana, que não é “ai nossa 14”, foi difícil assim bancar ser mulher sabe?! Ter prazer e dar prazer sei lá, uma coisa meio vergonha sabe?

E: Vergonha em relação a que? A não saber o que fazer na hora, em relação aos outros?

P: Não, vergonha ali mesmo na hora, de não saber o que fazer exatamente, de sentir um monte de coisa nova que eu nunca tinha sentido na minha vida.

E: E como o seu namorado foi com você, vocês “demoraram” cinco meses pra transar...

P: Então ele foi super bacana, super foi, ele toda hora conversava, obvio né, ele esperou cinco meses, ele sofria um pouco, mas entendeu e foi super com cuidado, super conversado e discutido. Eu comecei a tomar pílula bem antes porque eu tinha muito medo de engravidar, achava que podia engravidar de qualquer jeito e aí eu conversei com a minha mãe também, fui no ginecologista, tudo isso.

E: Ah, teve uma preparação? Foi uma coisa aberta?

P: Com a minha mãe, não com o meu pai.

E: Sim, e aonde que foi?

P: Foi na casa dele.

E: Foi planejado assim acontecer lá?

P: Puts, agora você me pegou, é que a casa dele nunca tinha ninguém e a gente podia dormir lá e tal, era um lugar...

E: Propenso?

P: É, na verdade era só lá, na minha casa era impossível.

E: Tá. E depois que aconteceu com quem você conversou?

P: Minhas amigas foram as primeiras, a gente se reuniu, tive que contar detalhe por detalhe... Insuportável, eu lembro de perguntas tipo “ele pos a mão no peito primeiro?” e eu “aí não lembro!”.

E: É porque apesar de elas já terem, todo mundo ainda é inexperiente e morre de curiosidade...

P: E aí depois eu contei pra minha mãe, e por incrível que pareça ela ficou super brava assim, ela respondeu de um jeito, não brava, mas assim, “você usou camisinha, né?” (ríspida). Tipo dando bronca, nem perguntou se tinha sido legal, fiquei decepcionada porque tinha sido uma coisa que a gente super conversava, era super aberto e de repente quando ela viu mesmo ser consumado ela f... Hoje em dia a gente nem fala mais sobre isso.

E: É porque é diferente mesmo, quando você ta na “preparação” você ainda é a menininha...

P: É e depois que vai...

E: Então, foi mais da curiosidade, o fato de todo mundo já ter transado que te levou a primeira vez?

P: É, mas o corpo também, mas foi mais curiosidade e medo, muito medo.

E: Mas em relação a ele?

P: Ah, era uma pessoa que eu confio muito, mas não era uma pessoa que eu tinha tesão assim...era mais de carinho, de confiança, de que eu sabia que ele não ia me machucar ou falar pra alguém sabe, todas essa nóias que tem. Mas tesão louco, absurdo não! De sexo bom, definitivamente não foi com ele.

E: E me fala um pouco mais de como você se sentiu após?

C: Eu lembro que eu chorei muito assim, durante e depois, só chorava. E eu acho que foi exatamente isso, de me ver mulher, eu lembro que eu tomei um susto assim quando o “negócio” entrou, eu fiquei tão assustada...

E: É a gente não sabe o que esperar...

P: É não sabe, você já leu livros, suas amigas já te contaram, mas quando é com você, é super assustador... E eu lembro que eu chorei muito assim, e aí eu demorei muito pra transar de novo, demorei bastante, e aí ele me perguntava o porquê, se foi ruim, e eu respondia: “não é que foi ruim, não sei”. Foi meio decepcionante assim, porque eu demorei então eu criava aquela coisa de filme sabe o cabelo da menina brilhante... e aí quando foi ali na verdade, eu falei “então é isso?! Entra o “negócio”, ai que horror sabe?” Foi meio frustrante, tanto é que com ele assim a gente termino porque eu não queria transar com ele , e ele era uma pessoa que super me procurava dar prazer, nada egoísta na cama, com ele não foi uma pessoa que, que eu gostei assim.

E: E o que você acha que mudou desse pro próximo namorado? Ou com o próximo cara que te fez ver o sexo como uma coisa prazerosa?

P: Então, não, não foi, foi com um cara que, na verdade eu terminei com esse e aí eu tava com um puta bode dele, não podia olhar na cara, falava o nome e me dava “nhaca”... Aí eu conheci um cara de trinta anos, que também entrou num outro... Porque já tinha passado

da fase “Hippie”, e ele era assim, ah, ele era tudo... E com ele foi assim, incrível. Também porque eu coloquei ele no lugar de homem, o outro era no lugar de amigo, companheiro, irmão, e este no lugar do homem. Então aí eu falei “puta, então é legal, por isso que as pessoas gostam, não é mais uma obrigação”... Porque, o outro era por obrigação, porque ao mesmo tempo eu não queria perder ele.

E: Entendi, e hoje quando você lembra disso o que você sente?

P: Puts eu sinto que foi uma fase que eu tive que passar e pra uns é de um jeito, é menos dolorido né, pra outros é mais. Mas hoje em dia eu acho legal ter sido com um cara que eu tinha super intimidade, que eu tinha super carinho.

E: E, no geral, você imagina que é como pras pessoas?

P: Acho que as pessoas falam muito da boca pra fora, “ai é uma delícia e tal”, mas uma pessoa com 14 anos não deve achar uma delícia. Eu acho que pra todo mundo, não adianta fingir, ai moralismo, que não é muito importante, é um marco né? E é uma coisa que você vai fazer pro resto da vida. E que tem outras funções também, é de dar prazer, de procriar e tal. Mas acho que pra todo mundo deve ser estranho.

E: Tem mais alguma coisa que você queria falar que você ache importante, relevante? Ou alguma dúvida?

P: Acho que a gente vem de uma geração, sei lá, a minha mãe foi de uma geração assim mais “hippie”, amor livre, só que ao mesmo tempo tá enraizado esse moralismo e eu também acho careta uma menina de 14 anos transar, ou sei lá transar com 10 numa noite só...

E: A última pergunta então, você mudaria algo, faria alguma cosia diferente, em relação á sua primeira vez?

P: Puts eu acho que eu teria ficado, se eu pudesse, eu teria ficado mais tranqüila, porque eu acho que teria sido, eu poderia ter aproveitado mais, tentado ter mais prazer assim ao invés de ser uma obrigação, algo mecânico de dar prazer.

E: Você acha que você tava preparada?

P: Eu acho que sim, e era uma coisa que eu queria, eu tinha certeza absoluta que era isso que eu queria, mas eu acho que eu podia ter levado mais numa boa. Virou uma “nóia” assim, uma obsessão, “preciso transar, todo mundo já transou, preciso”... aí não aproveita. Quando eu entrei na faculdade tinha uma menina que com 19 anos era virgem e eu achava tão legal e ela não tinha essa “nóia” tanto é que até eu falei “meu vamo aí”, mas ela não tinha e quando ela transou foi lindo, ela amou, era apaixonada pelo cara... Ah, acho que é isso então.

E: Então ta bom!

5.3 Laura

E: Quantos anos você tem?

L: 20.

E: Você trabalha?

L: Trabalho numa empresa.

E: Tem carro?

L: Tenho.

E: Estudou em escola particular?

L: Sim.

E: Mora sozinha?

L: Não, com meus pais.

E: Eles que te sustentam?

L: É.

E: Em que momento da sua vida você percebeu que estava passando de criança para adolescente?

L: Com uns 17 anos, mais ou menos, quando começou assim... Os menininhos.

E: Como assim?

L: Ai que pergunta sem graça!Eu achei que ninguém nunca fosse me deixar assim... Ah! Quando você começa a sair com os menininhos começa a conhecer...

E: E foi por volta de 17 assim?

L: É, o que você quer dizer? Quando você começa a sair com homem e não sente vergonha...

E: Você lembra de algum episódio marcante assim?

L: Não...

E: Tá, e como você se via nessa época?

L: Ai...complicado... É estranho quando você tá passando, quando você tá na transição, antes você tava saindo com as suas amigas... Ai é normal ficar tímida assim?

E: Claro! Se você quiser parar um pouco...

L: Não! Tudo bem...

E: Então como você acha que era, tímida, extrovertida, independente...?

L: Ah eu era extrovertida demais até...

E: Como assim?

L: Muito dada.

E: Então e como você era com você mesma? Porque adolescência é um período de crises...

L: Olha, comigo foi tranqüilo assim porque sempre tem aquele de zuar, de ser mais gordinho, mais magra e o meu não teve isso graças a deus que eu lembre assim... É que eu é que zuava, né?! Então tinham medo de brincar comigo

E: E como você acha que as pessoas te viam?

L: A menina chata, a mala, que punha apelido nos outros, ou a que se pegasse birra todas as amigas também pegavam... Basicamente isso.

E: E quais as pessoas que você tinha mais intimidade nessa época?

L: Você diz de amigos, familiares?

E: É...

L: Ah, a minha mãe quando separou, né?! A gente conversa bastante, a minha irmã também e as minhas amigas íntimas. Aquelas amigas de sempre.

E: Mudou dessa época pra cá assim?

L: Não.

E: Não?! E você já namorou?

L: Já...

E: Quando foi o primeiro?

L: O primeiro foi, acho que com 16 anos..

E: E quem era ele?

L: Quer saber nome, como é que é?

E: É, conta um pouco...

L: Eu conheci ele através de uma amiga minha que fazia inglês com ele, eu comecei a conversar com ele por Msn, Icq da vida na época, aí ela combinou de me apresentar... A gente saiu tal e eu comecei a namorar com ele...

E: Sei, e quantos anos ele tinha?

L: Eu tinha 16, ele devia ter uns 18 na época.

E: Tá. E o que mais te atraiu nele?

L: O jeito dele carinhoso, simpático... Ah ele me escutava tinha paciência, porque eu falo demais, né?!Isso é um fato... E homem já não tem muito saco e ele puxava muito assunto, ele não respondia simplesmente, “ah tá bom” ou “aham”. Ele ligava e tal... Aí vai encantando, né?! Mulher é boba!

E: E o que você acha que fez com que ele quisesse te namorar?

L: O meu jeito... Meio maluquinha...

E: Como assim?

L: Porque ele era muito fechado e eu já era muito dada, então eu acho que os opostos literalmente se atraem.

E: E como foi o processo do namoro? O que vocês faziam enquanto namorados?

L: Ele morava perto de casa né? Então o máximo que a gente fazia era, ele ia até em casa, só que ele não subia, ele tinha vergonha, aí a gente ficava no hall de entrada e eu também quando ia na casa dele. E depois quando foi ficando mais sério eu subia, eu conheci a irmão dele, a mãe dele... É que ele tinha muita vergonha do meu pai, meu pai era muito ciumento... Então era basicamente isso, cinema... Ah! E na época eu tinha muitos amigos do bairro, então a gente ficava muito pelo bairro, tinha uma rua que ficava todo mundo, final de semana inteiro todo mundo na rua... Às vezes a gente ia no shopping, um barzinho era algo excepcional. era o auge.

E: Quanto tempo durou o namoro?

L: Um ano.

E: E rolou uma coisa mais quente com ele?

L: Rolou...

E: Tudo?

L: Não, não... Um certo dia, eu tinha uma amiga que na época já era meio maluquinha, já não era pura, e a gente foi na casa dela que os pais dela estavam viajando. Foi ela, o cara que ela tava saindo, eu e meu namorado e uma outra amiga com o namorado. Aí cada um ficou num quarto. Aí na verdade ele só fez coisa em mim, eu não fiz quase nada, quer dizer, eu não fiz nada.

E: Por quê?

L: Não sei acho que ele tinha medo do “negócio” dele ser pequeno, de eu dizer “ai que pequeninho...”.

E: Ah entendi, então era uma questão dele e não sua na verdade?

L: É exatamente...

E: E como você enxerga a sexualidade?

L: Eu depende, se for uma baixaria não é bonito! Ah eu acho bonito...

E: Fala um pouco mais, o que você acha bonito?

L:Tipo assim, aqui do lado tem um puteiro, aí eu não acho legal, mas entre namorados e pessoas que se gostam, eu acho bonito... O carinho! Não é uma coisa “ai nossa tem que ter todo dia ou três vezes por semana”, mas faz parte do relacionamento.

E: E aí como foi a sua primeira vez? Quem era e tal...

L: Então essa é uma história bem diferente, muuito diferente.

E: Muito diferente do que? Da história anterior?

L: Não, da história de qualquer pessoa que teve a primeira vez...

E: Hum...

L: Fui sair de balada com umas amigas minhas e, primeira balada que eu fui GLS, e essa minha amiga levou o primo dela, e a gente acabou lá no meio da balada e eu acabei beijando ele, só que me encantei de uma forma... E a gente ficou mais ou menos um ano

saindo juntos assim, só que nada rolava porque ele também saia com homens. Aí num certo dia, não sei o que aconteceu, a gente tava lá se beijando e daí rolou...

E: Mas foi uma coisa que você calculava que você planejou?

L: Não, não calculei nada, foi na hora, é claro que vem na cabeça: “ai será?” “ai que medo” ma coisas que vem à cabeça de todas as mulheres.

E: E como era, você conversava com alguém sobre isso?

L: Sobre sexo?

E: É.

L: Conversava com a minha irmã e até com a minha mãe também, ela sempre falava “se é pra fazer, faça seguro” essa coisas de mãe e com as minhas amigas porque elas já eram bem “evoluidinhas”.

E: Quantos anos você tinha?

L: 18

E: E onde que aconteceu?

L: Em casa.

E: E você foi ao ginecologista?

L: Assim eu ia uma vez por ano e já tava bom demais, depois eu fui uma vez também...

E: E você tomava pílula ou não?

L: Na época já tomava porque eu tomava pra pele...

E: E o que você acha que te levou?

L: É que assim, todo final de semana eu encontrava com esse menino, a gente não namorava, mas se falava todo dia, parecia mais irmão do que sei lá o que... Então eu não tinha vergonha dele e ele não tinha de mim então foi uma coisa meio que natural, parecia que a gente se conhecia faz tempo e eu que morro de vergonha do meu corpo, na hora nem liguei. Foi natural...

E: E como você se sentiu depois?

L: Ah eu fiquei me sentindo assim “nossa não acredito” ficava martelando na cabeça “nossa aconteceu mesmo?” “não sou mais virgem”, ficava isso na cabeça.

E: Ele sabia que você era virgem?

L: Sabia.

E: Vocês conversaram sobre isso?

L: Desde o começo porque ele até brincava “ah você vai tirar comigo”. E eu falava “vou, vou, sonha” (meio irônica), só que não deu mesmo.

E: E depois, aconteceram outras vezes com ele?

L: Várias vezes. Ai foi indo... Natural...

E: E depois dele, teve alguém que era mais gostoso, mais legal que mudou o jeito como você via o sexo?

L: Meu namorado! Nada se compara. Porque assim, querendo ou não eu gostava do menino, mas ele não gostava, ele só queria baixaria. E agora não né?! É bonitinho, é aquele carinho, um entende o outro, sabe o que o outro gosta...

E: E como foi com esse seu namorado?

L: Foi um dia, a gente tava assistindo um filme em casa, aí foi...

E: Mas assim, foi um dia do nada, ou foi uma coisa que foi evoluindo?

L: É foi avançando... Aos poucos.

E: E que diferença que tem dele pro outro?

L: Ah, eu to apaixonada, tem mais intimidade, é mais gostoso.

E: E hoje quando você lembra da sua primeira vez, o que você sente?

L: Ah, hoje assim, eu não me arrependo de ter feito com ele, foi legal enquanto durou, mas eu falo “nossa eu achava que aquilo era bom” nada a vê, foi muito frio o negócio.

E: Você mudaria alguma coisa?

L: Da primeira vez?

É: É.

L: Não, todo mundo fala que a primeira vez foi horrível, podia mudar isso ou aquilo, eu não. Não foi nada ruim, foi bom.

E: E como que foi quando você ficou mesntruada?

L: Nossa pulei de alegria, porque mesmo usando pílula e camisinha a gente fica preocupada!

E: Ah não, eu quis dizer a primeira vez que você mesntruou?

L: Ah! Foi sossegado, nada de muito...

E: Era uma coisa que você esperava, ansiava?

L: Não, normal...

E: E você sentiu pressão em relação à primeira vez?

L: Não, é uma coisa minha no meu momento, nada do tipo “aí ela faz também vou fazer”.

E: Então não teve nem pressão de fora nem de você mesma?

L: É...

E: E você tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

L: Acho que não...

5.4 Juliana

E: Quantos anos você tem?

J: 19.

E: O que você faz?

J - To no terceiro semestre de arquitetura.

E: Você trabalha?

J: Sim, sou vendedora numa loja.

E: Mora sozinha?

J: Não com a minha mãe.

E: É ela que te sustenta?

J: É.

E: Em que momento da sua vida você percebeu que estava passando de criança para adolescente?

J: Quando eu entrei na faculdade e comecei a trabalhar. Eu comecei a trabalhar no sábado, em agosto, e entrei na faculdade segunda, em agosto também.

E: E como você se via nessa época?

J: Ah! É que eu sou muito tranqüila com essas coisas sabe, tipo não tenho medo de "aí como será que vai ser", prefiro fazer pra ver como é que é entendeu.

E: Mas pensando especificamente nesse período que eu te perguntei quando você se viu adolescente, como você se via? Pensa assim, se você se gostava, se era introvertida, extrovertida...

J: Então, eu assim, eu acho que eu desenvolvi o jeito de falar com as pessoas até porque eu trabalho com relacionamento, eu trabalho com clientes, mas ao mesmo tempo eu me bloqueei assim, na relação pessoal com as pessoas...

E: Sei...

J: Eu assim, o pessoal do meu trabalho, no começo quando eu entrei, era muito assim vou lá, trabalho e saio entendeu, era estranho...

E: É, mas aí você não conhecia direito as pessoas ainda né?

J: É não conhecia... Mas é porque assim logo que eu entrei na loja eu vendi bem, então logo que eu entrei, eu virei a melhor vendedora então isso ficou ruim pra quem já tava lá velho. Então isso atrapalhou um pouco, mas depois que eu já tava lá um tempo, as meninas eram novas, aí foi melhorando. Mas acho que assim, desenvolveu o jeito de eu falar, assim qualquer lugar que eu vou... E também o outro lado, porque agora eu faço o serviço, então quando eu vou fazer alguma coisa como cliente eu percebo o serviço que a pessoa tá fazendo então assim, você percebe o cuidado que você tem que ter com a pessoa, o respeito né. Essas coisas eu acho que desenvolveu. Mas não eu já, eu sempre

fui, ah sei lá, eu sempre gostei de mim... Só tipo, ah, eu queria que o meu cabelo fosse mais liso sabe essas coisas bobas que hoje em dia eu nem ligo mais.

E: Como você acha assim que as pessoas ao seu redor te viam?

J: Ah, por exemplo, é muito fácil, é fácil você falar que a pessoa é desenvolvida só conversando entendeu, mas quando você vê na prática que a pessoa tá realmente fazendo as coisas, eu acho que isso ajudou. Por exemplo, meus amigos, muitos me admiram por eu trabalhar e fazer a faculdade junto independente do que é o meu trabalho, só o fato da pessoa se dispor a trabalhar já... E todo mundo, porque assim, sei lá eu sempre tive uma cabeça boa, sou muito assim é... Eu sempre corro atrás do que eu quero não fico esperando alguém, ninguém fazer nada...

E: Não fica esperando acontecer?

J: É!

E: Tá, entendi. E de quem que você era mais próxima?

J: Que, de família, essas coisas?

E: É família, amigos...

J: Da minha mãe, sempre da minha mãe. Porque assim meu pai morreu quando eu tinha nove anos. E era só eu meu pai e minha mãe, eles já eram separados, então era muito eu e minha mãe.

E: Você é filha única?

J: Era, agora tenho um irmão de três anos. Mas sempre foi eu e minha mãe porque eles se separaram quando eu tinha dois anos. Então tipo eu e minha mãe, minha mãe, minha vó também... E lógico, amigos entendeu, mas assim, aquela hora que você precisa, sempre com a mãe, sempre familiar, então eu e minha mãe porque meu pai já tinha morrido.

E: E atualmente? Mudou ou continua?

J: É continua, eu e minha mãe só que ela tem o marido dela e meu irmão, mas lógico que assim, eu conto mais com a minha mãe do que com o meu irmão, até porque ele tem três anos né? E meu namorado... Que hoje em dia, eu to namorando vai fazer um ano e nove meses então assim, já faz totalmente parte da minha vida.

E: Ele é seu primeiro namorado?

J: Aham.

E: Você começou a namorar com ele com 18 anos?

J: É, 17. Eu acabei o colégio, a gente estudava junto, aí eu fiquei com ele na festa de formatura. Então logo que eu saí do colégio e, desde então até hoje to com ele.

E: Vocês eram da mesma classe?

J: Hum.

E: Então ele tem a mesma idade?

J: É.

E: E o que você acha que mais te atraiu nele assim?

J: Ah ele assim...

E: De primeira?

J: De primeira ele que veio atrás né... Ele namorava...

E: Conta um pouco como começou?

J: Então, ele entrou no colégio quando eu tava no primeiro colegial, só que ele tinha 1,50m, ele era mó criança, sabe? E eu na oitava série já tinha o tamanho que eu tenho agora, eu tenho 1,70 né?! Então eu nem olhava pra ele... Aí no meio do segundo a gente era do mesmo grupo de amigos. No meio do segundo colegial ele começou a namorar aí ele namorou até o final do terceiro. Só que daí a gente viajou juntos no final do ano, sabe terceiro?! A galera fica mó unida e a gente viajou juntos em Finados né, em novembro. Aí ele falou que se apaixonou por mim nessa viagem. Só que o Pedro é muito certinho sabe? Só namora aquela, namora, usa aliança, não olha pro lado, não trai, por isso que eu nunca imaginei que ele ia... Porque eu sempre achei ele bonitinho, só que nunca pensei nada, já tava acomodada com o fato dele namorar. Só que ele começou a vir atrás de mim e eu me senti provocada por ele, fui ver qual que era. Quando a gente ficou ele ainda tava namorando, depois de uma semana ele terminou e a gente tá até hoje.

E: Você acha então que o que te atraiu foi isso. E pra ele? O que em você fez ele ir atrás de você?

J: Ah não sei, ele sempre me achou bonita, mas até ai... É aquela coisa de colégio... Não sei, ele gostava... Que assim quando a gente viajou juntos, eu que cozinhava, eu que fazia as coisas ele viu que assim, eu era um pouquinho diferente sabe?! Que nem, sabe o pessoal do colégio era muito mimado, menininha não sabe fazer nada, não tira o prato da mesa, nada assim. Muito acomodadas... Todo mundo sempre faz pela pessoa. E como lá a gente tava só entre a gente, se vê mesmo o que cada um sabe fazer mesmo ou se dispõe a fazer e acho que ele gostou do fato de eu ter iniciativa.

E: E como era o namoro? Porque faz um ano né? Mudou o namoro? O que mudou?

J: Ah, mudou. Ah que nem, depois de seis ou sete meses eu comecei a trabalhar então já faltou tempo. Aí, antes eu fiz meio ano de cursinho, eu comecei a namorar, ele na faculdade e eu no cursinho. Então eu não fazia nada de tarde, no máximo estudava. Antes assim eu treinava né, fazia esporte. Mas a gente tinha muito mais tempo um pro outro. Às vezes a gente combinava de não se ver, porque a gente se via todo dia, então tipo assim, amanhã eu vou passar o dia inteiro no clube e você na faculdade, sabe assim, a gente combinava.

E: Mas por quê? Uma questão de espaço, de cada um ter sua vida separada?

J: Ah, porque assim, não é que a gente era aquele grude chato entendeu? É porque a gente aproveitava cada minuto porque a gente se dá muito bem, eu me dou muito bem

com a família dele, ele com a minha. Mas depois que eu comecei a trabalhar a gente começou a se ver menos. Que nem, eu fazia mais esforço porque eu saia da faculdade e ia encontrar com ele pra almoçar pra depois vir trabalhar, então cansava. Invés de fazer trabalho sabe, aí foi ficando apertado. Porque de fim de semana, durante a semana não dava pra gente se ver muito e de fim de semana eu precisava ver ele, mas precisava trabalhar e fazer trabalho da faculdade então foi ficando meio "muvucado". Que nem ultimamente assim a gente até discutiu porque ele não agüenta mais o fato de eu trabalhar no shopping porque eu entrei pra ficar seis meses, ia ficar só até o natal, porque tipo ganha bem, e ia embora, só que como eu consegui conciliar com a faculdade eu fui ficando e isso atrapalha porque ele se sente muito sozinho.

E: Ele faz o que?

J: Ele faz faculdade de publicidade, tá no quarto semestre porque a gente saiu juntos do colégio. Mas ele não trabalha entendeu, quer dizer agora ele tá na empresa júnior, graças a Deus... Porque ele falava assim pra mim: "pô vou ficar sozinho hoje de tarde" e eu falava "meu pelo menos você pode fazer alguma coisa de lazer sabe, vai pro clube fazer esporte e eu que tenho que trabalhar", apesar de que eu adoro o fato de eu trabalhar, adoro, adoro o que eu faço, faço bem e enquanto der pra levar com a faculdade vai indo. Mas vai...Mas mudou né? Porque a gente foi crescendo e apareceram outros compromissos entendeu. Que nem eu tava muito focada na faculdade e no trabalho e muito acomodada com meu namorado e minha mãe, que é minha melhor amiga. Aí que eu percebi que, quando eu vi que o Pedro tava muito sozinho, que ele falava: "ai to carente", mas não tipo assim chato sabe, mais pra dar um toque. Porque o que aconteceu eu falei o Pedro tá ali e a minha mãe tá ali, então tipo eu ficava mó concentrada nos dois, um dia que eu vi que tipo o Pedro não tava tão ali eu falei nossa sabe, "eu to dando importância pra umas coisas e acomodadas com outras", sendo que ao contrário, enquanto eu não tiver bem com ele eu não vou fazer o trabalho direito. Aí eu percebi isso assim ultimamente então já melhorou as coisas, to dando mais atenção.

E: E o que é sexualidade pra você?

J: Ah então. Sempre, imagina assim, porque que nem eu perdi minha virgindade quando eu tinha 18 né. Aí assim o colégio inteiro você ouve "ai não sei quem foi na festa e deu pro cara", sabe umas coisas absurdas, então eu tinha muito uma noção de que quem faz essas coisas é tipo assim, promiscua sabe. Então eu sempre achava que eu não ia fazer essas coisas, não porque, eu tinha uma idéia assim de ser meio errado entendeu, eu nunca achei que tava na hora. Tipo assim demorou, mas eu ainda achei que poderia ter demorado mais sabe. Mas eu sempre achava que eu não ia fazer, tipo assim demorou muito tempo pra cair a minha ficha de que eu tinha uma vida sexual, eu achava muito estranho.

E: Você começou a namorar com ele e demorou quanto tempo?

J: Demorou nove meses.

E: E como era vocês conversavam sobre isso?

J: A gente conversa sobre tudo, como a gente já era muito amigo antes então foi tudo aberto, tipo assim qualquer coisa que a gente pensava a gente conversava. Então conversava, conversava, conversava. Lógico que ele queria, ele não era virgem, porque ele já tinha a ex-namorada dele. Não era nem assim, ah será que ele vai, quanto tempo vai demorar, será que ele vai achar alguma coisa... Nada disso, a gente sempre se deu bem e nunca fiquei preocupada com o que ele ia pensar, mas eu não achava que era a hora. Porque ia... Eu achava que era uma coisa de "gente grande" e eu não me achava gente grande entendeu, eu achava meio isso assim, aí demorou... Que nem a gente foi indo aos pouquinhos, ele foi falando: "Jú todo mundo faz"... E outra se ta namorando né, primeiro você beija tipo vai entrando nessas, não que necessite disso, mas faz parte. Começa a fazer parte entendeu. Eu acho que não é uma necessidade, mas acho que é, sei lá, muito integração. Lógico, se de repente não tiver bem não vai acontecer sabe, se tá meio brigado não vai acontecer. Acho que representa um pouco a união do casal.

E: Se conversava sobre o assunto antes, sei lá, com a sua mãe que você disse que foi sempre próxima?

J: Disso não, com minha mãe não, ah, mas também tipo eu não fazia nada com ninguém. Porque assim, raramente eu beijava um cara sabe, eu sempre fui muito do tipo assim, ah conheci o cara na festa nunca ia beijar um cara que eu acabei de conhecer. Eu não beijava ninguém porque eu sempre quis namorar, por mais que hoje eu ache bom nunca ter namorado no colégio, não queria saber dessa coisa de ficar, então eu falava assim "ah quero namorar" então eu não beijava, sendo que pra namorar tem que beijar. Então eu não ficava e nunca beijava ninguém, nunca assim, o máximo que aconteceu antes de eu namorar o Pedro foi um cara por a mão no meu bumbum e eu falar: "MEU", sabe tipo ficar brava. Então isso eu não precisava conversar com a minha mãe porque eu realmente não escondia nada, não é que eu tinha vergonha, mas nada acontecia. Mas que nem depois que eu comecei a namorar o Pedro mesmo assim eu não comentava... Só que com as minhas amigas eu sempre conversei um monte. A maioria, desde o primeiro colegial todas já... Sexualmente ativas. Então com elas eu conversava, quer dizer escutar, né?! Até eu não perguntava nada do tipo como é que foi, sei lá, eu acho que é meio íntimo isso entendeu? É que eu tinha, uma das minhas melhores amigas do grupo, adorava falar, contava detalhes, contava dia, hora, contava tudo. Então ficava, tipo isso já foi ajudando a isso ir entrando na minha cabeça entendeu, mas não falava muito.

E: Por exemplo, você falou que, de certa forma desaprovava essas coisas que você ouvia no colégio, e que talvez você não se sentisse preparada por isso, que não via como

uma coisa natural. Mas as suas amigas que você conhecia bem, que tipo não era fofoca, já transavam, como você as via?

J: Não pensava mal delas, não. Que nem essa minha amiga que contava tudo, ela já transou com 11 caras, tipo a gente é muito amiga, mas eu não acho isso legal entendeu? Mas ela falava e eu já tava acostumada sabe.

E: Eu fiz essa pergunta por que assim, quando a gente não conhece a pessoa é mais fácil da gente falar “nossa que nada vê”, mas quando é uma amiga sua que você conhece, você acompanha de perto, você entende melhor... Você sabe que ela ta fazendo aquilo e não necessariamente é uma vagabunda.

J: É, mas ao mesmo tempo, tinha uma, porque a gente andava em quatro, e essa outra amiga namora há três anos e meio já, começou no segundo colegial. Então assim, ela demorou um ano, foi só no terceiro. Eu pensei assim, “nossa se ela faz quem não faz”. O cara foi o primeiro, o único cara que ela beijou assim até hoje. Então a gente é opostas assim, tem essa amiga que namora há três anos e meio e ele foi o único cara que ela beijou, e a outra que todo mês tá namorando sabe, mas eu achava que não ia acontecer comigo, porque eu não tinha ninguém entendeu, eu não ficava paquerando um cara pensando “aí, quero transar com ele e tal”, isso era a última coisa, quer dizer não era uma coisa que eu pensava pra falar a verdade.

E: Você foi ao ginecologista?

J: Fui, quando já tava assim quase rolando eu fui no da minha mãe...

E: Ela sabia que você ia?

J: Ah eu falei pra ela que eu ia porque eu queria começar a tomar pílula né? Aí também pra ir regular assim, nada demais. Aí conversei com ele e tirei um monte de dúvidas. Porque assim, pro Pedro, lógico, era tudo normal, não nunca vai engravidar, não precisa usar a camisinha junto com a pílula. Porque ele falava que nunca transava de camisinha com a ex-namorada. Mas eu não me sentia nada segura com essas coisas, e outra, você aprende as coisas no colégio, mas na hora que você vai ver na prática eu ficava muito noiada. Porque eu penso assim, por exemplo, vamos supor entrou no corpo sabe se entrou a chance de ter um filho sabe, pó, como é que vai impedir? Então eu fui lá conversei com ele, aí ele falou que, só que ele não se ligou que eu era filha da minha mãe, aí quando ele perguntou da minha mãe e eu disse ah minha mãe é a Carla, ele disse: “ah nossa pelo amor de deus pode conversar com ela”. E com ela não tinha problema pra conversa, mas eu fui mais nele pra perguntar, pra ver se o que meu namorado falava era verdade mesmo. Não que eu desconfiava entendeu, mas assim ele incentivava, vai saber se ele não tava tirando umas partes, omitindo.

E: Sim, é diferente quando você escuta de um profissional da área, né?! E você consegue nomear o que te levou a transar? Assim porque antes você não se via fazendo e aí você começou a namorar, foi indo aos poucos e fez?

J: Foi meio curiosidade e meio vontade, tinha curiosidade de saber como era porque pô é uma coisa que você pode ver num filme, pode ler numa revista, mas sentir é totalmente diferente e aí eu fui ficando com curiosidade. Mas assim eu era tão, tão, não noiada, eu pensava tanto que comigo não era a hora então eu afastava. Mas eu, eu ah, tinha curiosidade e com o tempo fui ficando com vontade, mas eu ficava “ah não, não posso”.

E: Quais os sentimentos que você associa a essa lembrança?

J: Ah eu acho gostoso, ah tipo alegria os dois se descobrindo, porque tipo por mais que pra ele não fosse a primeira vez, eu era pessoa nova tipo vai ser diferente... Ah eu gosto de lembrar, acho muito gostoso.

E: Você mudaria alguma coisa?

J: Ah, eu demoraria mais tempo, por mais que eu já saiba que é muito bom...

E: E hoje já é uma coisa normal pra você?

J: Então demorou, demorou um tempo, eu sempre, mesmo assim eu falava: “aí Pedro, eu acho que não é certo” e ele falava: “ai Jú pelo amor de Deus há quanto tempo a gente já faz isso, todo mundo faz isso e você ainda fica nessas”.

E: Mas por que você acha que não é certo? Você consegue explicar?

J: É como se eu fosse criança que fala “é feio”, não sei, tipo eu não tenho nenhum trauma sabe, mas é como se eu tivesse, sei lá. Enquanto eu namorava o Pedro eu não olhava pra outros caras, sou totalmente apaixonada por ele mas eu pensava assim, ah se eu terminasse com ele, até poderia querer ficar com outros caras mas transar é uma coisa que não passa pela minha cabeça, acho que tem que ter muita intimidade. Não consigo pensar assim como uma pessoa beija alguém pela primeira vez e já consegue transar na mesma noite ou então em uma semana... Porque acaba virando uma coisa muito supérflua, entendeu? Fica só pelo lado sexual e não pelo estar junto e isso eu não concordo, não que tipo, eu julgue ou discrimine quem tá fazendo, mas é uma coisa que eu acho que perde o sentido entendeu?

E: Entendi. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar, de perguntar?

J: Ah, acho que não...

E: Então tá bom, muito obrigada!

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A psicanálise fornece subsídios para uma análise qualitativa voltada para a compreensão do fenômeno, considerando o indivíduo em sua história única e pessoal, fantasias e desejos. Por ser um método que privilegia a busca pela subjetividade a pesquisa qualitativa visa apreender os aspectos explícitos e implícitos do discurso e da apresentação do sujeito, objetivando assim a compreensão dos processos mais complexos constituintes da subjetividade do indivíduo.

Serão consideradas as manifestações inconscientes que podem se revelar não só explicitamente pelas falas, mas também pelos “não-ditos”, contradições, omissões e o modo de expressão.

Nesse sentido, ao relacionar as entrevistas semi-dirigidas realizadas com as participantes previamente especificadas no método, (quatro mulheres entre 19 e 22 anos, que tivessem passado pela experiência da primeira relação sexual e que estivessem em fase de construção de suas vivências sexuais podendo haver maior ou menor grau de elaboração) com a teoria apresentada sobre o tema, pude realizar diversas reflexões, encontrando diferenças e semelhanças entre o discurso delas e a fala dos teóricos, além de levantar questões e apontar particularidades do primeiro.

Tendo como foco o modo como as adolescentes lidam com a sua primeira vez, pretendo apresentar aqui aspectos sociais e subjetivos que permeiam essa experiência, demonstrando como estes estão interligados e se influenciam mutuamente.

Ficou evidente em seus discursos que, para todas, a primeira vez tem um peso muito grande bem como um significado particular e especial que vai variar de uma para outra dependendo desses dois aspectos citados acima: subjetividade e cultura.

Antes de iniciar, gostaria de apresentar, resumidamente, cada participante, ressaltando dados básicos, como nomes (fictícios) e idades, bem como a reação que tiveram frente ao convite de participar da pesquisa e algumas características pessoais que me chamaram atenção ao longo das entrevistas:

Karina, 19 anos. Aceitou na hora fazer parte da pesquisa, se mostrou tranqüila e à vontade durante todo o tempo.

Parece já ter refletido a respeito de tudo que foi conversado inúmeras vezes, o que pode ser observado ao longo de seu discurso. É sensível e intensa no modo de lidar com a vida o que consequentemente aparece em suas respostas.

Priscila, 22 anos. Ofereceu-se para fazer parte da pesquisa, se mostrou um pouco agitada e ansiosa no início, mas ao final estava tranqüila e relaxada. Pareceu que foi muito agradável para ela relembrar tudo, pois na medida em que ia relatando suas histórias foi

fazendo associações e reelaborando suas vivências. Tive a impressão de que a possibilidade de falar sobre essas experiências lhe foi muito gratificante.

Laura, 20 anos. Aceitou participar da pesquisa se mostrando muito solícita. Ao contrário do que disse ao longo de toda a entrevista: que sempre foi muito extrovertida e "dada" ficou tímida em vários momentos sem saber o que responder. Foi a participante mais sucinta tendo a entrevistadora que insistir diversas vezes por uma resposta mais completa.

Juliana, 19 anos. Demonstrou facilidade em se comunicar com a entrevistadora. Pareceu ter organizando seus pensamentos na medida em que a entrevistadora ia lhe perguntando. Tive a sensação de que estava refletindo sobre tudo aquilo pela primeira vez. É uma pessoa confiante, que se vê muito madura intelectual e profissionalmente, sendo muito determinada em busca do que deseja. Por outro lado, emocionalmente ainda não se vê como mulher.

6.1 Sexualidade e sua Teia de Significados

Desser (1993) em seu livro “Adolescência, Sexualidade e Culpa – Um estudo sobre a gravidez precoce nas adolescentes brasileiras” nos apontou que para todas as informantes de seu estudo a adolescência era vivida como um período de amadurecimento e acúmulo de experiências tanto ao nível emocional/afetivo como intelectual. E que as informantes das camadas médias (camadas às quais também pertencem as participantes dessa pesquisa) tinham como objetivos tornarem-se mulheres independentes, profissionais e autônomas.

Em minha pesquisa, a passagem para a adolescência recebeu uma conotação de aquisição de responsabilidade, seja imposta, como no caso de Priscila, que se viu adolescente quando os pais se separaram e teve, segundo o seu ponto de vista, que assumir a responsabilidade de ser forte e cuidar do irmão mais novo. Ou então, por opção no caso de Karina, que aponta a importância de fazer as próprias escolhas ao referir que se viu adolescente quando decidiu sair da escola em que estudava para encontrar uma outra que tivesse “a sua cara”, e não mais que correspondesse às expectativas e projeções de sua família. Percebe-se que nestes dois casos houve um movimento de discriminação do núcleo parental, o que é próprio da construção de uma identidade autônoma, principalmente na adolescência. E ainda, Juliana que decidiu trabalhar e fazer faculdade ao mesmo tempo, instrumentando-se em busca dessa independência.

A diferença entre elas, dessa passagem para adolescência, pode ser vista na idade e no momento de vida em que ela ocorreu para cada uma. Juliana se viu adolescente mais tarde, na entrada da faculdade. Talvez para ela, tenha sido a entrada na faculdade que propiciou novas experimentações e comparações entre vários tipos de pessoas, conhecendo novos modelos de relações simétricas enquanto para as outras, tais experimentações e referências tenham ocorrido em momentos anteriores, concernentes ao período escolar.

A idéia de autonomia e independência apareceu de forma mais ou menos evidente em seus discursos: Juliana destaca a importância, para ela, de se ter autonomia, de não depender dos outros da seguinte forma: “... eu sempre corro atrás do que eu quero, não fico esperando alguém, ninguém fazer nada”.

O significado que a primeira relação sexual teve para cada uma delas, de maneira geral foi o de transformação de menina em mulher, isto é de crescer e se ver como mulher adulta. De acordo com Karina, essa transformação é tanto psíquica quanto física: “É uma penetração de vida, uma coisa muito grande pra mim, pra qualquer pessoa, muda até o corpo né?”

Vale ressaltar aqui, como nos apontou Chodorow (1990), que o enfoque psicanalítico clássico, herdeiro da moral vitoriana, determina a heterossexualidade feminina, enquanto

orientação para os homens, definindo a mulher como passiva. E ainda, com base na relação que a psicanálise estabelece entre o corpo e os traços psicológicos, poderíamos afirmar que o órgão sexual feminino – a vagina reforça essa passividade na medida em que este é um órgão que, à primeira vista, apenas recebe. Ou seja, a partir dessa forma anatômica, poderíamos supor que a passividade e a receptividade são características femininas. A fala de Karina, acima citada, de alguma maneira vai de encontro a essas idéias quando ela se refere a "penetração de vida": a mulher passiva é penetrada.

No entanto, apesar dessa associação: primeira relação sexual - tornar-se mulher, ser comum a todas, o modo como foi vivenciada por cada uma é específico e particular.

Antes de apresentar cada uma delas, é importante ressaltar que pôde ser observado em todas as vivências alguns pré - requisitos para o ato sexual "poder" (no sentido superegoíco) acontecer, como: intimidade, confiança, companheirismo, possibilidade de diálogo e compreensão além de um vínculo previamente firmado com o parceiro sexual. Além disso, elas conseguiram nomear, concretamente dois fatores desencadeantes da decisão de ter a primeira relação sexual: a curiosidade e o desejo físico, no sentido biológico, como diz Karina, "... o corpo fala...".

A respeito desse desejo físico podemos afirmar que, de acordo com a psicanálise, a organização sexual do indivíduo tem uma base biológica sobre a qual incidem a subjetividade (por exemplo, as condições afetivas para o desenvolvimento da sexualidade, imagem corporal, etc.) e o social como, por exemplo, o grupo de amigos, e mais amplamente, a mídia, etc. A importância e relevância do biológico para a psicanálise pode ser observada em textos como "A diferença Anatômica entre os sexos" ou então em autores como Klein, Horney, Jones e Chasseguet-Smirgel. Esses autores (apud Chodorow, 1990), afirmaram, ao contrário de Freud, que não seria necessária qualquer explicação para justificar a mudança de fixação de objeto durante o complexo de Édipo feminino, pois esta seria apenas a expressão de uma heterossexualidade inata que se desenvolve espontaneamente numa menina, isto é, seu desejo sexual está ligado à satisfação de seu próprio prazer, sentido no corpo "Uma menina chega ao complexo édípico sobretudo pelos impulsos heterossexuais femininos inatos..."(p.150).

Em alguma medida, a virgindade é encarada por elas como um fardo ou um rótulo do qual desejam se desvencilhar: "Na verdade eu tinha 18 anos e todas as minhas amigas já tinham transado e eu morria de curiosidade e eu fui mais assim por uma obrigação: ai eu tenho 18 anos eu nunca transei e todo mundo já transou..." (Priscila).

Enquanto no passado as mulheres deveriam casar-se virgens para serem consideradas respeitáveis, hoje vemos uma inversão desta regra, mas que continua aprisionando-as em expectativas sociais: é vergonhoso ser virgem por volta dos 20 anos. Por outro lado, a essa prescrição social, veiculada principalmente pelas amigas, une-se à

normatização da sexualidade da adolescente. Desser (1993) demonstra e explica a normatização presente na sexualidade da adolescente: como vimos no capítulo I.2, diz que observou em seu estudo a construção da pureza e inocência no discurso e nas atitudes relativas ao sexo. Isto é, nos apontou que apesar de o conceito de virgindade anatômica não ser mais considerado pré-condição para uma mulher ser considerada respeitável, ela ainda deve buscar a inocência sendo impossibilitada, desta forma, de programar sua atividade sexual, previnindo-se contra doenças e a gravidez indesejada. Desse modo, observamos ambigüidades e contradições na medida em que a manutenção da virgindade pode ser concebida como "anormal". Uma das informantes do estudo de Desser reforça a fala de Priscila apresentada acima quando diz:

> **"Virgindade é tabu que, por mais que tenha homem que ainda valorize ela, depois de uma certa idade já é...quase anormal, já não é... não é uma coisa legal, é uma coisa que...algum problema a pessoa tem." (p.69).**

No caso das participantes desta pesquisa, pôde ser observado que todas, em alguma medida, se prepararam para a possibilidade da primeira vez, tomando pílula anticoncepcional, indo ao ginecologista e ainda, conversando sobre o assunto com alguém de sua confiança. Talvez os quinze anos de diferença entre esta pesquisa e a de Desser tenham trazido transformações, pois não percebemos em nossas entrevistadas a construção da inocência presente no estudo da autora citada.

Para Karina, quando considerou a possibilidade de ter relações sexuais com um menino que estava "ficando", resolveu se prevenir e começou a tomar pílula anticoncepcional. No entanto, de acordo com ela, nesse momento não se sentia à vontade consigo mesma e consequentemente não se sentia à vontade com o parceiro. Em suas palavras: "não conseguia abrir corpo". Parece-nos que havia contradições entre suas vontades conscientes e o que sentia, assim podemos supor que seu corpo fechou como que para protegê-la de algo para o qual não estava preparada.

Já com o Leonardo, homem com quem perdeu sua virgindade já se sentia bem consigo mesma e confiante, além do que estabelecia com ele uma relação de muita intimidade, confiança e com muito diálogo, inclusive a respeito de sexo. Dessa maneira, podemos notar que ela teve sim um planejamento e que pôde se apropriar de sua sexualidade. Tais afirmações podem ser percebidas em seu discurso, de maneira mais evidente, quando questionada a respeito do significado da sexualidade: responde que quando a sexualidade é saudável é um bom acompanhamento para intimidade. E quando a entrevistadora lhe pergunta o que ela quer dizer com uma sexualidade saudável, responde:

“Que responde às minhas vontades, que eu não me, não me agrido em nada. Então se eu tenho vontade de fazer de algum jeito, de fazer, tipo, de me relacionar com alguma pessoa de algum jeito eu não fujo disso” (Karina).

Em Priscila também podemos constatar uma premeditação: ela parece ter refletido muitas vezes anteriormente a respeito da possibilidade de ter relações sexuais com o namorado. Além disso, o assunto foi discutido inúmeras vezes com ele e ainda com sua mãe. Foi ao ginecologista e começou a tomar pílula antes de acontecer de fato.

Laura, por sua vez, apesar de já tomar pílula desde muito nova, “para a pele” e de ter feito visitas regulares ao ginecologista, apresenta frases do tipo “... Já não era pura” e “Não calculei nada” quando relata sobre sua primeira vez: “Não, não calculei nada, foi na hora, é claro que vem na cabeça: “ai será?” “ai que medo” mas são coisas que vem à cabeça de todas as mulheres” (Laura).

Diz que conversava sobre o assunto com a irmã mais velha, com as amigas e um pouco com a mãe, mas em seu discurso podemos notar que se sentia diferente do parâmetro social em que estava inserida e que se auto-refere “maluquinha” por ser desviante da expectativa social. Além disso, chama-nos atenção a frase “já não era pura”, pois há nela uma valoração moral embutida. Tais fatos podem ser observados também a partir deste trecho da entrevista:

Entrevistadora: E como foi a sua primeira vez? Quem era e tal...

Laura: Então essa é uma história bem diferente, muuito diferente.

Entrevistadora: Muito diferente do que? Da história anterior? (referindo-se ao primeiro namorado com quem não transou).

Laura: Não, da história de qualquer pessoa que teve a primeira vez...

Em falas como “todas as mulheres” ou “qualquer pessoa”, ela demonstra a importância do coletivo, ora validando seus sentimentos ou comportamentos, ora contrapondo-se.

Talvez essa diferença, por ela destacada, se deva ao fato de que as amigas mencionadas em seu relato realizaram a primeira vez com um namorado enquanto ela teve sua primeira vez com um amigo de quem gostava e ficava, mas que não era oficialmente um namorado.

E, por último, Juliana relata ter conversado inúmeras vezes com o namorado a respeito e de ter ido ao ginecologista com o objetivo de sanar todas suas dúvidas a respeito do assunto e principalmente em relação ao funcionamento e validade dos métodos anticoncepcionais. Nesse sentido, existe uma premeditação e um planejamento em seu discurso, não se escondendo através da construção da inocência e pureza apontadas por Desser (1993).

No entanto, podemos notar que mesmo assim, há a presença em todo o seu discurso de uma sexualidade culpada, e por isso, o planejar e o premeditar não necessariamente levam à apropriação da sexualidade. Desse modo, retomando Figueira (1987) podemos afirmar a existência de uma aparente transformação, que na realidade mantém os valores tradicionais, e assim a possibilidade da liberdade de escolha ainda não é real. O discurso muitas vezes difere da prática e com isso, sentimento, pensamento e ação não caminham necessariamente de forma harmoniosa; são por vezes incoerentes entre si. Essa incoerência pode ser encontrada também no discurso de Priscila que refere ter sentido vontade e pensado a respeito, mas, no entanto, não conseguia agir. Acabou "cedendo" ao sexo por obrigação, no sentido de agradar o namorado e manter a relação.

Segundo Desser (1993) os valores tradicionais que resistem à modernização são reproduzidos e transmitidos muitas vezes pela família, principalmente pelos pais que carregam preconceitos de gerações mais velhas. Tal pensamento pode ser identificado novamente na fala de Priscila: "Acho que a gente vem de uma geração, sei lá, a minha mãe foi de uma geração assim mais hippie, amor livre, só que ao mesmo tempo tá enraizado esse moralismo e eu também acho careta uma menina de 14 anos transar, ou sei lá transar com 10 numa noite só..."

De acordo com Lins (1948) "mesmo as mães que se consideram liberadas e viveram as transformações da década de 1970, não tendo inclusive casado virgens, passam muitas vezes às filhas preconceitos moralizantes quanto ao sexo em um discurso dúbio" (p. 315). A autora traz um exemplo de um discurso materno reprodutor de valores antigos que estão de acordo com as proibições e regras moralistas:

> **"Não tenho nada contra você ter relações sexuais com seu namorado, desde que esteja certa de poder assumir essa responsabilidade, de que é um namoro sério, de que tenha certeza que o ama, que ele não a esteja usando, que se o namoro terminar você não vai ficar mal, que a camisinha não vai furar, que..." (p.315).**

Além disso, podemos sugerir que as transformações sociais que vieram acontecendo desde o século passado, de maneira geral e em especial em relação ao papel da mulher dentro da sociedade, como a entrada em massa para o âmbito público, a separação entre maternidade e sexualidade, a lei do divórcio, etc. foram muito rápidas e por isso, a subjetividade dos indivíduos não foi capaz de acompanhar tais mudanças. Podemos apontar aqui, a questão do "tempo" que permeou todo o discurso de Juliana, que parece viver exatamente esse conflito: apresenta-se como alguém independente e autônoma, que parece se orgulhar do fato de trabalhar e estudar ao mesmo tempo e que, como vimos

anteriormente, sempre corre em busca do que deseja. Entretanto, quando se trata do sexual, não se vê mulher, e ao ser indagada se mudaria algo em sua primeira vez, responde que teria esperado mais:

Entrevistadora: E o que é sexualidade para você?

Juliana:...Eu tinha uma idéia assim de ser meio errado entendeu, eu nunca achei que tava na hora. Tipo assim demorou, mas eu ainda achei que poderia ter demorado mais sabe. Mas eu sempre achava que eu não ia fazer, tipo assim demorou muito tempo pra cair a minha ficha de que eu tinha uma vida sexual, eu achava muito estranho.

Entrevistadora: Você mudaria alguma coisa? (em relação à primeira vez)

Juliana: Ah, eu demoraria mais tempo, por mais que eu já saiba que é muito bom...

Há aqui uma elaboração maior de Juliana: ser bom não é suficiente, seria necessário respeitar seu tempo, inclusive para lidar com a carga moral e valorativa presente no ato sexual.

Entrevistadora: E hoje já é uma coisa normal pra você?

Juliana: Então demorou, demorou um tempo, eu sempre, mesmo assim eu falava “ai Pedro eu acho que não é certo” e ele falava: “Ai Ju pelo amor de Deus há quanto tempo a gente já faz isso, todo mundo faz isso e você ainda fica nessas”.

Podemos perceber por essa última fala que, também seu namorado, recorre ao parâmetro coletivo para justificar o exercício da sexualidade, criticando o tempo e o julgamento de Juliana.

E ainda, talvez pelo fato de que os parceiros sexuais das participantes não fossem mais virgens, ou talvez porque exista uma cultura construída a respeito da virgindade como sinônimo de inexperiência, a virgindade delas era percebida, por elas, como naturalmente desprazerosa para o outro. Tal aspecto pode ser analisado através de um diálogo entre a entrevistadora e a participante Karina:

Karina: “... que já não ia ser a melhor coisa pra ele né? Minha primeira vez...”.

Entrevistadora: “Então você imaginava, na verdade, que por você ser virgem não seria tão bom pra ele?”.

Karina: “É natural né?”.

Aqui poderíamos sugerir que ela projetou sua visão negativa de virgindade no parceiro e assim foi ele quem ficou como representante dessa idéia negativa, tornando-a natural para ela. Vale ressaltar que podemos observar em nossa cultura, que para os homens a virgindade pode ter outras conotações como, por exemplo, a de “prêmio”, algo especial a lhe ser entregue, mas tal fato não é nem mesmo considerado por ela.

Assim, a partir de seus discursos fica claro que a normatização da sexualidade vem dos parâmetros sociais, que para elas são o grupo de amigas e da necessidade, característica da adolescência, de se encaixar num padrão, no perfil do grupo para se

sentirem aceitas. Seus discursos são permeados por frases como “eu transei tarde com 19 anos” ou “todas as minhas amigas já tinham transado”, Karina, por exemplo, menciona: “... assim eu queria muito estar imersa no meu grupo e o meu grupo já era... trepadoras...”.

Chama-nos atenção essa frase de Karina também pelo modo como se referiu ao grupo de amigas que já eram sexualmente ativas: “trepadoras”. No passado, quando ainda não havia ocorrido a chamada revolução sexual, durante a predominância do ideal de amor romântico, seria inaceitável trocar “fazer amor” por “trepar”. A primeira expressão nos dá a impressão de uma conseqüência do amor, duas pessoas que se amam naturalmente fazem amor, ao passo que a segunda nos passa a idéia de sexo pelo sexo, isto é, pelo prazer. Ou seja, aparentemente, houve uma mudança da conotação valorativa e atualmente não só é aceitável como “bacana” poder dizer “trepar”.

Nesse sentido, o “trepar” de Karina estaria de acordo com as transformações apontadas por Giddens (1993) nas relações de intimidade. O ideal de amor romântico foi se modificando, embora ainda possamos ver muitos resquícios dele. O autor aponta que na contemporaneidade busca-se o amor confluente: este funda-se na idéia de igualdade nas trocas afetivas e no envolvimento emocional, além de possibilitar e demandar uma comunicação aberta e direta entre o casal. O prazer sexual deve ser recíproco e o relacionamento como um todo deve ser gratificante para ambos.

Outro conceito por ele desenvolvido a partir dessas mudanças seria o da sexualidade plástica, que é reflexo da reivindicação da mulher ao prazer, isto é, uma sexualidade que não se restringe à procriação e nem à heterossexualidade. A sexualidade plástica está presente no “relacionamento puro”, outro conceito por ele elaborado, que vincularia amor e sexualidade por meio de regras do relacionamento estabelecidas por ambos os parceiros, o importante seria manter a satisfação para os dois envolvidos no mesmo, o que implica em investimento, cuidado e abertura a si mesmo e ao outro.

Esses novos conceitos apontariam então para uma direção diferente do amor romântico e assim o “trepar” enquanto sexo pelo sexo, ou pelo prazer, se faz permitido na medida em que a mulher pode reivindicar ao seu prazer pessoal. Além disso, ao longo de seu discurso, Karina busca e valoriza essa troca afetiva quando diz querer ter intimidade consigo mesma para então ter intimidade com o outro ou quando fala em estar aberta para dar e receber.

No entanto, a própria Karina e as outras participantes nos mostram, ao longo de seus discursos, como é difícil introjetar e realizar esses novos ideais, apresentando-se ainda, em alguns momentos, aprisionadas ao amor romântico.

Como vimos no “capítulo 2.”, quando o amor começou a ter espaço dentro do casamento, de certa maneira houve uma libertação dos filhos em relação aos pais, pois não cabia mais aos últimos decidir e “arranjar” o casamento para seu filho (a), ou seja, o

casamento não era mais baseado nos interesses familiares, mas sim determinado por amor. No entanto, o conceito de amor romântico implica na idealização do outro e na idéia de completude e, nesse sentido, continua aprisionando, de acordo com Lins, 1948:

> "**A fusão proposta pelo amor romântico é extremamente sedutora. A grande maioria das pessoas acredita que não há remédio melhor para nosso desamparo do que a sensação de nos completarmos na relação com outra pessoa" (pp. 388-389).**

Como disse Platão, a paixão nos remete ao ser perfeito, que integrava todas as polaridades, e que foi cindido pelos Deuses por ameaçar seu poder. A fusão nos dá a sensação de resgate da perfeição e da completude perdida. Além disso, a simbiose com a mãe, na primeira fase do desenvolvimento do bebê, traz a sensação paradisíaca de completude para sempre perdida e sempre procurada no amor idealizado.

Priscila nos apresenta em seu discurso resquícios desse ideal, mais especificamente em relação à idealização e à noção de completude, quando a entrevistadora lhe pergunta como era o namoro com José, com quem teve sua primeira vez. Através de sua resposta também fica claro que a sua identidade se perde na medida em que ela se define a partir do namorado:

Entrevistadora: E como que era o seu namoro com esse namorado dos 18 anos? Como é que era? Conta um pouco da rotina?

"... e aí eu conheci ele e aí ele era o meu ídolo, fazia faculdade de história que era o meu sonho e ele era todo anarquista, todo bonito e ele sabia de tudo, ele era culto e "nãnãnã", ele não se desp..., sabe se desprendia do material..." (IDEALIZAÇÃO)

"Então foi uma loucura assim porque a gente ficou grudados (...) eu super me afastei das minhas amigas mas, ao mesmo tempo, eu saia sem ele eu me sentia sem um... sem nada, sem um braço, eu fazia um esforço pra sair com as minhas amigas mas eu tinha que ligar pra ele pra ele me encontrar, era uma relação simbiótica, louca..."(COMPLETUDE).

Também podemos encontrar, nos discursos das outras participantes, exemplos desse ideal através de colocações como: "os opostos literalmente se atraem" (Laura) e "foi o primeiro amor verdadeiro da minha vida" (Karina).

Giddens (1993) nos descreve o amor romântico como aquele considerado verdadeiro, para sempre, que torna completo o incompleto. A complementaridade entre os opostos o caracteriza, como se, ao encontrar a metade da maçã, o que era cindido se tornasse inteiro. A idealização dá-se por identificação projetiva: o outro concretiza o ideal presente no meu desejo, concretizando-o.

A convivência e a des-idealização oferecem a possibilidade de se ver o outro como ele mesmo, diferente e singular, com quem se poderá concretizar uma relação de amor não mais unindo duas metades, mas construindo uma nova composição entre dois inteiros. Hoje busca-se integrar individualidade e relação, não mais se polarizando essas necessidades em sexos opostos como no passado, atribuindo-se autonomia aos homens e o cuidado às mulheres.

Os discursos de Laura e de Juliana deixam bem claro que, para elas, o sexo pelo sexo não é uma possibilidade, este só teria sentido e valor, quando realizado com amor, amor este que fica representado pelo tipo de relação que elas têm com o parceiro sexual. Isto é, se o sexo for realizado com um parceiro com quem já tenham um vínculo estabelecido, com quem tenham intimidade e confiança ele se torna aceitável e pode ser até mesmo, por isso, justificado. Por outro lado, se não existe essa relação de confiança, de conhecimento, sendo o prazer pessoal o único objetivo, ele é condenável. Os trechos abaixo, retirados das entrevistas com elas ilustram esse modo de pensar:

Entrevistadora: E como você enxerga a sexualidade?

Laura: Eu, depende. Se for uma baixaria não é bonito! Ah eu acho bonito...

Entrevistadora: Fala um pouco mais sobre isso, o que você considera baixaria e o que você acha bonito?

Laura: Tipo assim, aqui do lado tem um puteiro, aí eu não acho legal, mas entre namorados e pessoas que se gostam, eu acho bonito... O carinho! Não é uma coisa “ai nossa tem que ter todo dia ou três vezes por semana, mas faz parte do relacionamento”.

“... porque acaba virando uma coisa muito supérflua, entendeu, fica só pelo lado sexual e não pelo estar junto e isso eu não concordo, não que tipo, eu julgue ou discrimine quem tá fazendo, mas é uma coisa que eu acho que perde o sentido entendeu?” (Juliana).

“... E outra se tá namorando né, primeiro você beija, tipo, vai entrando nessas, não que necessite disso, mas faz parte. Começa a fazer parte, entendeu? Eu acho que não é uma necessidade, mas acho que é, sei lá, muito integração (...)Acho que representa um pouco a união do casal” (Juliana).

Chama-nos atenção o fato da sexualidade, para ser validada, ficar atrelada ao amor, não havendo menção ao prazer e ao desejo, à necessidade de satisfação sexual. O sexo é considerado como algo menor, dispensável, que se torna sublime se integrado ao amor.

Essas concepções se diferenciam da sexualidade plástica de Giddens (1993), aproximando-se, mais uma vez, do amor romântico.

Outra evidência da presença dessa narrativa social é o conflito: “ser mais uma *versus* ser especial”, que elas apresentam, em relação a seus parceiros, uma vez que eles já não eram mais virgens. Isto é, precisavam formular premissas que confirmassem que, apesar de elas não serem as únicas em suas vidas, não eram “qualquer uma”, mas sim alguém

especial. Como exemplo, temos na fala de Karina: “Acho que pra ele foi uma experiência legal porque ele é um pouquinho mais velho, ele tem 25 agora, então ele trepava com várias meninas, já tinha transado com algumas virgens, mas acho que ele nunca sentiu o que ele sente por mim por ninguém...”

Enquanto que no amor confluente valoriza-se a relação especial, no amor romântico busca-se a pessoa especial, que realizaria os sonhos do parceiro amoroso.

As relações de gênero também atravessam seus discursos, o que nos revela que, apesar de todas as transformações do lugar da mulher ao longo dos séculos, em nossa sociedade, ainda hoje, é esperado que ela tenha determinadas posturas, principalmente em relação aos homens. Um dos momentos mais marcados por essa diferença foi em relação à seguinte pergunta, referente ao primeiro namorado de cada uma: o que mais te atraiu nele?

Karina: “O jeito que ele veio me paquerar na primeira... (risos) eu achei um máximo ele tava com um olhar forte, eu sempre reparei nessas coisas, eu fiquei seduzida pelos olhos. Ele pegou meu telefone no dia de um jeito... safadinho também, meio descoladão e a foi indo...”.

Juliana: “De primeira ele que veio atrás né... Ele namorava (...) Aí ele falou que se apaixonou por mim nessa viagem. Só que o Pedro é muito certinho sabe? Só namora aquela, namora, usa aliança, não olha pro lado, não trai, por isso que eu nunca imaginei que ele ia... porque eu sempre achei ele bonitinho só que nunca pensei nada, já tava acomodada com o fato dele namorar. Só que ele começou a vir atrás de mim e eu me senti provocada por ele, fui ver qual que era. Quando a gente ficou ele ainda tava namorando, depois de uma semana ele terminou e a gente tá até hoje”.

Laura: “O jeito dele carinhoso, simpático... Ah ele me escutava tinha paciência, porque eu falo demais né?! Isso é um fato... E homem já não tem muito saco e ele puxava muito assunto, ele não respondia simplesmente, “ah tá bom” ou “aham”. Ele ligava e tal... aí vai encantando né?! Mulher é boba!”.

Fica evidente nesses trechos como elas se colocam numa posição passiva de espera em relação ao homem, ao passo que a ele cabe uma posição ativa, de quem avança e conquista. Retomando Desser (1993), a mulher é vista como objeto sexual ou fonte de interesse sexual, devendo apenas responder ao homem, pois, caso se aproprie de sua sexualidade, utilizando-se desta para atraí-lo e assim, inverter os papéis, sente-se culpada e é considerada, pela sociedade, como desviante.

A resposta de Laura, não só confirma essa premissa como também, radicaliza, na medida em que toma a mulher por boba, remetendo-nos à construção de inocência apontada por Desser, quando diz que “... aí vai encantando...”, como se o homem tivesse algum poder do qual ela não tivesse percepção ou instrumentos para se defender.

Outro aspecto importante a esse respeito, foi mencionado por Priscila, quando ela traz uma referência à etnia árabe de sua família por parte de pai, o que justificaria o fato do pai não querer saber ou não poder saber sobre a sexualidade da filha, ignorando o fato dela não mais ser virgem. Por outro lado, possivelmente, levando em consideração a cultura árabe, o mesmo não acontece com seu irmão, uma vez que ele é homem.

Além disso, poderíamos pensar na dificuldade de um pai ver sua filha como uma mulher sexuada. Se a sexualidade genuína do ser humano é negada, a relação não é de um homem sexuado com uma mulher sexuada, mas de pai e filha, ou seja, os papéis sociais protegem contra a realização do incesto.

Segundo Desser (1993), observamos que a imagem de uma sexualidade feminina considerada “normal” se mantém limitada ainda hoje a determinados parâmetros, diferentes daqueles que regulam a sexualidade masculina. E, mais do que isso, a construção de si mesma é modificada por práticas, hábitos, valores e sentimentos que interagem com modelos de identidades femininas sociais, alterando-os e refletindo alterações na própria estrutura da subjetividade.

Como diz Giddens (apud Lins 1948) há uma recursividade entre o pessoal e o social:

> **“a “perda” da virgindade é para os rapazes uma expressão simbólica imprópria já que a primeira experiência sexual é um ganho, simbolizando sua capacidade masculina. Para as meninas, ao contrário, a preocupação com a escolha do momento e das circunstâncias certas retarda a iniciação sexual que para elas ainda está relacionada a narrativas românticas" (p.311).**

Assim, enquanto eles sempre avançam, elas recuam. Ainda é uma conquista recente para as mulheres o direito de dizer “sim”.

6.2 Sexualidade e seus Momentos

Como constatamos anteriormente nessa análise, a partir do que as entrevistadas nos mostraram, não há a falta de planejamento da relação sexual e a produção de inocência, apontada por Desser (1993) em seu estudo, aparece em menor projeção. No entanto, isso não significa que elas se apropriem da própria sexualidade. Se, no estudo de Desser (1993), as condições que permitiam e possibilitavam uma adolescente ter relações sexuais sem culpa eram concepções como “o amor que desracionaliza”, “a paixão que descontrola”, hoje, o ato sexual é sentido como uma obrigação para com o grupo social o que provavelmente gera uma cobrança interna.

A partir dessa observação, de maneira geral, temos, em relação à primeira vez, dois momentos distintos:

O primeiro seria vivenciado como um momento de se livrar do rótulo da virgindade e de acabar com esse fardo. A conotação de fardo para a virgindade pode ser observada em alguns trechos quando as participantes tratam a primeira vez como uma obrigação, inclusive quando se comparam com as amigas como já vimos acima.

Além disso, em alguns momentos, nos dão a impressão de que devem seguir um manual que orienta as práticas sexuais em relação ao modo como devem ocorrer ao invés de se abrirem para os sentimentos e sensações que pudessem vir:

“Putz eu acho que eu teria ficado, se eu pudesse eu teria ficado mais tranqüila, porque eu acho que teria sido, eu poderia ter aproveitado mais, tentado ter mais prazer assim ao invés de ser uma obrigação, algo mecânico de dar prazer” (Priscila).

“... mas a gente conseguiu transar direito...” (Karina).

Ou seja, para Priscila, a obrigação a impediu de desfrutar do momento, e o prazer ficou para o futuro, para o seu próximo relacionamento. Além disso, está presente a concepção tradicional de gênero na qual a mulher deve cumprir sua obrigação, dando prazer, “servindo” ao homem. E em relação à fala de Karina, o que significa transar direito?! Existe um jeito certo ou um modo esperado?

Outro aspecto desse primeiro momento, diz respeito ao parceiro escolhido para essa primeira vez. No caso de Priscila e de Laura, o homem escolhido, preenchia os pré-requisitos levantados anteriormente (intimidade, confiança, diálogo, vínculo, etc.), mas, no entanto, a partir de seus relatos observamos que elas enxergavam seus parceiros mais como um amigo ou um irmão do que como um homem, com quem pudessem se sentir mulher:

“Ah, era uma pessoa que eu confio muito, mas não era uma pessoa que eu tinha tesão assim...era mais de carinho, de confiança, de que eu sabia que ele não ia me

machucar ou falar pra alguém sabe, todas essa nóias que tem, mas tesão louco, absurdo não! De sexo bom, definitivamente não foi com ele" (Priscila).

"Também porque eu coloquei ele no lugar de homem, o outro (referindo-se ao primeiro) era no lugar de amigo, companheiro, irmão, e este no lugar do homem. Então aí eu falei: "puta, então é legal, é por isso que as pessoas gostam, não é mais uma obrigação"... porque, o outro era por obrigação, porque ao mesmo tempo eu não queria perder ele" (Priscila).

"É que assim, todo final de semana eu encontrava com esse menino, a gente não namorava, mas se falava todo dia, parecia mais irmão do que sei lá o que... Então eu não tinha vergonha dele e ele não tinha de mim então foi uma coisa meio que natural, parecia que a gente se conhecia faz tempo e eu que morro de vergonha do meu corpo, na hora nem liguei. Foi natural..." (Laura).

Através dessas falas podemos notar também o medo que elas sentem de se abrir para a experiência sexual, de estar vulnerável e exposta tanto física quanto socialmente.

O segundo momento, seria então, poder desfrutar da relação sexual, sendo o sexo visto como algo prazeroso, isto é, seria poder, literalmente, gozar de uma sexualidade ativa, abrindo-se para a experiência, sem pensar em alcançar expectativas alheias.

Para este segundo momento, o parceiro já pode ser "encarado" como um homem, e a menina torna-se mulher na relação com ele. É como se, esquematicamente, ela precisasse de alguém que lhe fosse familiar, amigo, irmão, companheiro para ajudá-la nessa transição e, através do ato sexual, torna-se mulher; assim, buscaria um homem com quem pudesse manter, sem culpa, uma vida sexual ativa, como parte de um relacionamento.

Nesses dois momentos, é possível pensarmos a respeito do modo como funciona a orientação heterossexual da menina de acordo com a psicanálise. Não à toa, utilizei a palavra "familiar" para definir o parceiro do primeiro momento, pois, assim como nos diz esta abordagem, a menina primeiramente, no complexo de Édipo se volta ao pai, que é um familiar, para depois, ao passar pela dissolução edípica e o período de latência, poder, na adolescência, reviver o Édipo dando-lhe um novo desfecho em direção a um homem, que seja de fora da família. Ou seja, passa de uma sexualidade vivenciada no núcleo familiar para uma sexualidade fora deste núcleo. Nas palavras de Bloss (apud Chodorow 1990), a principal questão da entrada na adolescência é o:

> **"abandono objetal e o achamento objetal": um filho de qualquer um dos gêneros necessita abandonar seu objeto de amor edípico em favor de outros objetos primários a fim de se relacionar no mundo para além da família" (p. 171).**

Desse modo, é como se, a partir do momento em que o ato sexual se concretiza, a transformação de menina em mulher ocorre, e a mulher passa a ter condições (subjetivas) de se relacionar com um homem. O diálogo abaixo ilustra esta constatação:

Entrevistadora: Você se vê mais mulher hoje?

Karina: Sim. E acho que bastante por causa da primeira vez...

No entanto, como as participantes nos mostraram, essa transição não é facilmente aceita pela mãe, o que nos remete à outra afirmação de Bloss (apud Chodorow, 1990 p. 172) “A menina luta com relações objetais mais intensamente durante sua adolescência: de fato, o prolongado e penoso rompimento com a mãe constitui a principal tarefa desse período”

Durante a puberdade, como nos mostra Balint (apud Chodorow, 1990), se intensifica a identificação da menina com a mãe uma vez que é neste momento que aparecem as questões sociais e psicológicas de ser uma mulher, como por exemplo, a menstruação, o desenvolvimento dos seios, o início das relações com meninos, etc. E isso acontece independentemente do interesse consciente ou inconsciente que a mãe tenha em relação à sexualidade em desenvolvimento de sua filha. Isso porque, mãe e filha vivenciam sentimentos de ambigüidade: a mãe quer ao mesmo tempo manter a filha perto de si e conduzi-la à vida adulta. Contra esse “pacto” mãe-filha, ou de acordo com ele, a menina dá os passos que pode em direção à individuação, estabilidade relacional e independência externa.

No discurso de Priscila essa ambigüidade materna está bem ressaltada: ela conta que antes de transar, conversava abertamente com a mãe sobre sexo, e que esta lhe recomendara ir ao ginecologista para conversar sobre suas fantasias e preocupações sobre engravidar e sobre a pílula anticoncepcional. No entanto quando contou para sua mãe que não era mais virgem não obteve desta a atitude que esperava:

“E aí depois eu contei pra minha mãe, e por incrível que pareça ela ficou super brava assim, ela respondeu de um jeito, não brava, mas assim: “você usou camisinha né?” (ríspida). Tipo dando bronca, nem perguntou se tinha sido legal, fiquei decepcionada porque tinha sido uma coisa que a gente super conversava, era super aberto e de repente quando ela viu mesmo ser consumado ela ... hoje em dia a gente nem fala mais sobre isso” (Prsicila).

Também a partir da fala abaixo, observamos novamente como é forte a presença da representação psíquica do ato sexual como transformação de menina para mulher:

“Eu lembro que eu chorei muito assim, durante e depois, só chorava. E eu acho que foi exatamente isso, de me ver mulher, eu lembro que eu tomei um susto assim quando o negócio entrou, eu fiquei tão assustada...” (Priscila).

Além disso, esse discurso nos permite levantar a hipótese de que para ela foi muito sofrido “trair” essa mãe no sentido de crescer e não permanecer menininha, reforçando que a ambigüidade em relação à separação mãe-filha ocorre dos dois lados. De fato, é como se, inconscientemente, elas compactuassem no sentido de manter a Priscila na posição de filha, e por isso, ela sente-se mal ao quebrar esse pacto, quando se torna mulher e, talvez, também inconscientemente, venha a rivalizar com essa mãe, uma vez que as duas são agora adultas.

Outro aspecto que chama atenção nessa fala é a frase: “o negócio entrou, eu fiquei tão assustada...”, esse “entrar” e “assustar”, de certa maneira, concretizam a ruptura desse acordo entre mãe e filha. Além disso, se refere ao pênis como “negócio”. Tal fato, nos remete a uma criança, que tem vergonha de nomear o órgão ou então de uma raiva e um nojo (que puderam ser observados também na feição e na voz que utilizou nesse momento da entrevista), em relação ao pênis como se fosse ele o culpado pela transformação e conseqüente separação.

Priscila traz também que, após sua primeira vez com o namorado, passou um tempo sem querer transar o que também contribuiu, segundo ela, para que a relação terminasse. Assim, relembra que sentia, na época do término, certa rejeição por ele, e nesse sentido poderíamos supor que ela projetou sua raiva nele, que acabou ficando como representante de toda essa situação: “... na verdade eu terminei com esse e aí eu tava com um puta bode dele, não podia olhar na cara, falava o nome e me dava “nhaca”....”

Em relação a essa ruptura na ligação entre mãe e filha, Deustch (apud Chodorow, 1990) nos diz que como tentativa de diferenciar-se e de individuar-se: “a menina se torna frequentemente crítica de sua família, em especial de sua mãe, e pode idealizar a mãe ou a família de um amigo”. Chodorow complementa que “como anteriormente, ela tenta solucionar sua dependência e senso de unicidades ambivalentes projetando os bons e maus aspectos dos objetos; sua mãe e a casa representam os maus e o mundo extrafamiliar os bons aspectos” (p. 174).

Essa busca pela diferenciação do ambiente familiar fica evidente no discurso de Karina, inclusive em relação a quando ela se viu adolescente e não mais criança, desejando mudar de escola. Sobre esse momento comenta: “Foi quando eu tive que procurar alguma coisa que tivesse a minha cara, então eu fui procurar qual era essa nova cara...”.

Entrevistadora: E como você se via nessa época?

Karina: Eu me via com muito potencial e um caminho já traçado... bem “patricinha” (...) O que a minha família mais ou menos é. Mas tinha um desejo muito forte de não percorrer o que já tava meio estabelecido...

E especificamente em relação à separação materna, temos esse trecho como exemplo:

Entrevistadora: Você acha que você era mais próxima de quem nessa época? (quando se viu adolescente).

Karina: Eu era muito próxima do meu pai já, da minha mãe não muito, a gente brigava muito na época.

Provavelmente os desejos ambíguos entre mãe e filha, característicos da reedição edípica do período adolescente, refletiam a necessidade de Karina em diferenciar-se, separando-se de sua mãe e o mesmo acontecendo desta em relação à filha.

Por outro lado, temos o discurso de Juliana, que foge totalmente desse padrão. Se por um lado, ela demonstra valorizar independência e autonomia indo em busca de ambas, o mesmo não acontece emocionalmente em relação à sua sexualidade.

Relembrando os dois momentos em que um pai é da maior importância para o desenvolvimento heterossexual de sua filha: período edípico e início da adolescência, vez que são estes os momentos em que a menina estaria concluindo a transição para uma sexualidade adulta, o fato de seus pais terem se separado quando Juliana tinha dois anos e de seu pai ter morrido quando ela tinha nove, certamente contribuiu para que ela se desviasse desse modelo.

Como já vimos neste trabalho, a maioria dos psicanalistas concordam com a idéia de que o papel desempenhado pelo pai poderia ser cumprido por qualquer figura secundária de qualquer gênero no cuidado dos filhos. No entanto, apesar de sua mãe ter se casado novamente, Juliana não aponta o novo marido da mãe como alguém que exerceu a função paterna, ao contrário, sempre deixou muito claro que sua relação forte acontecia apenas com a mãe. Quando questionada a respeito de quem ela é mais próxima, responde:

Juliana: “Ah, da minha mãe, sempre da minha mãe. Porque assim meu pai morreu quando eu tinha nove anos. E era só eu meu pai e minha mãe, eles já eram separados, então era muito eu e minha mãe.

Entrevistadora: Você é filha única?

Juliana: “Era, agora tenho um irmão de três anos. Mas sempre foi eu e minha mãe porque eles se separaram quando eu tinha dois anos. Então tipo eu e minha mãe, minha mãe, minha vó também... E lógico, amigos entendeu, mas assim, aquela hora que você precisa, sempre com a mãe, sempre familiar, então eu e minha mãe porque meu pai já tinha morrido”

A partir desses dados podemos levantar algumas hipóteses, como um exercício de reflexão, a respeito da dificuldade que ela tem de se ver como mulher. Vale ressaltar que não é possível fazer afirmações uma vez que nos faltam informações, no entanto, podemos “brincar” com os pensamentos.

Desse modo, primeiro em relação à separação dos pais, ela estava vivenciando o pré-édipo, quando a menina deseja fortemente a mãe ou posteriormente no édipo apenas o

pai, não querendo dividir um com o outro. Dessa maneira, talvez ela tenha vivenciado a separação dos pais como algo que aconteceu devido a esse seu desejo, o que possivelmente a levaria a sentir profunda culpa inconsciente por separá-los.

Além disso, quando o pai morre, de alguma maneira reforça sua ligação com a mãe, intensificando-a mais ainda. E assim, ela acabou por desenvolver um relacionamento fusional com esta, ficando imersa num universo feminino. A partir dessas considerações, poderíamos sugerir que praticamente a vida toda ela manteve uma relação de filha para com a mãe e talvez na sua fantasia inconsciente, tornar-se mulher seria destruir ou matar essa relação e conseqüentemente, sua mãe; é como se não houvesse espaço para duas mulheres adultas nessa família.

Tal afirmação é reforçada em seu discurso à medida em que ela demonstra o tempo todo ter uma visão infantil a respeito do sexo, chegando a dizer literalmente que, em sua opinião, é coisa de “gente grande” e, uma vez que não se vê como adulta não se permite vivenciar essa experiência com tranqüilidade:

“(...) mas eu não achava que não era a hora. Porque ia... eu achava que era uma coisa de gente grande e eu não me achava gente grande, entendeu, eu achava meio isso assim, aí demorou...”

Essa falta de naturalidade e tranqüilidade em lidar com a própria sexualidade acaba por se refletir em seu discurso, chamando-nos a atenção o fato de não ter, ao menos uma vez, se referido ao prazer, sensualidade, sua relação com seu corpo, questões próprias da feminilidade, reafirmando sua posição infantilizada.

Essa outra afirmação representa esse conflito interno, entre querer e achar que não pode, ou deve, nos remetendo novamente à desarmonia entre sentir, pensar e agir:

“(...) aí eu fui ficando com curiosidade, mas assim eu era tão, tão, não noiada, mas eu pensava tanto que comigo não era a hora então eu afastava. Mas eu, eu ah, tinha curiosidade e com o tempo fui ficando com vontade, mas eu ficava: ah não, não posso”.

Outro diálogo que chama muito a atenção diz respeito ao momento em que a entrevistadora lhe pede para tentar explicar o que ou porque ela acha ou achava que não deveria que não poderia:

Entrevistadora: Mas por que você acha que não é certo? Você consegue explicar?

Juliana: É como se eu fosse criança que fala “é feio”, não sei, tipo eu não tenho nenhum trauma sabe, mas é como se eu tivesse, sei lá.

Quando ela própria verbaliza que se vê criança frente ao sexo e diz que “é feio,” nos lembramos do conceito kleiniano de figuras combinadas, no qual a criança fantasia a respeito dos pais, ou qualquer outro casal, fazendo sexo numa situação na qual não consegue distinguir o que é mãe e o que é pai, uma vez que o casal está totalmente misturado: a mãe come o pai, o pai come a mãe ou o pai urina dentro da mãe, etc. o que

acaba sendo vivido internamente como uma circunstância muito ameaçadora e aterrorizante, sentida como uma agressão entre ambos.

Ou então, essa colocação de Juliana, também nos leva a seguinte analogia: crianças que olham “sem querer” pelo buraco da fechadura do quarto dos pais enquanto estes estão tendo relações sexuais e sentem-se envergonhadas, assustadas e, principalmente culpadas, a respeito do que vêem. Assim, atribuem diversas fantasias, e, por não compreenderem exatamente o que está acontecendo, dão o significado de algo sujo, feio e inadequado.

Jogando novamente com a palavra familiaridade podemos refletir a respeito de uma outra questão trazida pelas participantes: familiaridade *versus* experiência: elas têm a familiaridade com a sexualidade através da televisão, de livros, revistas, filmes, etc., mas não têm a prática. Isto é, na hora “H” de nada adianta ter visto ou lido em algum lugar, pois experiência não se transmite uma vez que cada ser humano é único e assim o modo como vivencia determinada situação é singular.

“... você já leu livros, suas amigas já te contaram, mas quando é com você, é super assustador...” (Priscila).

6.3 Singularidade ou Sentimento de Pertinência?

"Foi meio curiosidade e meio vontade, tinha curiosidade de saber como era porque "pô" é uma coisa que você pode ver num filme, pode ler numa revista, mas sentir é totalmente diferente..." (Juliana).

Todas elas validaram ao longo das entrevistas, de alguma maneira, a experiência da primeira vez, e ainda demonstraram sentimentos agradáveis associados a essa lembrança:

"Muito abrigo, eu dentro de mim..." (Karina).

"Não, todo mundo fala que a primeira vez foi horrível podia mudar isso ou aquilo eu não. Não foi nada ruim, foi bom" (Laura).

"Ah eu acho gostoso, ah tipo alegria os dois se descobrindo (...) ah eu gosto de lembrar, acho muito gostoso" (Juliana).

Em alguns casos, como Laura, Priscila e Karina, houve a generalização de seus pensamentos no sentido de identificar-se com suas semelhantes, como recurso para essa validação, a fim de sentirem-se bem com elas mesmas em relação ao grupo social em que estão inseridas.

"... mas são coisas que vêm à cabeça de todas as mulheres" (Laura).

"Mas acho que para todo mundo é estranho" (Priscila).

"Toda mulher, por ser mulher, tanto faz se é orgânico, o que for a gente tem uma coisa forte de intimidade com o sagrado..." (Karina).

Percebemos também nessa colocação de Karina, a importância que ela dá para a sexualidade, ela é sagrada. De um modo geral a sexualidade é por elas colocada numa posição de muito destaque, carregada de significados tanto no âmbito subjetivo como no âmbito social. Enquanto o significado principal por elas atribuído foi o da transformação de menina em mulher, o sentido que ganha o sexo em suas vidas é de complementação da intimidade, integração e união do casal.

Assim, a intimidade, a confiança e o diálogo são supervalorizados, mas não tanto como pré-requisitos para a construção de um relacionamento que priorize a troca afetiva e que tenha a satisfação de ambas as partes como condição para manter a relação, bem como a possibilidade do prazer pelo prazer, como vimos nos novos conceitos elaborados por Giddens (1993). Na realidade, esses pré-requisitos visam ainda que de maneira mais amena do que no passado, construir uma relação enraizada nos princípios do ideal de amor romântico, segundo o qual a mulher busca sua completude em um outro idealizado.

As participantes desta pesquisa se encontram transitando por entre esses dois espaços, tendendo ora para a completude, ora para a simetria. Completude enquanto representante dos resquícios do ideal de amor romântico e simetria como representante do

conceito de amor confluente em que há abertura de um ao outro, com trocas simétricas entre o dar e o receber.

A mudança que ocorreu, na realidade, a partir de todas as transformações do contexto social, principalmente em relação à mulher pode até ter amenizado ou mesmo abolido alguns preconceitos e questões relativas à sua sexualidade, mas acabaram por suscitar outros. Nesse sentido, percebemos que a livre escolha ainda é utópica, na medida em que as participantes apresentaram-se aprisionadas por fantasias subjetivas internas, projetadas ou não, e expectativas sociais, que revelam superposição de padrões arcaicos e modernos. Como parâmetro dessas expectativas sociais que normatizam a sexualidade, temos como representante principal o grupo de amigo (a)s. E uma das principais normas, por ele estabelecida é a convenção de que existe uma idade limite, ainda não claramente determinada, para se perder a virgindade. Mulheres por volta dos seus 20 anos, já são consideradas “atrasadas”, e, portanto acabam se sentindo pressionadas, seja internamente seja pelo grupo a transar pela primeira vez.

Desse modo, não são capazes de desfrutar dessa primeira vez, vivenciando-a como uma obrigação no sentido de se livrar do rótulo da “virgindade”, ficando o prazer postergado para o futuro, seja na mesma relação ou numa posterior.

Observamos também que o tipo de relação com a mãe e o com o pai interfere diretamente na maneira como a adolescente vai construir subjetivamente sua sexualidade e o modo como vai encará-la. Através da reedição do Édipo durante a adolescência a ligação entre a menina e a mãe se faz intensas, e ambas apresentam sentimentos ambíguos quanto ao “crescimento” da primeira. É aí que, a relação com o pai entra e passa a influenciar, contribuindo, ou não, para o processo de individuação e independência da menina em relação à sua mãe e, de maneira geral, à sua família, buscando um objeto de amor para além desta. Relacionando essa passagem ao significado atribuído, pelas entrevistadas, para a primeira vez - transformação de menina em mulher – temos o seguinte raciocínio: a menina mantém a ligação intensa com sua mãe e, nesse momento, busca um parceiro sexual que ainda represente seu núcleo familiar, alguém mais como um irmão ou amigo, que seria o representante do pai, isto é do papel que ele desempenha na relação entre mãe e filha. Através da concretização do ato sexual essa ligação se desfaz e a menina se vê mulher, desejando então buscar seu prazer na relação com um homem, para além da família.

Ou seja, a menina abandona seu objeto de amor familiar (pai) em busca de um objeto de amor extra-familiar. Em alguns casos, não há espaço para duas mulheres na mesma família e assim a menina não se permite tornar-se mulher, infantilizando-se frente ao sexo.

Assim, a partir de toda essa análise, no que diz respeito à sexualidade concordo com Gaiarsa (apud Lins, 1948) quando este diz: “Só seremos sexualmente satisfeitos no dia em que pudermos ter relações sexuais quando tivermos vontade, com quem tivermos vontade do modo que for melhor para mim e para ela aqui e agora” (p.248).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero importante abrir esse capítulo comentando as dificuldades que tive desde o início de minha pesquisa para recrutar as participantes. Como o tema da minha pesquisa é realmente íntimo, havia uma dificuldade no sentido de saber se a pessoa convidada era ou não virgem, afinal não saímos por aí perguntando: “Oi, prazer, você já teve sua primeira vez?”. Assim, como mencionei no capítulo do método, procurei através do meu círculo de amizades, conhecidas de conhecidas, pretendendo garantir com isso que as minhas conhecidas pudessem conhecer outras pessoas as quais eu não conhecesse, de maneira profunda, a ponto de saberem se eram ou não virgens e assim comentar sobre a minha pesquisa para que posteriormente eu mesma pudesse entrar em contato, convidando-as.

Percebi que as minhas conhecidas, por mim encarregadas ou que se ofereceram para recrutar as participantes, muitas vezes não se sentiam à vontade para explicar o objetivo da minha pesquisa, acredito que por causa do próprio tema. Como percebi isso? Quando entrava em contato por telefone, me apresentando, elas ao me reconhecerem diziam: “ah, fulana de tal falou mesmo sobre o seu TCC, é sobre a mulher, né?”. Algumas que de início haviam se mostrado super solícitas, começaram a apresentar dificuldades, como por exemplo, não encontrando tempo disponível, ou desmarcando inúmeras vezes cada hora por um motivo diferente.

Esse não foi o caso das quatro participantes que aqui estão, pois como as apresentei no capítulo anterior, todas aceitaram de imediato. E ainda me pareceu que, para todas, a possibilidade de relembrar e relatar suas vivências foi muito agradável e até mesmo gratificante. Pude perceber isso no modo como as entrevistas fluíram, e acho que assim como eu me senti muito à vontade, elas também se sentiram.

A idéia inicial do meu trabalho era construir uma comparação entre as classes mais altas e as classes mais baixas, em relação ao modo como as adolescentes lidam com a sua primeira vez, buscando compreender como se dão as diferenças e semelhanças. Por uma questão de falta de tempo e dificuldade em encontrar participantes que representassem as classes mais baixas, acabei por modificar, escolhendo apenas a classe média, que é considerada formadora de opinião.

O que de fato eu queria investigar por meio deste trabalho, a princípio, era se, hoje em dia, mesmo com todas as transformações que nossa sociedade sofreu e com todos os estímulos que incentivam o exercício de uma sexualidade mais livre e menos culpada, as adolescentes se mostram ainda retraídas e reprimidas sexualmente. E se a resposta fosse positiva, descobrir como e por quê?

O resultado que encontrei correspondeu à minha expectativa em alguns aspectos e me surpreendeu em outros. Por exemplo, de fato ainda percebemos hoje que as

adolescentes encontram-se, em algum grau, aprisionadas a valores e concepções internas e externas antigas. Mas me surpreendeu entender que outros preconceitos todas as transformações sociais trouxeram. Em relação à subjetividade, minhas expectativas se confirmaram completamente num aspecto: em sua maioria a sexualidade é um tabu entre mães e filhas.

Acredito que a transformação de menina em mulher, questão central em seus discursos, é realmente dolorosa para todas. A adolescência é um período de vários lutos, por exemplo, pela perda do corpo infantil, dos pais na infância e, a concretização dessa transformação através do ato sexual, também gera um outro luto: a perda do papel e da identidade infantis. Não que os núcleos infantis e primitivos desapareçam para sempre, afinal se acreditasse em tal afirmação, o que seria da clínica psicanalítica com adultos?!

Estes lutos são vividos pelas duas gerações, pois à medida que as filhas tornam-se mulheres seus pais se confrontam com seu envelhecimento, com transformações na sua vida sexual e amorosa, com o que construíram e com o que pretendem ainda construir.

Chamaram-me também a atenção os sentidos atribuídos à sexualidade, que em geral excluem o desejo e o prazer, referindo-se à intimidade e ao amor, inclusive à vivência do sagrado. Como já apontei anteriormente, as idealizações e concepções relativas ao amor romântico persistem apesar de todas as transformações. Talvez, como disse Figueira (1987), a subjetividade, de fato, não acompanha a aceleração destas mudanças. Estas meninas despedem-se de sua infância, construindo e projetando as mulheres que serão e, nesse sentido, não é fácil se transformar quando tudo à nossa volta se transforma: a família, os amigos, a sociedade!

Suporte e acolhimento são necessários e nós, como psicólogos, temos responsabilidade nesse processo, tanto no nível micro, da subjetividade, como no macro, relativo ao social: valores, normas e representações.

A atualização das informações relativas ao nosso foco de interesse são relevantes na clínica (individual, de casal e família), e, também, na promoção de saúde, sugerindo intervenções em instituições como escolas, por exemplo, e até orientações à mídia no sentido de veicular uma ideologia mais consistente e que respalde as transformações pessoais e das relações, promovendo o crescimento dos indivíduos.

Acredito que foi muito importante, embora complexo, articular subjetividade e cultura para compreender o ser humano, pois não se pode separá-lo de seus contextos proximais e distais.

Por fim, gostaria de falar sobre um aspecto que me chamou muita atenção nos discursos das participantes, mas que não foi por mim, nesta pesquisa, explorado: a fantasia de gravidez que todas apresentaram, em alguma medida, mesmo se prevenido através de métodos anticoncepcionais.

Sugiro mais pesquisas a respeito, pois, em minha opinião, é no mínimo curioso o fato de que, mesmo tendo acesso à cultura e à educação, tendo todos os tipos de informações a seu alcance, elas se mostrem desconfiadas e inseguras em relação aos métodos anticoncepcionais, utilizando como argumento para a não realização do ato sexual, o medo de engravidar.

Este trabalho não esgota o tema, profundo e amplo, mas é um exercício de reflexão que me permitiu “transitar” pelos fundamentos teóricos escolhidos, percebendo toda a sua riqueza e complexidade.

Ao longo do caminho que percorri para realizá-lo escutei de muitas pessoas que o tema escolhido era “batido” e desatualizado. Ao contrário, pude perceber que, de fato, “a primeira vez” é, pelo menos para as mulheres, um tema atual que marca suas vidas de modo a atravessá-la em diversos momentos, de inúmeras formas. Assim, nunca será esgotado e merece sempre ser atualizado mediante o ritmo acelerado das transformações que sofremos no decorrer de nossa existência, tanto no âmbito subjetivo como no social.

Referências Bibliográficas

ABREU, Izabel Ramos. Ficar e namoro: as relações afetivas em jovens no início do século XXI. São Paulo, 2004.137p. Trabalho de conclusão de curso. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. Psicol. cienc. prof. [online]. jun. 2002, vol.22, no.2 [citado 17 Agosto 2008], p.70-77. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893.

BARDIN,L. (1979). Análise de conteúdo. Lisboa:Edições 70.

BLOS, Peter. Adolescência: uma interpretação psicanalítica. Martins Fontes: São Paulo, 1985.

CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual - Essa nossa (des)conhecida. 4ed. São Paulo: editora Brasiliense, 1984.

CHORODOW, Nancy. Psicanálise da maternidade – Uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1990.

DESSER, Nanete Ávila - Adolescência Sexualidade e Culpa. Rio de Janeiro:Editora Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade Brasília, 1993.

Eduardo Ponte Brandão. A psicanálise em face das articulações contemporâneas entre aliança e sexualidade. In: ESTADOS GERIAS DA PSICANÁLISE: SEGUNDO ENCONTRO MUNDIAL, 2, 2003, Rio de Janeiro. A Psicanálise em face das articulações contemporâneas entre aliança e sexualidade. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5d_Ponte_110141003_port.pdf Acesso em: 28 mar. 2008

Figueira, S.A. (1987). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira. In: S.A. Figueira(Org), Uma nova família? (pp.11-30). Rio de Janeiro: Zahar

FREUD, Sigmundo (1901-1905). Os três Ensaios Sobre a Sexualidade. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1923-1925). O Ego e o Id e outros trabalhos. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1927-1931). Sexualidade Feminina. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1932-1936). Feminilidade. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, Anthony. A transformação da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GUBA,E.G.& LINCOLN,Y.S.(1994). Competing paradigms in qualitative research. Em N.K.Denzin & Y.S.LINCOLN (Orgs.), Handbook of qualitative research (pp.105-117). London: Sage Publications.

LINS, Regina Navarro (1948). A cama na Varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Ed.rev e ampl. Rio de janeiro: Best Seller, 2007.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.C.S. (1998). O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. Rio de janeiro, São Paulo: Ed Hucitec-Abrasco

MOON,S.M.(1990) Family therapy and qualitativa research. Journal of marital and family therapy, 16 (4), pp. 357-373.

CHASSEGUET - SMIRGEL, J. e colaboradores. Sexualidade feminina – uma abordagem contemporânea. Porto Alegre: Ed. Artes Médica, 1988.

SOUZA, Eros de e col. A construção social dos papéis sexuais femininos. Psicol. Reflex. Crit. Porto Alegre, 2000, vol 13, no. 3,. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300016&script=sci_arttext&tlng=pt>. ISSN 0102-7972

Anexo I

Entrevista semi-dirigida

→ Idade
→ Escolaridade
→ Profissão
→ Em que momento da sua vida você percebeu que estava passando de criança a adolescente?
→ Como você se via nessa época?
→ Como você pensa que as pessoas mais próximas de você te percebiam? (familiares, amigos, etc.)
→ Quais as pessoas que você tinha maior intimidade? Elas mudaram durante os últimos anos?
→ Quando foi seu primeiro namoro?
→ Quem era ele?
→ O que mais te atraiu nele?
→ O que você acha que fez com que ele quisesse te namorar?
→ Como foi o processo desse namoro? Como era o namoro? (o que faziam, com quem, aonde iam, a intimidade, etc.).
→ O que é sexualidade para você?
→ Como você enxerga a relação sexual, o que ela representa para você?
→ Como foi a sua primeira relação sexual?

- Quantos anos você tinha?
- Quem foi o parceiro?
- Onde aconteceu?

→ Você conversou com alguém depois? Com quem?

- Médico
- Irmãos
- Pais
- Amigos
- Namorados/ parceiros

→ Quais os fatores que a levaram a sua primeira vez?
→ Quais os sentimentos que você lembra ter sentido?
→ Por que você acha que se sentiu assim?
→ E quais são os sentimentos associados a essa lembrança, são iguais, diferentes? Por quê?
→ Você mudaria algo? O que? Por quê?

Anexo II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG_____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado “Um estudo sobre as diferenças e semelhanças no modo como as adolescentes de classe baixa e de classe média/alta vivenciam o início de suas relações sexuais”, desenvolvido pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fui informada, ainda, que a pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Flavia Arantes Hime, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 36708320.

Afirmo que aceitei participar por minha vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender as intersecções entre a construção subjetiva da sexualidade da adolescente e as influencias da sociedade, em que está inserida, na sua subjetividade.

Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicada, poderei contatar o pesquisador responsável ou seu orientador, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP.

A pesquisadora principal do estudo me ofereceu uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Fui ainda informada de que posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

São Paulo, _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura do aluno pesquisador_____

Assinatura da orientadora_____